

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1938

ANNO VII

N.º 7

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ADALGIZA NERY — ALBERTO DE PAULA RODRIGUES

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA

BENJAMIN DE GARAY — CORREA DE SA

JOSÉ LINS DO REGO

PEREGRINO JUNIOR — RENATO ALMEIDA

RENATO MENDONÇA — SERGIO SOARES

NESTE NUMERO

Secções de:

CINEMA,
MUSICA
e THEATRO

Corre: ondencia de
PORTUGAL



NESTE NUMERO :

"JANTARES"

Folhetim de
FRANÇA JUNIOR

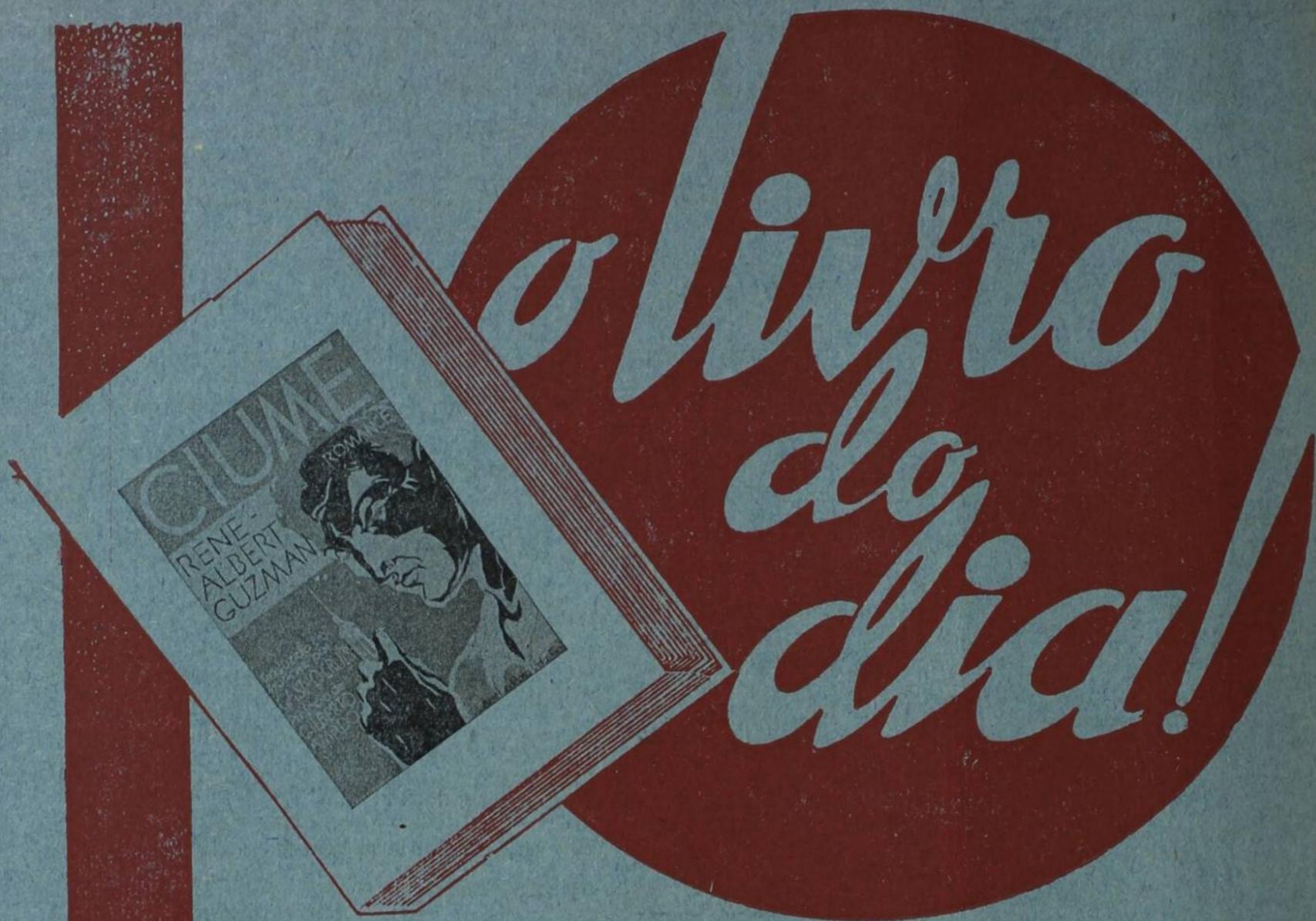
"O PÃO QUE O DIABO
AMASSA"

Conto de
OCTAVIO DE TEFFÉ

"A GLORIA NO CIRCO"

Conto inédito de
JOSUÉ DE CASTRO

PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



O Livro do Dia!

5.^a EDIÇÃO (12.000 exemplares)
DE UM PRODIGIOSO ROMANCE DE AMOR E CIUME
QUE SE TORNOU O MAIOR
SUCESSO DE LIVRARIA
DOS ULTIMOS TEMPOS.



Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'*O Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Lettras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de lettras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro. b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçado: a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM)

ADRESSE

VILLE.....ETAT.....

déclare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat-postal, par lettre chargée,

par porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simple	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simple	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

- Na França — *Sra. Picard-Loewy* — Paris
Em Portugal — *Sr. Osorio de Oliveira* — Lisboa
No Rio Grande do Sul — *Sr. Paulo Arinos* — P. Alegre
Em S. Paulo — *Dr. Wladimir Malheiros* — S. Paulo
Em Minas Geraes — *Dr. Guilhermino Cesar* — Bello Horizonte
Em Pernambuco — *Dr. Aderbal Jurema* — Recife
Na Bahia — *Dr. Aydano Couto Ferraz* — Bahia
Em Alagoas — *Dr. Raul Lima* — Maceió
Na Parahyba do Norte — *Dr. Adhemar Vidal* — João Pessoa
No Ceará — *Sr. Affonso Banhos* — Fortaleza
No Pará — *Dr. Gastão Vieira* — Belém
No Amazonas — *Dr. Araujo Lima* — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1o.

Tel. 22-1406 — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
"BOLETIM DE ARIEL"

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por «Ariel, Editora Ltda.», quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo «EDICÇÕES ARIEL», na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

«BOLETIM DE ARIEL» ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Cóрте e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º. — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar - RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....
.....
.....
.....
.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....
.....
.....



BOLETIM de ARIEL

MENSARIO CRITICO - BIBLIOGRAPHICO

LETRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO:

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda Reis

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

CASTRO ALVES

Nenhum poeta teve a fortuna de commover tão profundamente a alma nacional como Castro Alves.

A sua poesia ardente, o lyrismo intensamente brasileiro, a mocidade gloriosa, o ideal abolicionista, tudo o predestinou. A sua criação de imagens, rica, abundante e hyperbolica foi, no tempo, um deslumbramento e, se aespreamos hoje os excessos que nos parecem pittorescos ou ridiculos, reconhecemos o impeto e a poesia. Porque nelle havia um transbordamento continuo de força lyrica, por onde se communicava com o espirito brasileiro, absorvendo-o e transfigurando-o. Teve, por isso, a admiração unanime, o entusiasmo de todos e foi, assim, o nosso maior poeta.

Não importa que outros fossem mais perfeitos, mais originaes, mais profundos. Castro Alves, no seu tumulto, integrou-se, absolutamente, na alma brasileira.

Gonçalves Dias procurou o symbolo e transportou a sua poesia para uma expressão particular. Castro Alves utilizou todos os instrumentos ao seu alcance, acceitou todos os dados que a existencia lhe offereceu e foi chaotico, como o proprio meio e a propria terra.

A primeira impressão que nos dá essa poesia vem da imagem. Elle não possui a realidade directamente, mas através de um mundo de comparações, em que tudo se transforma e se transmuda, para servir á sua poesia, dentro das intenções que o inspiram. E' o methodo romantico, que Victor Hugo, a sua mais poderosa influencia, levou tambem a incalculaveis extremos. E Castro Alves não tinha, elle proprio, força para dominar a imagem, tornal-a adequada siquer ao pensamento. Vagava com ella, levado pela corrente declamatoria, fascinado e vencido.

Dahi os excessos e emphases, absurdos e monstruosidades, em que deuses, heroes, mundos, universos — que sabemos? — tudo era uma caixa de brinquedos na imaginação do poeta. Mas, reconhecendo que quasi todas essas imagens hoje só provocam o riso, sem força para commover, que muitas são dis-

parates enormes, é indiscutivel que paira, em tudo, uma poesia ardente, ás vezes maravilhosa.

Uma coisa, porém, entrava a naturalidade das suas comparações mesmo absurdas. E' o pedantismo da erudição, aliás muito peculiar aos romanticsos. Parecia soffregos para mostrar tuão que sabia. Na sua ode exaltada a Pedro Ivo, ha um mostruario de figuras da Revolução Franceza: Robespierre, Danton, Mirabeau, Vergniaud, todas transportadas para o scenario da revolução praieira. E apparecem ainda no poema, Jacob, Homero, os Gracchos, Lucrecia Borgia, Napoleão, Jove, alem de Deus e do diabo. Por certo, na época, esse processo artificial e facil lhe valeu grandes entusiasmos, deslumbrando os meios provincianos da Bahia, do Recife e de São Paulo; mas elle não pode, ou não teve tempo de se libertar dessa nefasta preocupação. Transportava-se extranhamente ás referencias de cada idéa e, por uma curiosa associação, ia evocando, na sua eloquencia desmedida, o que lhe parecia prosaico dizer com simplicidade. Ha verdadeiras periphrases de uma affectação insupportavel.

A campanha abolicionista teve, em Castro Alves, uma das suas vozes mais commovedoras. Antes delle, outros poetas já haviam verberado a escravatura e clamado pela libertação, mas nenhum com o impeto e a grandezza, que animam os seus versos. As «Vozes da Africa» e o «Navio Negreiro», pela emoção violenta, pelo realismo das descripções, pelo pathetico dos dramas, impressionaram profundamente a alma nacional. Mais uma vez, a arte realizou o supremo milagre. E, hoje, quando a emoção passou, quando os discursos, as conferencias, os artigos, todas as armas da luta estão inteiramente esquecidos, aquelles poemas de Castro Alves é que revivem a campanha. Elle ficou com a gloria de ter fixado imorredouramente a emoção daquella hora.

Por outro lado, Castro Alves encontrou, na abolição, o grande motivo da sua poesia. Quando o romantismo procurava a todo proposito abstracções para alongar as suas vozes de desespero, Castro Alves teve, directamente, na escravidão, o tema surpreendente

para o seu genio exaltado. E a sua poesia adquire, então um poder magnetico. De todo o tumulto de imagens, de todo aquelle palavreado, de toda aquella agitação poetica fica a impressão do martyrio do escravo e da angustia de liberdade, transfigurando a realidade terrivel, obscura e soffredora. Por certo os seus processos não se modificam, nem diminuem os delirios, mas a emoção é tão poderosa, que tudo observa, e a arte realiza integralmente o seu assignio.

Os poemas de amor de Castro Alves têm uma infinda suggestão, nascida do lyrismo apaixonado, da poesia sincera e profunda.

A emoção de «Boa Noite».

Boa noite Maria! eu vou-me embora
A lua nas janellas bate em cheio,
Boa noite, Maria! E' tarde, é tarde...
Não me apertes assim contra o teu seio.

E assim o poema segue apaixonado e voluptuoso e seu rythmo encanta. Que importa o peito de Maria, ora «mar», depois «lua», mais tarde instrumento de teclas? O que subsiste é o enleio mysterioso, que vem da poesia vaga, indifferente e acima dos caprichos do poeta. Às vezes, porém, tudo se compromette na materia inferior, como naquelle incrível «Laço de Fita», na pieguice do «Coração», «Colibri dourado», na vulgaridade do «Adeus» de Thereza, ou na chimica complicada dos «Perfumes», em que o poeta nos diz que, quando as flores morrem, as suas almas emigram para as bellas.

Trocam labios de virgens — por boninas,
Trocam lyrios — por seios de donzella!

Da lyrica de Castro Alves perdura, porém, a paixão perpetua e a volupia ardorosa, que dominam o mau gosto das imagens e expressões empoladas e das tiradas pernesticas. Ha um fluido communicativo de amor, que immortaliza esses poemas, na sensibilidade brasileira. Ao meio da confusa declamação, «refulgem, de trecho a trecho, imagens de formosura atrevida», que se vão atropellar no jogo das antitheses, no abuso das comparações e no tumulto infrene da sua eloquencia campanuda.

Nós, hoje, comprehendemos e explicamos Castro Alves. Todas as reacções passaram, mas nós continuamos a sentir Castro Alves, como o poeta — elle diria o bardo — mais authenticamente brasileiro. Seus excessos são o espectáculo de exaltação que nos cerca, da imaginação transbordante, que se compraz em deformar, pela eloquencia, uma realidade que não pode dominar. Assim, a sua poesia se funde com o proprio sentimento do paiz, se junta ás grandes forças mysteriosas da terra, de que foi um surpreendente adivinho.

Casemiro de Abreu, sem duvida, foi tambem profundamente brasileiro, mas sem a totalidade de Castro Alves. O Brasil será a tristeza e a melancolia da Primavera, mas, por igual, o entusiasmo, a eloquencia, o devaneio de Castro Alves. Casemiro de Abreu ficará como o poeta simples da tristeza brasileira e o elevam os que tentam circunscrever o Brasil num espectáculo de desalento e nostalgia, que

nos condemnasse a uma eterna desillusão. Não o julgam, porem, uma expressão total da alma brasileira os que querem orientar a obra moderna numa construcção dinamica, que despreza a melancolia, o desengano, a simplicidade primitiva. Estes sentem, no rythmo de Castro Alves, um reflexo deste Brasil.

Que resta hoje da poesia de Castro Alves? E' embaraçosa a pergunta e, tratando-se de um poeta que penetrou na alma popular, difficilmente se poderá responder. Mas, se limitarmos a pergunta para saber, apenas, que projecção tem tido na intelligencia brasileira, talvez seja possivel chegar a conclusões verdadeiras. Impressiona, em Castro Alves, a frescura e espontaneidade, a torrente lyrica e o vigor da eloquencia. Nada disso foi limpido, mas tudo foi sincero e forte.

Ha uma essencia poetica admiravel, que sobreviva e emocionará para sempre a alma brasileira. A reacção parnasiana, que procurou, pela medida importada e pela frieza plastica, refrear a eloquencia e o entusiasmo, que estão no fundo da psyché nacional, não vingou e estamos mais proximo de Castro Alves do que de Raymundo Corrêa ou de Olavo Bilac. E, ainda assim, os nossos parnasianos refugiram, pelo temperamento, ao classicismo da escola. Raymundo Corrêa, pela inquietação espiritual; Olavo Bilac, pelo ardor e pelo sensualismo; Alberto de Oliveira, pelo pantheismo amoroso. Mas, houve o preconceito da fórma, que buscava insensibilizar as manifestações livres da nossa poesia. Por isso mesmo, a vibração de Castro Alves é uma desforra.

Não será extensa a parte viva de sua obra, mas os poemas, que resistem ao tempo, exprimem fielmente o lyrismo brasileiro, sendo que muitos dos seus excessos vêm, por igual, do meio, que procura traduzir. O espirito moderno reconhece, na poesia de Castro Alves, uma voz sincera da terra brasileira, uma expressão legitima do seu entusiasmo criador e da ardente imaginação, com que concebe a realidade. E esse abstracto poetico é que perdura, na sua obra extraordinaria, escripta aos vinte annos.

RENATO ALMEIDA

A ALMA

A alma não é mais
que transcendente imagem
de tudo quanto abrange
a luz do nosso olhar.
E' o retrato perfeito
e fiel duma paizagem:
tem uma serra ao fundo, e, depois della, o mar.

TEIXEIRA DE PASCHOAES

— René Doumic e Raul Ponchon morreram no mesmo dia. Um era o grave director da *Revista dos Dois Mundos* e o não menos grave secretario perpetuo da Academia Franca. Criticava os autores procurando-lhes acima de tudo a utilidade social. O outro era um rimador de canções bacchicas, muito assiduo aos logares onde houvesse comidas salgadas e vinho fresco. Contentou-se com um logar na Academia Goncourt e aos poetas e prosadores não pedia senão que creassem belleza, indifferente aos dogmas e aos mythos moraes de qualquer especie. Vê-se que os dois não se assemelhavam muito...

UM TRATADO DE PHYSIOLOGIA

Este solido *Tratado Elementar de Physiologia*, do Professor Miguel Osorio de Almeida, cujo primeiro tomo acaba de apparecer, pode ser considerado uma das obras fundamentaes da nossa bibliographia universitaria.

O universitario brasileiro antigamente estudava em livros francezes: depois passou a estudar em livros allemães traduzidos para o hespanhol. Poucos eram os compendios brasileiros que collocavam ao alcance do seu espirito certas noções fundamentaes. Para os estudantes de medicina havia, porém, um suplicio inacreditavel: certas «sebentas» ou notas de aulas, que elles decoravam ás pressas no fim do anno, para fazer exames.

Em geral, repositórios insupportaveis de noções erradas e mal escriptas. E os nossos mestres não amavam a tarefa, que julgavam talvez subalterna, de fazer livros didacticos. Só nos ultimos tempos foi que começaram a surgir entre nós, nos sectores do ensino medico, alguns livros dignos de leitura: a notavel *Semiotica Nervosa* de Aloysio de Castro; o *Tratado de Technica Operatoria* de Alfredo Monteiro etc. E mais recentemente o primeiro tomo do *Tratado Elementar de Physiologia* de Miguel Osorio. Como o proprio autor esclarece, este tratado, que se comporá de tres volumes, destina-se aos bons estudantes, aos medicos e a todos aquelles que, sem serem physiologistas, procuram em livro uma orientação solida e a exposição rapida e resumida do que ha de mais interessante e util nos conhecimentos adquiridos.

Espirito de uma lucidez mediterranea, Miguel Osorio é um expositor exemplar: sabe explicar os assumptos com clareza, methodo, simplicidade e certa graça que torna interessantes todas as questões que elle versa.

Evitando evidentemente as questões litigiosas e controversas, o autor dá-nos uma synthese nitida e perfeita das noções já estabelecidas no sector da Physiologia, e apoia suas opiniões e pontos de vista, não só n'uma solida cultura, mas tambem na experiencia pessoal do investigador. Tendo trocado por um

instante o laboratorio experimental, Miguel Osorio mostra que as duas actividades não são incompativeis, antes se completam.

Estou certo que este livro não seria tão interessante, nem tão util, se tivesse sido escripto por um physiologista que não estivesse habituado a lidar ao mesmo tempo no sector dos problemas theoreticos da sciencia e no campo movediço e seductor da investigação. Só assim, pôde elle, systematizando um corpo central de idéas e factos adquiridos, sem esquecer a lição da zona movel e ainda incerta da pesquisa, fazer obra accessivel e instrutiva.

Tributario do laboratorio experimental e da cathedra universitaria, este livro constitue contribuição importante para o prestigio da Physiologia Ibero-americana.

Já se pode falar hoje n'uma Physiologia Ibero-americana, como ainda ha pouco accentuava Lipschütz prefaciando o «Tratado de Endocrinologia» de Thales Martins. E já se pode falar n'uma Physiologia Ibero-americana porque no Brasil existem os irmãos Alvaro e Miguel Osorio de Almeida, na Argentina existe Houssay, no Mexico Ocarauza e no Chile está Lipschütz. Mas não é só isto: é possivel falar tambem em uma Physiologia Brasileira. Miguel e Alvaro Osorio, a cujo «labor entusiastico e brilhante» se deve a fundação, no Brasil, da Physiologia Experimental, têm hoje discipulos e seguidores em varios centros culturaes do paiz. E a equipe de physiologistas modernos, entre nós, é numerosa e brilhante: Thales Martins, Jayme Pereira, Franklim e Cantidio Moura Campos, Couto e Silva, Anisio Cerqueira Luz, alem dos irmãos Osorio de Almeida. Esses illustres pesquisadores, em geral contando com poucos recursos e com raros estímulos, têm realizado obra consideravel de investigação, conquistando situação de prestigio para o meio scientifico do Brasil nos mais importantes centros culturaes do mundo. Nem ha tratado de Physiologia, na hora actual, que omitta as pesquisas de Miguel e Alvaro Osorio. E a esses eminentes investigadores o que verdadeiramente interessa é a sciencia pura, isto é, o trabalho experimental, a

actividade silenciosa do laboratorio e da pesquisa.

Mas elles comprehenderam, sem duvida, que era preciso integrar o medico de hoje nos segredos da moderna Physiologia. A medicina actual está incorporando resolutamente ao seu patrimonio clinico e therapeuticos as contribuições mais recentes da Physiologia Experimental. Nem é possivel, na hora presente, fazer clinica, sem utilizar os ensinamentos da Physiologia. Os novos roteiros da Medicina Clinica são marcados pelo Laboratorio e pela experimentação. E na encruzilhada em que se encontra, diante de tantos caminhos novos, o medico, desde cêdo, tem que travar relações com os ensinamentos e os rumos ministrados pela Physiologia Experimental. O professor Miguel Osorio de Almeida, com a terrivel lucidez que lhe marca o espirito, comprehendeu isso sem esforço, e resolveu aproveitar os lazeres das suas actividades de pesquisador, para fazer um Tratado de Physiologia, para estudantes e medicos. Quer dizer: mobilizando a somma enorme dos seus conhecimentos, sem esquecer a experiencia adquirida no Laboratorio, o professor Miguel Osorio realizou obra oportuna e utilissima, dando-nos um livro cuja necessidade todos sentiamos. Só um physiologista que fosse tambem ao mesmo tempo um notavel professor e um grande escriptor, poderia realizar uma obra como esta, tão clara, tão solida e tão completa. Invejo, com franqueza, o destino dos estudantes de medicina de hoje, que podem formar o seu espirito, a sua cultura fundamental, no trato de livros como este, cuja leitura, de resto, aconselho calorosamente a medicos e leigos, porque é instrutiva, attraente e não raro apaixonante.

PEREGRINO JUNIOR

— A China, em sua lucta com o Japão, continúa a preoccupar o mundo, em geral amigo da terra de Confucio e dos placidos bebedores de chá. São assim de perfeita actualidade os volumes *Sagesse chinoise et philosophie chrétienne* e *Aux portes de la Chine*, ambos de H. Bernard. O segundo fala de missionarios do seculo XVI.

Uma tarde em Napoles com Aluizio Azevedo

Ha sempre algum interesse em rememorar factos passados em viagens, mormente quando ellas occorrem antes da guerra mundial, no tempo em que tão diversas eram das de hoje as condições reinantes do mundo.

Tudo então era facilidade e sobretudo absoluta tranquillidade para o brasileiro, que com umas duas dezenas de contos, no tempo do cambio a 15 e 16, podia percorrer muitos paizes estrangeiros e fixar-se em estudos de aperfeiçoamento nas grandes metropoles, com a condição naturalmente de não pretender estultamente salientar-se e merecer o apellido justo de *rastacouere*. A fama do *bresilien*, em Paris, já vinha de longos tempos, já Offenbach consagrara aos nossos patricios um typo caricato, na sua celebre revista: *La Vie Parisienne*, que assisti em *réprise*, em Paris, em 1908.

Para julgar das facilidades então encontradas, basta comparar os precalços de hoje com passaportes e alfandegas. Em 1907, 1908, 1910 e 1911 percorri 8 paizes da Europa e só tive que exhibir passaporte 2 vezes: uma para fixar-me a estudar em Berlim e outra para entrar no casino de Montecarlo. Sim, porque o Allemão sempre foi meticoloso no seu policiamento, suspeitando espião em toda a gente desde que mandava espião por toda parte...

O principado de Monaco vivia do jogo, mas só aos estrangeiros era permittido perder o dinheiro, que dava para a lista civil do Principe e todas as despesas do paiz, não sendo permittido aos naturaes, assim como aos habitantes do departamento dos Alpes Maritimos e aos funcionarios francezes, transpôr os umbraes do celebre Casino, então explorado por Mr. Blanc.

D'ahi dizerem os francezes: «*Rouge ou noir, le Blanc gagne toujours*». Que não se conclúa d'ahi ser eu um apaixonado de jogos de azar, pois que vi pela primeira vez uma rolêta em Monte Carlo e nella joguei pela primeira e ultima vez. Comprehando que o jogo só serve para os Mrs. Blancs ou então para os monegascos, que não podiam jogar e não pagavam impostos nem taxas quaesquer, visto como os jogadores estrangeiros contribuiam para as despesas publicas do seu minusculo, mas bem aventurado paiz.

Classificava eu então o gráo de civilização de um povo pelas exigencias dos seus guardas de alfandega. Inglaterra e Suissa, livre cambio. Italia, abrindo suas portas franca aos estrangeiros, que iam visitar o *bel paese*, antes que Mussolini, com suas declamações roucas, entre truismos, não se indignasse contra os forasteiros que consideram a Italia um paiz pitoresco. Na Allemanha e Austria, as autoridades apenas indagavam por tabacos, alcool e café, e confiavam na palavra dos viajantes sem remexer-lhes nas malas. Ai, porém, dos que fizessem afirmações falsas, que eram equiparadas a crime de perjuro. Apenas em escala pelos portos de Portugal e Hespanha, tive ensejo de verificar que os guardas aduaneiros portuguezes subiam a bordo armados de

sabre e, na Alfandega, estavam as *apalpadeiras*, para inspecção das peças intimas de roupa das senhoras. Ao passar pelos portos de Vigo e Corunha nem ousei descer, quando subiram ao vapôr aquelles truculentos carabineiros armados de fuzis e com aquella indumentaria que as representações da *Carmen*, de Bizet, tornaram celebre. Era a essa tropa que o governo hespanhol confiava a repressão dos contrabandos.

Os francezes eram rigorosos só para os viajantes da Italia cuja concorrência temiam nas industrias de luxo. Para os americanos do sul, eram elles displicentes, salvo se percebiam, nas lapellas, as fitas vermelhas do Christo de Portugal, como presenciei com um patricio junto ao qual, em Cherburgo, me submetti á inspecção aduaneira. — Para mim, nem uma simples pergunta; para o Comendador de Christo, revisão até o fundo de todas as suas malas. E' que os francezes não toleram quem lhes quizesse macaquear a sua Legião de Honra e brasileiro, via Lisbôa, com fita vermelha, chegando a portos francezes, tinha que supportar as consequencias, até que decretaram lei prohibitiva do porte de condecorações estrangeiras no solo livre da França.

E dizer-se que Paul Adam elogiou os brasileiros por serem avêssos a venéras e condecorações, descrevendo um baile no Itamaraty, ao tempo de Rio Branco, onde só diplomatas e militares exhibiam suas medalhas e cruces. Voltasse elle hoje, para vêr os membros da Academia de Letras, verdadeiras vitrines de placas esmaltadas e fitas multicôres.

Aos consulados brasileiros só havia ensejo de comparecer para buscar correspondencia do Brasil, desde que não se necessitava de vistos em passaportes. Brasileiro, que declarasse residencia no Consulado de Paris, era logo procurado por certos patricios, que viviam de passar cartões para concertos e de outros expedientes. Como se alguém, em estudos ou a passeio em Paris, com centenas de espectaculos diarios, fosse assistir tocatas de piano de primeiros premios do nosso Instituto de Musica...

A visita que fiz em abril de 1908 ao nosso Consulado em Napoles, em busca de cartas que me tinham sido recambiadas de Roma, facultou-me uma agradável surpresa e momentos de palestra inesqueciveis. Entendia-me com um empregado, quando abriu-se a porta do gabinete e o Consul appareceu: «E' brasileiro? Com quem tenho o prazer de falar? São tão raros os patricios que aqui vêem! — Sou Aluizio Azevedo».

O grande romancista, por quem mantinha meu entusiasmo de moço, abriu-se em palestra franca, após indagar por amigos e companheiros que havia deixado aqui pelo Rio. Perguntei-lhe por que havia deixado de escrever, cessado a producção literaria, que ainda hoje é lida e relida com prazer, como testemunho real e veridico de costumes passados — «Não queria morrer á fome, fiz-me empregado publico. Continuei ainda a escrever, mas queriam-me

enterrar para sempre no carvão de Cardiff. Debalde mostrei que era um funcionario exemplar, mas os amigos que por mim, no Itamaraty, se interessavam informaram: «a unica recriminação que fazem contra você, é ser poeta, escriptor, bohemio...» «Pois se assim é, retruquei: d'ora avante assumirei o compromisso de não escrever mais nada, a não ser officios, facturas consulares da Inglaterra, onde estava a pique de cometter uma violencia, pois não supportava mais os inglezes, modelos de hypocrisia, tidos no mundo como super-homens, quando não passam de uns brutos, estupidos para as coisas de arte, lentos de intelligencia, ebrios, malandros e tratantes. O inglez finge-se serio para que não percebam sua velhacaria e libertinagem, que se exhibe nos parques publicos, visto serem prohibidas as casas de tolerancia. Chamam-nos de indolentes e no emtanto não ha povo mais preguiçoso. «A sua semana é de quatro dias: ás quartas-feiras não se abrem as casas retalhistas nem mesmo pharmacia, aos sabbados toda a gente se consagra a passeios e borracheiras, fechando-se todo o commercio a uma hora da tarde e aos domingos não fazem nada porque estão todos de resaca».

Esses conceitos crueis externou-os Aluizio em carta a Figueiredo Pimentel, a qual foi publicada na Revista Academica de Letras.

Aluizio Azevedo já havia estado no Japão, para onde se empenhara em ir, com amigos influentes no Rio, taes como Nilo e Alcindo Guanabara. Falou-me de suas impressões sobre o Japão, que só seriam publicadas após sua aponsentadoria ou morte. Temia os japonezes, que com a sua victoria sobre a Russia haviam, para os amarellos, quebrado o encanto dos brancos. As japonezas eram lindas bonecas, que não deviam ser despidas, sob pena de serem vistas suas anatomias de engonços e sentir-se-lhes uma morrinha detestavel de oleo rançoso».

Fechou-se o consulado e sahimos da rua Nazionale e a pé, ao longo da avenida Caracciolo, Aluizio levou-me á sua residencia. Manifestei-lhe o prazer de ver-me em Napoles, após uma bella vilegiatura pela Italia. «Enthusiasmo igual tive e empenhei-me em ser para aqui transferido, de modo que penso cumprir o destino»: «ver Napoles e morrer... mas de alguma infecção, pois não conheço cidade nem gente mais suja e desprovida de qualquer preccito hygienico».

A medida que caminhavamos, ia-lhe pedindo esclarecimentos sobre o que ia vendo. Como verificasse pequenos nichos com imagens illuminadas em todos os cantos externos dos palacios, admirei-me da extrema religiosidade do povo napolitano.

«Qual nada, explicou-me Aluizio, esses nichos eram feitos pelos proprietarios dos predios, para evitar que os transeuntes utilizassem as paredes externas como dejectorios publicos; mas generalizou-se a moda e o napolitano pede permissão á Madona, descobre-se e desaltera-se... «Olhe alli aquelle!» E de facto, apreciei o spectaculo confirmativo da sua asserção. «Meu amigo, em Napoles, a unica cousa limpa é o céu, porque os napolitanos ainda não conseguiram cuspir-lhe em cima»...

Esse bello céu, decantado pelos poetas, não o contemplei em seis dias chuvosos de estadia em Napoles, senão ao partir, por mar, numa bella manhã de abril, quando, deslumbrado, maravilhei-me deante do spectaculo unico dessa bahia, famosa pelos seus aspectos naturaes e soberbas recordações de um passado inesquecivel.

ALBERTO DE PAULA RODRIGUES

CANÇÃO

*Quizesse tu falar-me do que eu sinto
Quando me vens á noite encher de sonho
Só com a tua presença!?*
*Serei ridiculo?, não sei; — mas sei
Que hei-de acabar por ser indifferente
A tudo que floriu no grande abraço
Desta loucura de amar!*

*Depois, talvez, um dia — quem sabe? —
Queiras, então, recompor
— E de uma forma brutal —
O que destróes, agora, num olhar
Tortuoso como as falas
Que tenho de arrancar
Na tragédia do momento
Que o meu anseio pretende ainda fantasiar!*

*Tantas vezes me dizes que é impróprio
Do meu nome e da minha condição
Cultivar este sentir,
Que hei-de acabar, descança, por passar
Ao pé de ti vazio de emoção, e a rir...*

*Medir pausadamente o meu desejo?
Espaçar os impulsos?... Dar-te um beijo,
Débil, banal, sem alento?*

*— Como se alguém pudesse andar alheio
A razão do seu proprio pensamento!*

ANTONIO BOTTO.

Acaba de apparecer:

**REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO
HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL**

Em todas as livrarias ♦♦ PREÇO: 4\$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.
RIO DE JANEIRO

— A psychologia dos sectarios, dos partidarios rancorosos, é intelligentemente caracterizada por Henri d'Amfreville, autor de *Les Fanatiques*. Verifica-se, percorrendo esse volume, que o homem se torna cada vez mais um animal politico. Não ha obscuro recanto de provincia que não possua os seus guelfos e gibelinos.

A America para os Americanos

No dia 16 de Setembro de 1852, Carvalho Moreira chega a Washington e nesse mesmo dia do hotel em que se hospeda (difficilimo encontrar casa) se dirige a Mr. Webster, solicitando audiência para a primeira apresentação.

Mas Mr. Webster, como bom americano que sabe gozar a vida, está em sua casa de campo, a trezentas ou quatrocentas milhas de Washington. Quem lhe responde no dia immediato é Mr. Conrad, Ministro da Guerra e Secretario interino do *Department of State*.

Mr. Conrad não lhe parece de todo má figura, antes sympathica e acolhedora.

Assim descreve a Paulino de Souza o seu primeiro *tête-à-tête*, no dia 21 de Setembro, com o Secretario de Estado norte-americano:

«Devo dizer a V. Exa. que não desgostei de suas maneiras, bem que tenham muito do que elles chamam *American fashion*, fala bem Francez, por ser da Luisiana, e é o unico (dizem-me) que fala outra lingua que não seja a sua.

Antes de continuar na narração de minha apresentação, julgo que devo referir-lhe a nossa primeira conversa, que parecendo sem importancia diplomatico — politica, não julgo ter sido um banal *pour-parler*; esta gente é muito sagaz, e não perde palavras, nem mesmo cortezias, no que aliás não são fortes. Recebeu-me com amabilidade, e ar de franqueza *Americana*; e em poucos minutos começou a perguntar-me algumas cousas do norte do Brasil. Assim, desejava saber se já era navegado o Amazonas, e até onde. — Se dava bem o algodão nas suas margens, que elle sabia serem da maior fertilidade. Respondi-lhe que o Amazonas não era desconhecido como talvez elle suppunha, que todo elle era navegado *effectivamente* pelo commercio interior da Provincia do Pará, que até se fazia *constantemente* navegação por elle acima até as Provincias limitrophes do Pará! e que finalmente o Governo estava autorizado a mandar construir vapores, e que se tratava de construil-os para entreter regularmente e evi-ventar a navegação interior desse e doutros rios seus confluentes.

Disse-lhe que na verdade, de todos os productos que ali se colhem nas suas margens, não era o algodão tão abundante, como em outras Provincias, como Maranhão, Pernambuco, etc. mas que essa cultura era muito desenvolvida no Pará. Essas e outras muitas cousas lhe fui logo dizendo para desvanecel-o da idéia que, consta-me e mais de espaço occuparei a atenção de V. Exa. a este respeito, circula neste paiz e baila nos textos de seus estadistas, de que o Amazonas é um immenso tesouro oculto e desconhecido para o Brasil, e que neste seculo do progresso do genero humano não deve ali estar sem ser aproveitado por quem o pode fazer (os norte-Americanos).

Em seguida a palestra correu demoradamente sobre productos do Brasil e Estados Unidos, com referencias especiaes á Luisiana, Mississippi e Alabama e outras unida- des da União em que se alastrava o cultivo de algodão.

Mas tudo isso parecia um interessante mas longo introito ao objectivo visado por Mr. Conrad.

A doutrina de Monroe soffria, nesse periodo expansionista *yankee*, a interpretação menos condigna com os elevados principios de solidariedade continental almejados pelo seu grande fundador.

A America para os Americanos — Legenda continental de Monroe — tivera uma crise de hermeneutica com a guerra recente com o Mexico em 1845 e as explorações consequentes de formidaveis territorios do Texas em 1848...

A bella nação mexicana, depois das batalhas perdidas, vira-se reduzida á metade do seu formoso e opulento territorio. Só em lenções petroliferos se fora meio mundo de reservas do combustivel precioso ás mãos do Yankee victorioso...

Nos Estados Unidos, paiz por excellencia da democracia e do liberalismo, aparecia uma atmosphera estranha, carregada de imperialismo expansionista.

Por toda a parte escutavam-se gritos marciaes dos *Young Americans*, sequiosos de mais conquistas. Os flibusteiros americanos valiam-se do momento para dar os primeiros passos na meta sonhada dos adeptos do chauvinismo.

A eloquencia entusiasta dos oradores ou as expressões bellicosas dos escriptores americanos, narrando com fanfarras os tropheus de suas vantagens territoriaes, appareciam em traducções destacadas nos orgãos da imprensa estrangeira, especialmente sul-americanas.

E Mr. Conrad apressa-se em interpellar Carvalho Moreira, logo na primeira apresentação, sobre essa materia politica de natureza tão delicada.

Pergunta o Secretario interino do *Department of State* ao Plenipotenciario brasileiro o que pensava sobre o modo por que se conduziam as republicas do Sul da America e da America Central.

E com uma ponta de maldade, «se o Brasil não se incomodava vendo-se obrigado a intervir na manutenção da paz daquelles paizes»...

Era o pretexto, a ponte de passagem que o americano encontrava para entrar no seu assumpto. A repercussão no Brasil dos successos da Guerra do Estados Unidos contra o Mexico, havia apenas quatro annos.

«Disse-me que os Estados Unidos eram tambem obrigados a intervir sempre nas questões daquelle paiz;

COLLECÇÃO ARIEL
DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

mas que elle julgava mais facil essa tarefa no Mexico do que nas outras republicas, porque a população indigena era ali mais numerosa do que nas republicas do Sul. Em summa, de sua conversa vim a concluir que elle quiz sondar as opiniões que eu teria acerca da politica dos Estados Unidos a respeito do Mexico e suas tendencias de *anexação* das republicas da America Central».

Sem attribuir grande valor a tudo isso, Moreira frisava no entanto que, meio á queima roupa (pouco diplomatico para um Ministro de Estrangeiros e pouco elogiioso para um ministro da Guerra), de cara na primeira visita, um tanto displicentemente, revelasse Mr. Conrad uns longes das idéas e planos governamentais, para o futuro, sobre os povos da America não anglo-saxonicos...

RENATO MENDONÇA

(Do livro em preparo *O Barão do Penedo e sua época*).

— Marius e Ary Leblond escrevem juntos, a renovar as proezas dos Goncourt e dos Rosny. Seus romances sobre a França colonial asseguraram-lhes um titulo de prestigio patriotico, quasi que um merito official em relação a esse assumpto. E nesta hora, cansados talvez de viajar pelas possessões francezas, viajam elles pela Gallia dos luctadores que resistiram ás legiões romanas. *Vercingétorix* é um dos livros do dia.

— Quem quizer viajar por uma bella região acompanhe L. Papy, que se pôz á nossa disposição para conhecer tudo o que existe de interessante em *Aunis et Saintonge*. Surgem por ahi recantos dos mais poeticos, edificios em que se recrearão os nossos pobres olhos cansados de ver tantos casarões inexpressivos. E' La Rochelle, tão impregnada de historia, de tradições centenarias e cujo nome relembra os quatro sargentos supplicados porque pretenderam insurgir-se contra a monarchia franceza. E' Rochefort, que nos faz pensar de prompto no mais aguerrido dos pamphletarios francezes, no Henri Rochefort da *Lanterne*, não sabemos se originario daquellas plagas. E' Saintes, onde persistem vestigios da dominação romana e onde vinte seculos de civilização christã floriram em igrejas de uma architectura deliciosa. E as ilhas, todas cheias de pinheiros, a dar sombra aos que não poderão encontrar em parte algum um clima de maior doçura? Vinhedos e ninhos cantantes por todos os lados, sitios excellentes para longas pescarias silenciosas. Comprehende-se o enlevo com que um homem rude, Agrippa d'Aubigné, guerreiro protestante e poeta satirico, falava de Oléron, e a saudade com que o seu rei, condemnado ao punhal de Ravailac, se referia sempre aos canaes e aos caminhos tranquillos de lá.

INUTILIDADE

A Agostinho de Campos

*Eu sou para aqui um pobre poeta espontaneo e triste...
A tristeza desce sobre mim, fatal como a noite,
para os meus olhos tudo toma uns tons esfumados e vagos,
e as mais reaes presenças são saudades formando-se...
Deixae-me receber a graça desta poesia inutil,
irmã das sombras que fogem imprecisas e errantes,
das nuvens leves que se perdem não se sabe onde,
das nevoas que põem o mundo todo á nossa volta!
Quero ouvir as palavras mysteriosas que ecôam dentro de mim,
e trazel-as para a luz — sem falas e sem gestos,
nas ondas socegadas dum mar interior e calmo.
Talvez um vento arraste essa inutil poesia,
e ella vá acordar um sonho ou concluir uma lagrima...*

POEMA FAMILIAR

*Baldadas, as tuas orações fervorosas,
vãs, as tuas vigílias sem cansaço,
inuteis, as tuas rugas que foram lagrimas, Mãe!
E são brancos os teus cabellos por ser negra a minha vida!
Todos os amparos pedidos para os meus passos,
todas as claridades imploradas para os meus caminhos,
todas as fontes solicitadas para as minhas sêdes,
toãos os vergeis requeridos para as minhas fomes,
toãos as pedras com musgo secco rogadas para o meu descanso,
— tudo foi trocado para a felicidade doutra mãe
que não orou, talvez, fervorosamente,
nem vigiou um berço, noites e noites, sem cansaço,
nem, Mãe! chorou as lágrimas que deixaram no teu rosto
essa tristeza.*

Para mim veiu este destino de Poeta...

*Commigo, a incerteza, a frouxidão continua de passos,
a escuridão em todos os caminhos inevitaveis,
a sêde para que só ha fontes seccas,
a fome que nenhum fruto satisfaz,
as pedras asperas onde o corpo não pode estender-se...
Contigo, as tuas lagrimas...*

Mãe! Porque não me levaram os ciganos?

CERTEZA INCERTA

*Aperto a tua mão aberta como o livro da verdade,
guardo as tuas promessas firmes como arvores seculares,
e fixo o teu olhar brilhante como uma espada leal.*

*Mas a tua mão estará aberta,
a tua resposta será firme,
o teu olhar não fugirá covarde
— quando eu te peça o mais facil sacrificio?*

ALBERTO DE SERPA.

— André Mary apresenta um novo texto do *Tristan*. A primeira vista parecia isso audacia, porque todos se haviam enlevado no *Roman de Tristan et Yseut* de Joseph Bédier. Mas a reconstituição de Mary, com tantos fragmentos antigos bem aproveitados, é como que a resurreição de um dos mais bellos aspectos do mundo medieval, rico de galanterias e heroísmos. Trabalho de grande merito philologico, em que tambem deverão deter-se os eruditos. Compilar assim não vale menos que crear. O livro, segundo accentuou Edmond Pilon, é de uma admiravel coloração «gothica».

— O dansarino Serge Lifar exhibiu-se, não ha muitos annos, no Theatro Municipal aqui do Rio. Uns o acharam de incomparavel agilidade e outros não encontraram graça nenhuma nas suas pueretas. Mas o caso é que Lifar desfruta de certa celebridade na Europa. Ainda agora G. Augsburg consagra-lhe um album de imagens, historiando-lhe a infancia e a juventude, as qualidades technicas, e não lhe esquecendo tambem os pequenos defeitos, isto com aquella subtil ironia que é quasi inseparavel da lingua franceza (*La vie en images de Serge Lifar*).

D'ANNUNZIO E ISADORA DUNCAN

A Livraria José Olympio acaba de lançar a segunda edição da tradução, feita por Gastão Cruls, da «Minha Vida» de Isadora Duncan. A morte recente de Gabriel d'Annunzio dá um grande sabor de actualidade aos trechos, que aqui transcrevemos, sobre o autor da «Cittá Morta» tal como o julgava Isadora Duncan.

Devido á minha admiração pela Duse, por muitos annos estive prevenida contra d'Annunzio, que eu acreditava não a ter tratado como merecia, e, por isso, não tinha nenhum desejo de conhecê-lo. Dissera-me uma amiga: «Posso trazer d'Annunzio aqui para te vêr?» Ao que logo respondi: «Não, não o traga, pois se eu o vir, serei até grosseira com elle». Mas, mau grado tudo, um dia ella me appareceu, seguida de d'Annunzio.

Embóra eu nunca o tivesse visto, assim que de-frotei o extraordinario sêr de luz e magnetismo, não me contive que não dissesse: «Soyez le bien-venu; comme vous êtes charmant!»

Quando d'Annunzio se encontrou commigo em Paris, em 1912, decidiu conquistar-me. Não ha nisso motivo para velleidade. D'Annunzio gostava de colleccionar as suas aventuras com as mulheres mais celebres do mundo, como ao indigena apraz voltar a cintura com escalpes, á maneira de trophéos. Mas eu resisti, por causa da minha admiração pela Duse. Julgo ter sido a unica mulher no mundo que não cedeu aos seus galanteios. Foi um impulso verdadeiramente heroico.

Se d'Annunzio iniciava o assedio de qualquer mulher, passava a mandar-lhe, matinalmente, todos os dias, um pequeno poema acompanhado de uma flôr. Pois bem, diariamente, ás oito horas, eu recebia o indefectivel presente. E todavia, mantive o meu impulso heroico!

Uma noite (eu tinha então um estudio numa rua proxima do Hotel Biron), d'Annunzio me disse com voz differente:

— Voltarei á meia-noite.

Durante o dia todo, eu e uma amiga preparámos o estudio. Emchemol-o de flôres brancas, lírios brancos. Todas as flôres que se levam a um enterro. E accendemos myriades de velas. D'Annunzio, ao chegar, mostrou-se deslumbrado com o aspecto da sala, que mais parecia uma capella gothica, com todas aquellas velas accesas, e todas aquellas flôres brancas. Conduzímol-o até um divan cheio de almofadas. Logo a seguir, dansei para elle. Depois, caminhando suave e rythmicamente, aos compassos da Marcha Funebre, de Chopin, cobri-o de flôres e colloquei todas as velas á sua volta. Aos poucos, uma por uma, apaguei todas essas luzes, só deixando accesas as que ficavam á sua cabeceira e aos seus pés. Elle continuava deitado, como se estivesse hypnotizado. Então, sempre a mover-me lentamente, de accordo com a musica, apaguei tambem as velas que se achavam a seus pés. Mas

quando avancei com solennidade e ia apagar os cirios da cabeceira, elle, num supremo esforço de vontade, poz-se de pé e dando um agudo grito de terror, precipitou-se porta a fóra. Emquanto isso, eu e o pianista, já incapazes de conter o riso, cahimos nos braços um do outro.

A segunda vez que resisti a D'Annunzio, foi em Versalhes. Tinha-o convidado para almoçar no Trianon Palace Hotel. Isso occorreu uns dois annos mais tarde. Para lá seguimos no meu automovel.

— Você não quererá dar uma volta na flôresta, antes do almoço?

— Optimo! Deve ser delicioso.

Dirigimo-nos, de automovel, até a floresta de Marly, onde saltámos para ganhar o bosque. D'Annunzio estava em extase.

Andámos bastante, até que eu suggeri:— Agora já se pode voltar, para o almoço.

Mas não conseguimos achar o automovel, e foi a pé que tivemos de fazer varias tentativas, a vêr se logravamos descobrir o Hotel Trianon. Andámos, andámos e andámos, e nada de entrever-lhe o gradil! Por fim, D'Annunzio, já se lamuriava como uma criança: «Quero almoçar! Quero almoçar! Tenho um cerebro, tenho um cerebro que precisa ser alimentado. Quando estou com fome, não posso andar!»

Tanto quanto podia, eu buscava consolal-o, até que avistámos o gradil e attingimos o hotel, onde D'Annunzio devorou um magnifico almoço.

A terceira vez que resisti a D'Annunzio foi ainda alguns annos mais tarde, durante a guerra. Fui a Roma e installei-me no Hotel Regina. Por uma estranha conscidencia, D'Annunzio occupava o quarto vizinho ao meu. Rara era a noite em que elle não ia jantar com a Marqueza Casatti. De uma feita, esta me convidou tambem. Dirigi-me ao seu palacio e, emquanto a esperava, comecei a passear na antecamara, toda em estylo grego. Ao fim de algum tempo, quando já sentada, comecei a ouvir, de repente, uma violenta descompostura, nos termos os mais grosseiros, e que era dirigida a mim. Olhei para um lado e outro e descobri um papagaio verde. Para meu pavor, não estava preso. Levantei-me ás pressas e embarafustei pela sala vizinha. Estava sentada, aguardando a Marqueza, quando, outra vez, subito, ouvi um barulho — brrrrr — e dei com um bulldog branco. Tambem estava solto e, por isso, tratei de passar a outro salão, que era todo forrado com pelles de ursos brancos, inclusive as paredes. Novamente sentei-me, esperando a Marqueza, e outra vez fui sobresaltada pelo som de um assobio. Olhei á minha volta e deparou-se-me uma cobra enjaulada, vigilante e enfurecida. Fugí para o outro salão, todo revestido de pelles de tigre. Ahi, esperava-me um gorilla, mostrando-me os dentes. Precipitei-me no commodo immediato, a sala de jantar, onde defrontei o secretario da Marqueza. Finalmente a amphitryã desceu para jantar. Vestia um pijama dourado, transparente. Disse-lhe:

— Já vi que a senhora gosta muito de animaes.

— Ah, sim, eu os adoro. Principalmente os macacos. E olhou para o secretario.

Por mais estranho que isso pareça, depois de excitante appetitivo, o jantar decorreu na maior cerimonia.

Deixando a mesa, fomos para o salão onde se achava o orongo-tango e a Marqueza mandou chamar a sua cartomante. Esta appareceu, envolta numa capa de adivinho e trazendo um chapéu alto e pontagudo. Immediatamente, começou a tirar as cartas, afim de dizer a nossa sorte.

Foi então que D'Annunzio chegou. (Como o diabo estava vestido!) D'Annunzio era muito supersticioso e levava a serio todas as crendices. A cartomante contou-lhe a mais extraordinaria historia. Disse ella:

— Você voará nos ares e praticará os feitos mais espantosos. Depois cahirá, para debater-se ás portas da morte. Mas passado esse transe, de luta com a morte, ha de viver na maior gloria.

Para mim, ella disse:

— Você foi feita para despertar nações, dando-lhes uma nova religião e fundando templos por todo o mundo. Você gosa da mais extraordinaria protecção e nunca ha de ser victima de nenhum accidente. Protegem-na poderosos anjos. A sua vida será muito longa. Você viverá sempre».

Depois disso, voltámos ao hotel. D'Annunzio disse para mim:

— Todas as noites irei ao seu quarto, á meia-noite. Já conquistei todas as mulheres do mundo, mas ainda quero conquistar Isadora.

E todas as noites, vinha ao meu quarto, á meia-noite.

Eu dizia-me a mim mesma: «Não ha duvida que sou a unica. Sou a unica mulher no mundo que resistiu a D'Annunzio».

Elle contou-me as cousas mais maravilhosas acerca da sua vida, da sua mocidade e da sua arte.

— Isadore, je n'en peux plus! Prends moi, prends moi!

Ficava tão perturbada pelo seu genio que, nestes instantes, não sabia o que fazer e, para fugir á tentação, levava-o docemente até a porta.

Isso durou umas tres semanas. Por fim, ja estava tão desvairada, que não achei outro recurso senão fugir, tomando o primeiro trem.

Elle costumava dizer-me:

— Pourquoi ne peux-tu m'aimer?

— A cause d'Eleonore.

No Hotel Trianon, D'Annunzio tinha um peixe dourado, de que gostava muito. Ficava num admiravel aquario de crystal e o poeta, quando lhe dava comida, conversava com elle. O peixe agitava as nadadeiras e abria e fechava a bocca, como se quizesse lhe responder.

Um dia, como eu me hospedasse no Trianon, perguntei ao maitre-d'hotel:

— Onde está o peixe-dourado de D'Annunzio?

— Ah, madame, que tristeza! D'Annunzio foi para a Italia e nos fez mil recommendações a respeito. «Este peixe-dourado, disse elle, está bem dentro do meu coração. E' o symbolo da minha felicidade». E começaram a vir os telegrammas: «Como vae o meu querido Adolphus?» Em dia Adolphus começou

a nadar um pouco mais lentamente á borda do vaso de crystal, cessou de chamar por D'Annunzio, e acabou morrendo. Joguei-o fóra, pela janella. Nessa occasião, chegou um telegramma de D'Annunzio: «Sinto que Adolphus não está bem». Respondi logo: «Adolphus morreu. Morreu á noite passada.» D'Annunzio replicou: «Enterre-o no jardim. Enfeite sua sepultura». Sendo assim, tive que arranjar uma sardinha, embrulhal-a em papel prateado e enterral-a no jardim, onde levantei uma cruz: «Aqui jaz Adolphus!» Mas D'Annunzio voltou e interrogou-me: — Onde está a sepultura do meu Adolphus?» Mostrei-lhe o tumulo, no jardim, sobre o qual elle collocou muitas flôres e derramou tambem muitas lagrimas.

CREPUSCULO

*Tristeza do crepusculo, agonia,
Silencios de alto mar sobre naufragios.
Bocca de maus presagios
Mudos á luz solar do meio dia.*

*Morre o poente em pantano. Miasmas.
Ondas paradas. Calma.
A sombra alastra, acorda em nós fantasmas,
Sombras da nossa alma.*

*Duvida, indecisão. A noite alaga
O mundo... As linhas morrem. As figuras
Apagam-se. Tristeza.
Confundem-se os abysmos e as alturas.
Tristeza do crepusculo... Incerteza.
E saudades... Saudade...*

*já se afundou na sombra a ultima fraga,
Ultimo, agudo grito solitario
Desta bocca de rocha á immensidade.*

*Anda na sombra o grito do Calvario:
— Meu Deus, meu Pae porque me abandonaste?*

*Combam as flores murchas sobre a haste.
Abandono. Silencio. Cinzas. Morte.
Renuncia tudo. Tudo inutil. Nada.*

*— Mas a noite é uma luta e um renôvo!
(Grita uma voz no coração dos fortes,)
— O Sol, o Sol volta amanhã de novo!*

*(...Sente-se o arfar do peito dos cyclopes
Forjando a luz, e os rutilos galopes
Dos cavallos do Sol á desfilada!)*

— Amanhã! Alvorada!

AUGUSTO CASIMIRO

— Anatole Le Braz sempre foi especialista em coisas da Bretanha. As lendas e os costumes de lá não encontraram nunca melhor exegeta. Um erudito adoçado pelo poeta. Ninguém sentirá com mais força e ternura as almas e as paisagens da terra de Chateaubriand e de carvalhos que crescem entre rochedos. *Au Pays des Perdons*, estampado por um editor parisiense com esplendidas composições originaes de Mathurin Meheut, é um continuo poema em homenagem á região de que sahio o perigoso Renan para perturbar tantas creaturas religiosas.

JANTARES

Transcorre a 15 de Abril de 1938 o primeiro centenario do nascimento de França Junior. A pouca divulgação actual dos «Folhetins» desse grande fixador dos costumes do Rio antigo leva-nos a inserir nas paginas do BOLETIM DE ARIEL uma de suas composições caracteristicas mais interessantes, impregnada de um «humour» palpitante e sadio e, apesar do tempo decorrido desde seu apparecimento em Jornal, com um sabor de viva actualidade.

Si eu fôra um desses entes felizes, para os quaes a vida é uma continua digestão, modernos Vitelios, que fazem consistir o paraíso deste mundo em satisfazer todos os caprichos do estomago, por mais extravagantes que sejam, estaria hoje, como vulgarmente se diz — nas minhas sete quintas. Não pensem, porém, os leitores que pertenco ao numero daquelles que consideram a mesa como o ultimo dos prazeres. Entre Lucullo e Diogenes ha um abysmo, e neste estou eu.

Um jantar! Quem ha por ahi que não tenha recebido este amavel convite:

«Amigo F.... Amanhã, faço annos; vem comer commigo um peru. Não faltes. Teu do coração—N...»

Pois bem, por minha vez, digo tabem ao leitor:

— Venha comer commigo um peru em casa de pessoas que nos são intimas. Não ha necessidade de envergar a casaca. Lá não ha pomposo «menu doré sur tranche» ao lado de cada convidado; não se bebe o louro vinho do Rheno depois do peixe, e o ponche entre o primeiro serviço e os assados é um mytho. E' a burguezia fluminense em todo o seu puritanismo, que ainda não conhece as subtilezas da cozinha franceza e os estylos alambicados da velha Europa.

Venha commigo e verá.

Antes, porém, de tomarmos parte nas festas, convém que saiba o que se passa de vespera na casa da pessoa que nos convida.

O movimento que ali reina tem por theatro a cozinha e a sala de jantar. Nesta, vê-se, em cima dos aparadores, extensa fila de compoteiras com doces de diversas qualidades, vidros de conservas e garrafas de todos os tamanhos e feitos a um de fundo.

Com os cabellos em desalinho, mólhos de chaves á cintura e envolvida em vetusto chalez, a dona da casa anda de um lado para outro, a dar ordens, e exclamando a todos os momentos:

— Já arearam o tacho?

— Onde está a Felicidade?

— Sonia?

— Laura?

— Onde se metteu aquelle moleque?

— Não sei onde tenho esta cabeça! Que inferno! Noutra não caio eu.

A filha mais velha tira a louça do armario.

As outras occupam-se em contar os talheres e recortar papeis para enfeites de doces, ao passo que, em pé, em cima da mesa, por entre pilhas de pra-

tos e terrinas, uma negrinha lava os globos e pingentes do lustre de gaz.

A cozinha é uma confusão indescritivel de cascas de ovos, pennas, hortaliças, frigideiras, caçarolas e fogareiros!

No meio de uma nuvem de fumo, o peru exhala o ultimo suspiro, agitando convulsivamente as azas, e o leitão, competentemente pellado a sorrir como um martyr, jaz sobre a mesa, com grande rombo no ventre.

O dono da casa sae com encommendas e entra com embrulhos.

Sua mulher tem sempre recriminações a fazer-lhe:

— Esqueceste-te das nozes, das passas e das azeitonas, que tanto te recommendei!

— E' verdade, esta só a mim acontece.

— E o presunto, papae?

— Oh! com os diabos! Mas ainda tenho tempo de encommendar-o. Vou num pulo ao Pelicano.

— Mamãe, acode uma das filhas, os talheres que aqui ha não chegam para tanta gente.

— Manda pedir uns aqui ao pé, ao vizinho.

No dia seguinte, logo pela manhã, estão todos a postos, inclusive o chefe de familia, que ajunta á mesa elastica mais cinco taboas e põe palitos no paliteiro.

Logo depois do almoço começam a chegar os convidados.

Entremos tambem nós.

Esses estylos de comparecer um quarto antes da hora marcada pelo convite, são para os jantares de primeira ordem, e aqui cada convidado apresenta-se á hora que lhe apráz.

Que tribu é esta que invade a sala de jantar?

E' uma familia de Pedregulho.

Compõe-se de quinze pessoas.

Neste numero não se inclue um moleque, que foi trazido para ajudar o serviço da mesa, uma creoula com uma grande lata, dentro da qual ha muda de roupa para dois dias, e uma negra de cara riscada, trazendo ás costas, preso por uma tanga, um protegido da lei de 28 de setembro, e a qual veiu expressamente para fazer o vatapá.

O encontro desta gente com as filhas do dono da casa é saudado com triplice bateria de beijos, seguindo-se uma série interminavel de perguntas e respostas, recriminações e desabafos, pouco mais ou menos assim:

— Onde está a Bilota?

— Gentes, como você está gorda, Ritinha!

— Ha um anno que você não me vê; aquella casa está excommungada!

— Tenho muito que te contar, Zizinha.

— Ora, você não sabe o que nos aconteceu? Mamãe queria sahir muito cedo, porém, primeiro que se vestisse esta gente toda, foi um Deus nos acuda! Quando *entremos* no bonde, eu disse a papae: Vamos ver *si chegemos* a tempo, sinão não *encontremos* mais almoço...

— Pois ainda não almoçaram!?

E a dona da casa vae dar as ordens para o almoço, exclamando sempre:

— Que inferno! Noutra não caio eu.

O amphytrião é todo amabilidade; recomenda-nos que estejamos a gosto e intima-nos a mudar de paletós.

Vista o leitor o rodaque de riscadinho côr de rosa que elle lhe offerece, enquanto que eu vou aboletar-me nesta gondola branca, engommada a capricho, e que me dá o grotesco aspecto de um barbeiro de fogo de artifício

Si quereis calçar um par de chinellos, como o vosso vizinho, podéis reclamar-o.

São tres horas. Está posta a mesa. O movimento da sala de jantar e da cozinha recrudescer a ponto de já quasi ninguem se entender.

Ouve-se a dona da casa em todos os diapases:

— O' diabo?!

— Este Perú já foi para a padaria!

— Já foram buscar o leitão?

— Olha esta *frigideira* que não se queime.

— Esta negra é os meus peccados!

— Que inferno, não caio noutra!

Uma hora depois apparece um crioulo na sala:

— A *janta* está na mesa.

Eis-nos na sala do banquete. Ninguem ousa sentar-se, porque, incontestavelmente, ha mais convidados que lugares. O dono da casa não pensou sequer nesta hypothese, e grita, com ar jovial:

— Sentem-se, meus senhores, sentem-se.

Um arrasta a cadeira, indeciso, outro executa o mesmo movimento, este chama uma senhora, aquelle vê si ha alguma cadeira vaga... E, afinal, depois de muitas instancias, sentam-se quasi todos, conservando-se alguns de pé, por não haver lugares.

O dono da casa salva a situação, dirigindo-se áquelles e dizendo-lhes:

— Nós cá ficámos para a segunda mesa; melhor, porque comemos mais á vontade.

Felizmente, nem eu nem o leitor fazemos parte desses assignantes da série B.

Já estamos sentados.

Todas as iguarias estão sobre a mesa e cada qual mais succulenta.

Dois moleques encadernados em alvos paletós, empunhando cada um viçoso galho de pitangueira, limitam-se apenas a enxotar as moscas, com a serena imperturbabilidade de estatuas de ferro fundido.

Serve-se a sopa.

O convidado que está á cabeceira vae passando os pratos, que giram de mão em mão, como especie de jogo de anel.

Agora o leitor ha de ter a bondade de servir o peixe.

E a sua missão não pára ahi.

Ha de servir tambem o Perú, o leitão, a torta...

— Tudo quanto está em cima da mesa, emfim?

— Sim, senhor, porque para isto é que foi convidado.

— E que fazem aqui esses dois moleques, como Morpheu, agitando o seu ramo de dormideiras!

Estão ahi só para abanar.

— Mas, no fim de contas, eu vim para comer e ainda não comi nada!

E o leitor lança as suas vistas para uma torta, disposto a saborear-a, como um bom gastronomo que é.

Neste momento, um sujeito ergue-se e grita:

— Meus senhores: em pé. Vou fazer uma saúde obrigatoria.

— Levantemo-nos todos.

— «A' saúde do homem eminentemente honrado, do amigo zeloso e dedicado, do pai de familia extremoso, desse bello character, em summa, que...

Entre este *que*, pronunciado com emphase gutural, e o que se vae seguir ha sempre uma pausa, martyrio de todos, inclusive do orador.

— ...não poupando sacrificios de qualidade alguma, sabe obsequiar os amigos e dar-lhes momentos de ineffavel prazer. A' saude do recém-nascido, o nosso idolatrado F... (o dono da casa), Ip! Ip! Ip! Hurrah! Hurrah!

Ouve-se em seguida:

— Sr. F....

— Sr. F....

— A' mesma, Sr. F....

— A' razão da mesma.

Sentemo-nos.

— Ora graças a Deus, vamos ver que tal está a torta.

Levanta-se um velho e bate palmas:

— Em pé, meus senhores. Levantemo-nos.

— Eu peço um additamento. A' saude de sua digna consorte, modelo de virtude, a Sra. D. N....

— Apoiado!

— Muito bem.

O leitor senta-se com o resto da sociedade, e já não encontra o prato que havia preparado. Dispõe-se a comer o arroz, unica iguaria que tem em frente.

Outra saúde, e desta vez cantada:

«Aos amigos

Um brinde feito;

Reina a alegria

Em nosso peito.»

E o leitor entra no coro com o estomago vasio. Senta-se. O prato de arroz já desapareceu como a torta.

Estamos á sobremesa. Outro brinde:

— A' saude daquelles que, longe de nós, de nós se lembram.

A dona da casa, que é a amabilidade em pessoa, passa-lhe uma compoteira especial, para que prove daquelle doce e diga que é.

Esta adivinhação é um requinte de bom tom nos jantares da boa burguezia.

— E' abobora — diz este.

— E' maracujá — grita aquelle.

— E' manga.

— Pois não é, é ananaz.

— Não vê, é jaca.

— Qual jaca, é carambola.

Ah! Ah! Ah! ninguem adivinhou — é melancia!

As saúdes continuam; e no meio de grande algazarra, arrastando as cadeiras, levantam-se todos.

A segunda mesa é a imagem viva do *pandemonium* de que nos fala o poeta. Os taes assignantes da série B são endiabrados e nunca deixam pedra sobre pedra.

Agora um conselho ao leitor:

— Dispa o rodaque de riscadinho côr de rosa, ensaie um riso jovial, despeça-se do dono da casa e repita commigo:

— Não ha nada como jantar fóraa!

PEDRA BONITA

Antonio Bento estava tocando a primeira chamada para a missa das seis horas. Do alto da torre elle via a villa dormindo, a nevoa do mez de dezembro cobrindo a tamarineira do meio da rua. Tudo calado.

As primeiras badaladas do sino quebravam o silencio violentamente. O som ia longe, atravessava o povoado para se perder pelos campos distantes, ia a mais de legua, levado por aquelle vento brando. Dia de N. S. da Conceição, oito de Dezembro. O padre Amancio celebrava duas missas, a das seis e a das onze horas. Sem duvida já accordara com o toco do sino.

Antonio Bento martellava o bronze pensando no povo. As velhas da casa-grande, as duas solteironas que venderam as terras para vir morar perto da Igreja já estariam de pé. A zeladora Francisca do Monte nem esperava pelo aviso. O seu somno leve, os seus cuidados de presidenta das Irmãs do Coração de Jesus não iam esperar pela advertencia do toque de Antonio Bento. Antes da segunda chamada lá vinha ella envolvida no chale escuro, andando de vagar, constricta, como se já estivesse dentro da igreja.

A villa acordava aos poucos. As portas das casas de negocio se abriam e o sol pegava a tamarineira humedecida para esquentar-lhe as folhas orvalhadas.

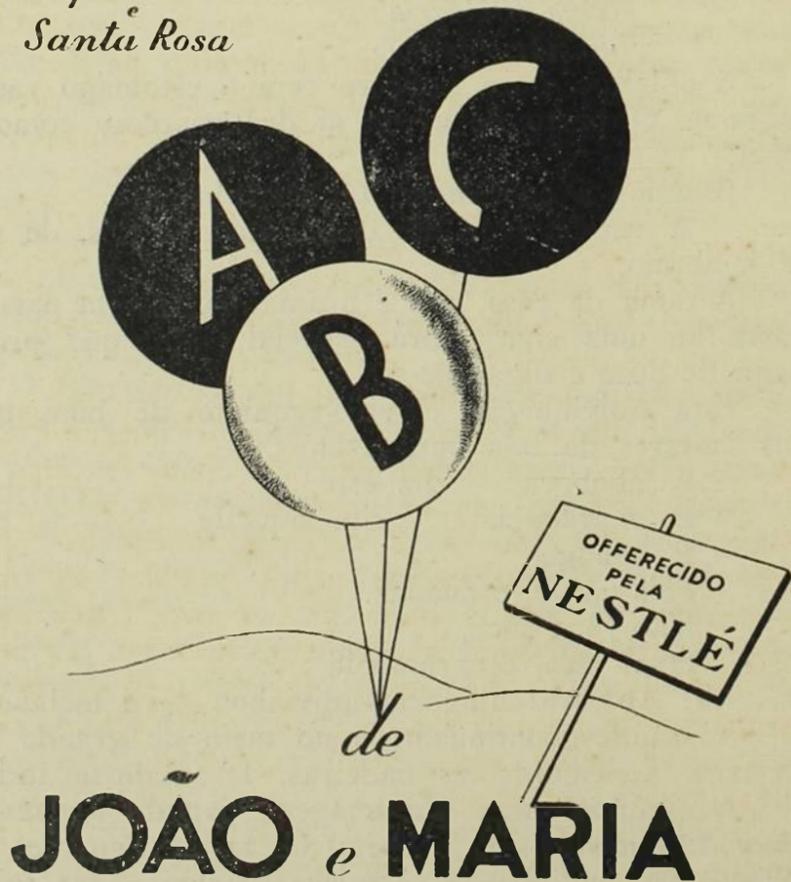
O sino batia a segunda chamada. E vinham chegando as duas irmãs velhas, sempre juntas, chegando uma á outra como se se amparassem. A mulher do sacristão Laurindo vinha logo depois. Antonio Bento gostava de puxar o badalo e gosar o som se sumindo, andando, correndo com o recado de Deus aos seus fieis. Era a melhor coisa que elle fazia na casa do padre Amancio. Era tocar o sino assim de madrugada. Em tempos de chuva, com tudo escuro ainda, sentia que as badaladas iam mais longe. A's vezes bem sentia que qualquer pedaço d'elle sahia com o som furando as distancias. Da torre, já com a claridade da madrugada, nos dias de verão, era differente. Via as casas para que tocava, sabia quaes os clientes que attendiam ás solicitações de Deus. Seu padrinho estava em casa, lavando a boca, preparando-se para o officio. Estava ali com elle ha mais de dez annos. Viera de Pedra Bonita trazido por sua mãe. Fôra dado ao padre na grande secca de 1904. Não era mais dos seus. A mãe trouxera-o, quasi morto, para que o padrinho lhe desse geito, ao seu gosto. Estava porém satisfeito. A vida não corria má. Só a escola com a zeladora Francisco do Monte fôra difficil de levar. Aprendera a ler, andara até pela escola do velho João José, mas felizmente o tinham deixado de mão. Sabia ajudar missa, sabia ler os jornaes, sabia escrever uma carta. E era o bastante para um criado de padre. O criado do juiz era aquelle Lula, quasi maluco, abobado, esquecendo-se dos recados e das ordens que mandavam por elle. O padre Amancio era bom. No começo fôra rigoroso, pedindo á zeladora para puxar por elle nas lições, dando-lhe cascudos. Fôra crescendo, e agora servir ao padrinho não lhe custava sacrificio. Tinha mesmo orgulho da sua profissão. Via meninos da sua idade sem fazer nada. Os filhos do juiz, os filhos dos ricos da terra, soltos, brincando pelos becos, enquanto elle arrumava as coisas sagradas, sabia dos segredos da igreja, sabia onde estava extendido num caixão, de braços cruzados, o corpo ensanguentado de N. Senhor. Só elle e o sacristão Laurindo podiam mexer nos gavetões da sacristia, tirar a poeira que cobria os santos descobertos, arrumar as velas nos altares.

Com a terceira chamada as casas já estavam todas abertas, e vinham chegando matutos para a feira. O padre Amancio já estaria na sacristia esperando, vestindo-se para a missa. As ultimas badaladas já não soavam com a vibração das primeiras. Havia sol pelas varzeas e pelos altos, e gente desperta, ruido de gente pelo mundo. Fôra-se o silencio da madrugada, fôra-se a quietude dos homens parados pelo somno.

Antonio Bento desceu os degraus da torre, passou pelo côro deserto e foi vestir a sua opa encarnada de acolyto. A igreja estava com as mesmas pessoas de sempre: as duas irmãs, a zeladora Francisca do Monte, a mulher do sacristão que puxava por uma perna, a pobre D. Alta. Dentro da igreja o silencio era violado de quando em vez pelo pigarro da zeladora que soffria da garganta.

Ali, na Villa do Assú, a vida era miuda como gente. Nunca crescera, nunca tivera fausto, ninguém

Marques Rebello
Santa Rosa



1ª EDIÇÃO

São attendidos gratuitamente os pedidos feitos á Caixa 760-Rio

respirava naquelle canto do mundo pelos dias passados. Não era uma cidade morta que tivesse crescido, criado nome, cheia das glórias de outros tempos. Fôra sempre aquillo que era, nunca dera mais do que dava. Por varias vezes deixara de ser freguezia, mas voltava a ser. Aparecia um padre sem ambição que se promptificava a vir passar dias apertados, o bispo nomeava-o, e a igreja grande do Assú, a unica coisa grande dali, abria as suas portas ás beatas e aos poucos devotos, limpava-se das corujas e dos morcegos para que o culto se realizasse com decencia. O padre Amancio ha vinte annos que pastoreava aquelle rebanho escasso. Não era uma freguezia de muito trabalho, embora a sua historia fosse das mais desgraçadas de todo o sertão. Ha quasi um seculo que corra sangue pelos seus campos, sangue de gente, sangue derramado para embeber a terra em nome de Deus. Aquillo pesava na existencia da villa como um crime nefando, pesava no destino de gerações e gerações. Ha vinte annos que o padre Amancio chegara no Assú cheio de esperanças, vinha moço, cheio de zelo, de uma immensa vontade de ser util ao povo, de arrastar para Deus as almas de seus parochianos. Aos cincoenta annos elle parecia um velho. Magro, de cabellos brancos, de face cavada. Dava-se á primeira vista setenta annos sem exaggero. Criara fama pela sua bondade, pelo seu desinteresse, a sua capacidade de se adaptar aos pobres que eram quasi todos da terra. Rico, ali, só mesmo o coronel Clarimundo, que tinha compra de algodão e loja e venda. No mais, pouca differença havia de um para outro. A villa do Assú não oppunha os homens uns contra os outros pela riqueza. As terras das proximidades, o patrimonio da igreja, as fazendas do municipio, não davam para enriquecer ninguem. Por mais de uma vez os entendidos em administração falaram em supprimir o termo, em reduzir o Assú a simples districto da comarca mais proxima. Mas, por uma coisa ou por outra, ia a villa ficando com o seu juiz municipal, a sua collectoria de rendas e a agencia do correio com estafeta duas vezes por semana para a cidade de perto. O mais facil parece que era deixar o Assú no seu canto infeliz e pobre como um miseravel com as suas chagas ao sol. Havia lugares com dez annos de vida que passavam a villa e estavam mais importantes do que o Assú. Não era que uma estrada de ferro fizesse o milagre da transformação, inflammasse o povo do povoado. Não. Tudo que havia no Assú havia por lá, o mesmo rio, as mesmas terras, os mesmos homens. E ia para diante, o commercio crescia, as construcções augmentavam. E no Assú era aquillo que se via. A rua grande com o sobrado do coronel Clarimundo, a tamarineira frondosa, onde por debaixo faziam a feira, e a desolação de casas cahindo. Ha annos que um pedreiro não fazia obra nova por ali. Só a igreja de longe em longe merecia uma mão de cal. O padre Amancio cuidava della como da ultima riqueza da terra. Era uma igreja das maiores do sertão, com duas torres, construida não se sabia com que recursos, com paredes largas de fortaleza e altares em pedra talhada. Diziam que era mais bonita que a cathedral do Camarú. Todo o Assú vivia da importancia de sua matriz. Mas não se sabia porque o povo de outros lugares não

dava importancia, não se arrastava de longe para vir até ali pagar uma promessa, ouvir uma missa. A capella do povoado de Sobrado attrahia gente de trinta leguas. Vinham devotos com dois dias de viagem trazendo as suas velas, os seus ex-votos para os santos de lá. Ninguem queria saber dos santos do Assú. E no emtanto havia imagens de tamanho natural. Os doze apóstolos, uma santa N. S. das Dores como poucas existiam no Estado. O nada que recebia dos parochianos o padre Amancio empregava na sua igreja. Mas precisara certa vez ir até ao bispo pedir alguma coisa para os seus santos, que perdiam a carnação, que desbotavam. Deram-lhe o auxilio, mas lhe falaram numa possivel trasladação de algumas das imagens para outros templos que pudessem com as despesas. O padre Amancio sentiu a advertencia como se se propuzesse a arrancar de sua casa um filho para entregar á misericordia de extranhos. Então deu para sahir pelo Estado de saccola na mão, pedindo pela sua matriz. Os padres das outras freguezias a principio se aborreceram com a intromissão do vigario do Assú. Que ficasse elle no seu canto, mas o padre Amancio trocava, dava-se de graça para as missas cantadas, para os sermões, com tanto que o deixassem em paz, de saccola na mão, pedindo a um e a outro para que pudesse manter a sua igreja com a dignidade precisa. As suas batinas surradas, as suas botinas em petição de miseria não queriam dizer nada. Para elle valia que o manto de N. S. da Conceição fosse mesmo um manto digno da mãe de Deus.

Só a igreja ali no Assú não soffria com o destino da terra. Resistia. E com as suas duas torres brancas, com os seus dois sinos de som magnifico, parecia para as casas humildes, mesmo para o sobrado do coronel Clarimundo, como uma soberana, uma rainha para quem o tempo e as desventuras não se contavam.

Agora mesmo, enquanto o padre Amancio rezava para meia duzia de devotas a sua missa das seis horas, a villa acordava. Na tamarineira cantavam os passaros, e por baixo de suas galhadas matutos arumavam os seus troços para a feira. O sobrado do coronel Clarimundo estava flammejando ao sol, com as suas janellas envidraçadas. Assim de manhã o sobrado, a casa mais importante do lugar, recebia o sol com festa. As suas venezianas brilhavam. Janellas de vidros de todas as cores rodeavam o casarão velho. Dois leões de pedra ficavam de cima do portão de entrada como dois monstros que houvessem devorado toda a grandeza da terra. As portas do negocio do coronel se abriam, e elle mesmo, em mangas de camisa, de sua janella principal, olhava de cima o velho Assú, que era seu. Só mesmo a igreja era maior do que a sua casa. Vinha chegando aos seus ouvidos o toque da campainha na elevação do Senhor. Elle via de onde estava a luz das velas que illuminavam o altar mór. Com pouco o major collector apparecia na sua janella, já de collarinho duro, dependurando as gaiolas de seus passarinhos. O coronel Clarimundo não se dava com o major Evangelista. O orgulho do major, o seu geito de falar superior a todos irritara o negociante até o ponto de se separarem para sempre. Reparando bem,

aquella inimizade viera por uma tolice. O coronel se lembrava. Fôra mesmo por uma tolice, por causa da festa da padroeira. Uma questão tola. Elle queria uma coisa e o major outra. E por fim trocas de palavras e a separação de vinte annos. O major só fazia votar nos candidatos do governo, e ali de defronte via-o ha annos, sem se deram um bom dia. Quando morreu a mulher do collector, não fôra ao enterro. Tivera vontade, ainda chegara a vertir o seu terno preto a pedido de sua mulher. Mas resistira. Não sabia como o major o receberia, com que cara, e se não seria capaz de fazer-lhe uma desfeita. Teve pena do Evangelista. Dias e dias levou elle de portas fechadas, sem vender sello, trancado num quarto. Lá um dia, porém começou a apparecer, com as gaiolas, com o collarinho duro. E estava ali fazendo o que fazia todos os dias.

O major amava os passaros cantadores. O coronel Clarimundo podia se encher nos negocios, na compra do algodão. Nada para elle estava valendo. O que valia para elle era o seu canario estalador, o gallo de campina, o concliz que cantava de tudo. Esmagava assim a riqueza do coronel Clarimundo com a arte de seus prisioneiros, tratados como principes. A filha do major, solteirona, D. Fausta, tinha odio aos passaros do pae. Aquelles desgraçados haviam roubado desde sua meninice o seu pae. A sua mãe se queixava todos os dias daquella idiotice de João Evangelista para com as gaiolas. A familia não existia para elle. D. Fausta odiava os canarios, tudo que era passarinho, aquella cantoria de todos os dias devia doer-lhe nos ouvidos. E quando algum amanhecia morto, esticado na gaiola, era um jubilo para ella. O major fechava a cara, passava dias falando do passaro morto, no almoço, no jantar, até que de repente se esquecia e vinha outra paixão mais forte por outro passaro que começava a cantar. D. Fausta não se casara. Não que fosse feia e não tivesse dotes de dona de casa. Bordava, vendia os seus trabalhos para a gente de Camarú. Creara fama pelas suas habilidades. A belleza dos trabalhos de agulha da filha do major sahira dos limites do Assú. Mas nunca lhe appareceu um casamento provavel. Botava a culpa para cima do major e dos passaros. E odiava o pae e seus amigos.

D. Fausta se dava com a mulher do coronel Clarimundo sem que o major soubesse. Era uma amizade como namoro prohibido, ás escondidas. Fôra ella mesma que se offerecera para bordar o enxoval da filha do coronel e não quizera um vintem. Fazia aquillo tomando uma vingança.

O major já estava de janella, e chegava gente com cargas para a feira. O padre Amancio dissera a primeira missa e as beatas vinham de volta para as suas casas, todas unguidas. A beata Francisca do Monte parava para conversar na porta de uma casa e as outras vinham vindo, com a rua grande do Assú movimentada, cheia de gente. Mas tarde voltariam para a missa das onze. O padre Amancio pregaria sobre a conceição de N. Senhora, a igreja se encheria de mais pessoas e a missa para ellas seria outra, mais bonita, mais para os seus olhos e para os seus ouvidos. A's onze horas cantava no côro D. Margarida, que tocava seraphina. A igreja

do Assú se enchia de sons, de campainhas, de vozes e o murmurio das preces e das rezas das mulheres que respondiam ao padre Amancio povoavam a casa de Deus de esperanças, de promessas, de pedidos, de desejos, de tudo que não havia na pobre vida do Assú.

Antonio Bento voltava para casa do padre. Tinha muito que fazer até as onze horas. Teria que ir á cacimba do rio para a carga d'agua para o banho do padre Amancio. Ia com o jumento nanico e voltava com as ancoretas cheias, que chegavam a sellar o pobre com o peso. Deitava agua no quinto do banheiro. O padre Amancio se deitava na sua rede, lia o breviario, esperando a hora da outra missa. Antonio Bento voltava para a igreja e o sino começava a tocar a nova chamada. O pateo da igreja estava repleto de gente e o barulho chegava á torre. O sino tocava. O som cheio do bronze não se ia nunca como de madrugada, mas ia longe, atravessava o bate-boca dos ferreiros, passava pela tamarineira, entrava e sahia pela ultima casa do Assú e ia chegar no meio do campo, na casa de algum pobre que se lembraria que era dia de santo, que havia um padre no altar e que Deus estava chamando gente para dar alguma coisa, já que a terra, o sol e as chuvas não davam coisa alguma.

Mesmo na missa das onze a igreja ficava vazia. Só as mulheres acudiam ao chamado. Os homens do Assú não se importavam com devoção. O major com seus passaros, o coronel Clarimundo com a compra de algodão e o resto com as compras de feira. Só as mulheres eram regulares, vigilantes no cumprimento dos deveres religiosos. Só ellas correspondiam aos desvelos do padre Amancio. D. Fausta, de mantilha, D. Alta, arrastando a perna, todas as mulheres do Assú deixavam as suas casas tristes e sujas e iam ouvir a pratica do vigario commentando o evangelho. E pediam pelos seus filhos, pelos seus maridos. O padre elevava o Senhor, a campainha tinia, o sino acompanhava, a voz de D. Margarida se confundia com a seraphina. E depois Deus ficaria trancado no sacrario, com chave de ouro, bem de longe, bem escondido, de todos os soffrimentos, de todas as desgraças, bem distante do pobre povo do Assú.

JOSE' LINS DO REGO.

(Capitulo inicial do romance «Pedra Bonita», a apparecer.)

— O romance 1919, do norte-americano John dos Passos, surge em francez, numa brilhante traducção de Maurice Ramon. John dos Passos é descendente directo de portuguezes e, no momento, um dos grandes pintores da vida atropelada de Nova York.

— Sob a direcção de Léon Lemonnier, está apparecendo um Dickens completo na lingua de Balzac. Já sahiram: *Le Pikwick Club*, *Dombey et Fils* e *David Copperfield*. Sabe-se que, dos prosadores inglezes, Dickens é o predilecto da gente de França. Estimam-no por lá cem vezes mais do que a Thackeray e a Sterne. O proprio Swift, que Saint-Victor maltratou em excesso, não destruta de tamanha popularidade em Paris e adjacencias, não obstante as edições expurgadas com que pretendem approximal-o dos garotos. Para finalizar, um detalhe curioso: Gavarni, ao que narrou aos irmãos Goncourt, conheceu Dickens de perto e o achou terrivelmente presumpçoso, com uma vaidade meio dolorosa a resaltar-lhe nos minimos actos, nas minimas phrases.

FABULA

Havia muito já que Robinson vivia
sózinho na sua ilha;
era um Robinson só, não tinha p'ra fogueira,
De manhã, a juntar lenha p'ra fogueira,
escutava os passaros cantar, na ramaria,
e, a noite, quando a mesma lenha ardia,
o latir dos chacaes, rodando perto...

Robinson encarava o céu aberto,
e de manhã, com os passaros cantava,
assobiando branda, longamente.
E a noite, olhando as brasas da fogueira,
baixo, imitava o grito do chacal.

Assim, na Ilha, Robinson vivia
desta romantica maneira!...

Afinal,
já esgottara
o repertório interior da vida antiga
— recordação que, aos poucos, se esfumara!... —
e agora,
nessas horas de tédio ou de fadiga
imitava a canção dos passaros, nos ramos,
ou o grito nocturno do chacal...

Aprendera
todos os varios sons da floresta:
o do vento furioso ou amoroso,
o da chuva das bâtegas cinzentas,
como baças cortinas, ocultando
o diário horizonte da bahia
e, acordando p'ra Luz, ágil e lesta,
o som de toda a fauna despertando.

Mas, um dia,
já tudo isto, soturno, lhe pesava
no seu isolamento,
estava escostado à porta da cabana
quando, na arvore em frente, viu pousado,
enfeitando as grinaldas de liana,
um bando de flammantes papagaios.
E vei-os, recordou-lhe a voz humana,
e uma onda interior de sympathia,
fel-o gritar ansioso, erguendo as mãos:
— Papagaios!
Ó verdes papagaios, meus irmãos!...

Então, sobre a grinalda de liana,
houve uma indescriptivel gritaria,
asas batendo, em louca confusão;
e os papagaios
lá se foram, irónicos, cortando
o diário da bahia...

Quem assim nasce, tem de viver só
P'ra que serve falar se nos não ouvem,
e andar fingindo que outros nos entendem...

FRANCISCO BUGALHO.

— Maria Stuart continúa na ordem do dia. Os historiadores protestantes insistem em desfigurar-lhe a vida, em attribuir-lhe todos os vicios e todos os crimes. Mas os historiadores imparciaes reconhecem, dentro de uma documentação avessa a sophismas, que o fim da rainha de Escossia foi de verdadeira santidade. Leiam, nesse sentido, *Le secret de Marie Stuart*, de Roger Chauvire.

— A série *Hommes d'Etat*, devida á iniciativa de A. B. Duff e F. Galy, está obtendo grande successo. Destilant nesses volumes, optimamente apresentados, Thiers, que libertou o solo da França da presença dos prussianos; Disraeli, o creador do imperialismo inglez; Philippe II, que não foi apenas o temeroso Demonio do Sul e sim tambem o mantenedor das glorias hespanholas herdadas do pae; São Luiz, o melhor dos christãos e um administrador de extrema perspicacia. Entre esses notaveis homens de Estado figura, e sem deslustre, a muito discutida Catharina da Russia, que foi por sua vez uma admiravel mulher de Estado.

— Louis Batiffol accentua em seu estudo sobre *Richelieu* que, se o ministro de Luiz XIII e Luiz XIV ganhou e juntou bastante dinheiro, nem por isso deixou de ser generoso com os artistas e os sabios. Sob certos aspectos, o cardeal du Plessis parecia um Medicis dos tempos mais prosperos de Florença. Abriu casas de ensino, fomentou cenaculos de escriptores e não esqueceu os estabelecimentos de pesquisas scientificas. Tudo fez para que a França fulgurasse intellectualmente no mundo. Mandou reconstruir o edificio da Sorbonne, com o auxilio de Lemercier. E em seu castello de Poitou, que era o encanto de La Fontaine, reuniu telas e marmores de Rubens e Miguel Angelo. Tudo isto sem olvidar que a Academia Franceza não teria vicejado e perdurado sem o auxilio de Richelieu.

— *L'Affaire Fouquet*, de Etienne Huyard, põe novamente em foco um dos processos mais complicados da França. Reapparece ahi o administrador de Luiz XIV que, depois de esbanjar tanto, de proteger poetas e pintores, de levantar formosos palacios, de se multiplicar em festas de estrondo, acabou trancado no carcere. Fouquet foi o paradigma do aventureiro, do especulador de alto estylo. Não lhe escasseavam golpes de audacia e a sua intelligencia dos negocios era realmente notavel. Etienne Huyard prova agora, remexendo no immenso papelorio relativo ao amigo de La Fontaine, que elle em verdade prevaricou, mas tambem pagou por muitos outros que permaneceram impunes na sombra.

— Impressionante a biographia de *Fouquier-Tinville*, que vem de ser lançada por Jacques Castelnaud. Ainda resôam nos ouvidos de todos os versos com que André Chénier, uma das victimas dos corta-cabeças do Terror, investiu contra esse sinistro forneecedor da guilhotina. Fouquier-Tinville era o typo do sectario desvairado, do inquisidor sem crença religiosa, e a sua maior volupia consistia em ver as carretas repletas de condemnados seguirem para as bandas do carrasco. O mundo ha de enxergal-o sempre assim manchado de sangue. Assignale-se (já que escrevemos numa revista bibliographica) ter sido o implacavel accusador um amigo dos livros bem encadernados, e ai daquelle que possuísse a domicilio uma bibliotheca com exemplares luxuosos de Molière ou Racine...

— A Bibliotheca da Pleiade, de Paris, acaba de enriquecer-se com uma linda edição das Vidas de Plutarcho, na inimitavel traducção franceza de Amyot. Singular figura a deste traductor! Era um homem cheio de contrastes. Em moço, para estudar, teve que engraxar os sapatos dos condiscipulos, e depois, obtendo um bispado, tornou-se arrogante a valer, vivendo sempre em briga com os seus auxiliares. Amyot extinguiu-se com mais de oitenta annos e numa terrivel penuria, vendo os credores carregarem-lhe os ultimos moveis...

Edição Ariel:

SEM RUMO

Novella gaúcha de CYRO MARTINS

EM TODAS AS LIVRARIAS

DUAS PALAVRAS DO TRADUCTOR

Toda traducção é um problema, quasi um caso de consciencia, para cuja solução devem concorrer, da parte do traductor, tres condições essenciaes: o conhecimento solido de ambos os idiomas, a honestidade artistica mais apurada e a capacidade de adaptação ao meio e ao clima característicos da obra a traduzir.

Agora, quando se trata de obras primas, ou pelo menos de livros indices dentro de litteraturas ou modalidades determinadas, bem poderíamos dizer que a traducção é impossivel, uma vez que entendemos, com criterio e probidade especiaes, que a arte de bem traduzir não é senão a acção honrada de reflectir correctamente a obra alheia, em idioma distincto do original.

Não é impossivel, certamente, no sentido austero do vocabulo, toda vez que n'isso, como em tudo, a audacia pode supprir galhardamente toda sorte de attributos naturaes e até de conhecimentos especiaes. Sabemos bem que qualquer um traduz, que é sufficiente, ás vezes, o trato suburbano com um idioma extranho, ajudado pelo dictionario bilingue, para que o mais modesto escriptorzinho se lance á empreza heroica de profanar o livro maximo de uma nação ou de uma lingua.

Impossivel, isso sim, a versão de um idioma para outro, sem perigo de lesão aggravante para a obra traduzida, de scenas e situações. retratos psychologicos e descripções localizadas e, sobretudo, das duas paizagens — exterior e interior — do scenario e do estylo. Essa impossibilidade effectiva faz-se sentir muito mais, como é facil suppor, onde as difficuldades idiomáticas fundamentaes se aggravam e accentuam com as — tambem fundamentaes — do complexo geographico, social topographico, ethnico, religioso, de fauna e flora, de tendencias e costumes, e demais circunstances que singularizam a natureza insular de uma região ou de uma visão humana no mundo da litteratura.

Facil é traduzir, sem duvida alguma, quando sómente se attende á maior ou menor propriedade grammatical do idioma do traductor em relação ao lexico original da obra a traduzir. Um purista, um academico da lingua, auxiliado habilmente pelos vocabularios correspondentes e o conhecimento grammatical de ambas as linguas, pôde verter de uma a outra ainda mesmo as obras mais notaveis e representativas. Sem mais responsabilidades, por supposição, que os erros de orthographia que, sem duvida, não irá commetter.

Isso, porém, não é traduzir, no bello e fidalgo sentido da palavra e da funcção. Isso é apenas imitar, e a imitação em arte é tão subalterna e peccaminosa na litteratura como na pintura. E para dizer mais, tão pouco será imitar o que faz o traductor purista, senão simplesmente copiar, se por isso se entende a acção mechanica de reproduzir com pinceis e cores extranhas, o quadro original em que o artista deixara a essencia de seu genio creador.

A proceder assim, melhor seria apenas «photographar» lisa e chãmente a obra alheia. Todavia, ahi é que está a difficuldade dada a distancia que

separa sempre o autor do traductor, quando concorrem na obra de arte, cores, sombras, proporções e perspectivas muito alheias e radicalmente distinctas das que abrange e domina a nossa limitada visão local.

* * *

Isso tudo no que diz respeito á traducção em geral. Reportemo-nos agora ao caso particular, peculiarissimo, da traducção do portuguez vernaculo do Brasil para o castelhano que se fala na Argentina ou, ainda melhor, do brasileiro para o argentino.

Alguem com muita autoridade disse uma vez: «O argentino que traduz livros brasileiros tem noventa e nove probabilidades contra uma de dizer disparates». Ao que se poderia accrescentar, embora parecendo paradoxo: e quanto mais conheça o portuguez, mais facilmente incorrerá em erro se não conhece igualmente o brasileiro.

Ha com effeito difficuldades de toda ordem, e insanaveis á primeira vista, na versão correctada do livro brasileiro para o castelhano que falamos, nós, os argentinos. E quando se trata, como no caso presente, de um livro prócer, de uma obra prima que é ao mesmo tempo um documento historico de categoria extraordinaria, claro é que a traducção ha de raiar tambem pelo extraordinario quanto a difficuldades e perigos de toda natureza que precisará vencer.

De facto, sómente em razão e por virtude de um compromisso espiritual que tem raizes tão profundas como succulentas: de solidariedade, de amor e de gratidão, foi possivel fazer frente á tarefa de traduzir integralmente, seja embora de forma mediocre, um livro tão fortemente original, tão exclusivo e tão grande como *Os Sertões*, a mais original e exclusiva sem duvida, de todas as grandes obras da litteratura brasileira de todos os tempos.

E a despeito do carinho, do apuro linguistico e do maximo esforço pessoal que foi dispendido nesta versão, para conservar no possivel o inimitavel estylo euclydiano, alma e substancia de obra tão magistral, não nos cremos livres de defeitos nem de todo isentos de peccados. E' natural o tel-os commettido na traducção deste livro, tratando-se como se trata de uma grande obra de grande hausto, de sciencia e de arte, de verdade e belleza, de analyse e justiça, realizada por um genio numa prosa unica. Unica, não sómente pelo estylo, senão tambem pela complexidade lexicographica, o desconcertante vigor e o colorido offuscante de suas imagens e ainda a plenitude e a variedade de conhecimentos scientificos que nella foram postas ao serviço do genio litterario.

E que se traga para aqui uma recordação episodica afim de demonstrar até onde é verdade tudo, o que temos dito sobre as tremendas difficuldades da traducção do lexico euclydiano: dois annos depois de terminada esta versão, appareceu no Rio de Janeiro um volumoso livro consagrado á explicação do vocabulario empregado por Euclides da Cunha n' *Os Sertões*. Isso dará ao leitor uma ideia dos grandes embarços com que tivemos de lutar para levar avante a sua traducção. Não conheciamos —

nem conhecemos — o alludido vocabulario. Para abordar os riscos desta versão, servimo-nos de uma abundante bibliographia, dispersa e nem sempre efficaz, auxiliados por nosso relativo dominio da lingua tupy-guarany, que falamos e escrevemos. No fim do volume vão algumas notas lexicographicas.

Até o titulo do livro — *Os Sertões* — é intraduzível. O vocabulo regional *sertão* não tem equivalente no nosso idioma. Nem em nenhum outro. Expressa uma particularidade da geographia physica de determinada zona do Brasil, que participa de singularidades geologicas, topographicas e biologicas; o que vale dizer, cosmoramica.

A palavra em si nada mais é, desde logo, do que uma corrupção ou mutilação do augmentativo portuguez de deserto ou seja desertão. Pela lei do menor esforço, tão commum em todas as raças indolentes dos tropicos, o habitante do interior do Brasil reduz o vocabulo *desertão* ás suas duas ultimas syllabas: *sertão*. Esta é uma deducção nossa applicavel a todas as regiões brasileiras em que a visão continuada e desalentadora do deserto tenha podido dar origem ao augmentativo: *desertão*. Todavia a zona tão estupendamente descripta e historiada por Euclides da Cunha não é o *desertão*, nem mesmo o deserto na acepção academica do vocabulo. O *sertão* é uma região do nordeste do Brasil, quasi despovoada e apenas cultivada até onde permite o seu solo abrupto, coberto na maior extensão por uma flora selvagem *sui-generis*, se é possível assim dizer, e povoado por uma fauna indigena tambem caracteristica.

Fica assim explicada a razão do titulo do livro, pois o traductor entendeu que deveria dar carta de cidadania á palavra *sertão* e seus derivados; e poupada tambem a responsabilidade intellectual da sua ardua tarefa. Outros haverá sem duvida, com maiores attributos e prestigio que venham a superar o esforço por nós realizado, e que se justifica tão só no nobre proposito, que nos inspirara: o de prestar á cultura da nossa America o serviço imponderavel de assignalar a existencia de um genio americano e de apresental-o no esplendor da sua obra maxima. Esse genio continental se chamou Euclides da Cunha e a sua obra prima, apenas comparavel ao *Facundo* do nosso genial Sarmiento, *Os Sertões*.

Quanto ao mais, a honra e o merito da divulgação deste livro, corresponde ao Dr. Ricardo Levene, nobre espirito americanista, caldeado por um sincero ideal de solidariedade espiritual pan-americana e que collocou coração e intelligencia ao serviço da irmandade intellectual argentino-brasileira. Como bom bateador do ouro puro que se esconde na mentalidade da grande nação vizinha tão rica em homens illustres, na sua meticulosa busca de valores intellectuaes não podia deixar de dar lugar á parte ao maior de todos elles: Euclides da Cunha. É desde então não se arrefeceu no seu generoso empenho de fazel-o conhecido de toda a America Hespanhola.

Bem d'elle é portanto a iniciativa de lançar a publico esta primeira edição castelhana de *Los Desiertos*, não obstante todos os seus defeitos e a despeito da humildade consciente do traductor.

BENJAMIN DE GARAY.

— Um philosopho que nada possui de obscuro é André Joussain. Apresenta-nos elle o substancioso volume *La Psychologie des masses*, onde são muito bem commentadas as mentiras collectivas que tanto exaltam as multidões modernas. Certos mythos democraticos perdem todo o prestigio quando analysados por um julgador de tanta robustez mental.

— O francez Emile Bréhier já esteve entre nós e ensinou na Universidade do Districto Federal. Seus livros circulam por todos os paizes onde se prezem os valores do espirito. Dá-nos elle agora uma visão de conjuncto de *La Philosophie du Moyen-Age* e é um regalo aprender com um mestre de tamanha cultura, accrescida de impeccavel bom gosto. As paginas sobre os Doutores da Igreja e sobre a influencia de Aristoteles no periodo medieval só poderiam partir, assim tão bellas, da penna de um Bréhier.

— Poucas contribuições para o esclarecimento da architectura gothica superam a de Henri Focillon em *Art d'Occident*. Vemos ahi as cathedraes da França illustradas e glorificadas por um erudito avesso ás frias exposições didacticas e que encontra na historia novas razões para celebrar em poesia e belleza os seculos medievaes calumniados por tantos historiadores incongruentes. Houve nessa época uma infalseavel unidade de esforço, e sensibilidade e pensamento agiam quasi sempre sem calculo monetario. Guardem esta definição do autor: «A Idade Média não é um deserto de pedra: o homem ahi está presente por tudo».

— Amigo dos pintores, infatigavel vendedor de quadros, frequentador de todos os recantos em que os bohemios se reunissem, Ambroise Vollard estava marcado para a tarefa de reviver alguns aspectos dos mais caracteristicos da vida de Paris. *Souvenirs d'un Marchand de Tableaux* fala-nos dos grandes lances da Escola Impressionista. São recordações como que transmittidas de viva voz, por um conservador delicioso. Renoir, Cézanne, Manet, Monet, Degas, ahi estão vivos deante de nós, a parolar, a gesticular, a escandalizar os burguezes com os seus epigrammas, com a sua arte revolucionaria...

— Jean Giono conta que redigiu *Naissance de l'Odyssée* entre 1923 e 24, num quarto sombrio da rua de Manosque, em Paris. Casara-se ha tres annos e trabalhava num estabelecimento bancario. A domicilio quasi não tinha moveis e o que mais se destacava por lá eram uns quatrocentos livros comprados aos poucos, com prejuizo talvez da roupa e da comida.

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS A

Civilização Brasileira S/A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO

POEMA DE ISADORA DUNCAN

Foi em lugar remoto
Foi muito longe d'aqui
Talvez no paiz dos sonhos
Que Isadora dansou p'ra mim

Era uma longa praia
Extensa a perder de vista
A areia era branca e lisa
Batida pelo vae e vem das ondas

E depois a immensidão
O mar enorme, infinito
O horizonte lá muito longe
Juntando o céu e o mar

Não me lembro da côr do céu
Nem me lembro da côr do mar
Me lembro sim, do poente
Vermelho, roseo, amarello

Não sei se havia montanhas
Não vi o verde das folhas
Nem ouvi o pio das aves
Só ouvi o ronco do mar

O ronco do mar bravio
Batendo de encontro á areia
Formando ondas enormes
Que vinham morrer de mansinho

E o vento, a brisa do mar
Essa senti muito bem
Batendo nas minhas faces
Mexendo nos meus cabellos

E o movimento das ondas
Esse vi muito bem
Eterno, livre, incansavel
Sentido de eterna vida

E ahí Isadora dansou
Surgida não sei de onde
Talvez de dentro do mar
Talvez de dentro da brisa

E Isadora dansou para mim
O que ella dansou eu não sei
Por certo uma nova criação
Que só eu tive a ventura de ver

Cobria-a um manto diaphano
Seus pés marcavam a areia
E toda ella, os seus movimentos
Lembravam o mar, o eterno, o infinito

Depois aos meus olhos de sonho
Isadora tornou-se etherea
Seu corpo, a materia, desapareceu
E surgiu o espirito em todo esplendor

E o espirito immortal, livre do corpo
O espirito da arte, da dansa, do bello
Tornou Isadora mais livre, mais pura
E deu mais força aos seus movimentos

E depois Isadora se foi
Se foi como tinha apparecido
E o mar, e as ondas, no seu movimento
Eterno, livre e incansavel
Continuaram e talvez com mais vida
Por terem, talvez, Isadora comsigo...

SERGIO SOARES

— H. Bachelin é um discipulo fidelissimo de Jules Renard e tem-lhe historiado a vida e a obra em centenas de paginas. Tamem romancista, lançou ha mezes no mercado o volume *Monsieur Ildegonse*, onde não deixaram de observar certa influencia do autor de *Poil de Carotte*.

— Alphonse Daudet já descrevera, com aquella sua ironia um pouco molhada de lagrimas, as attribuições dos casaes de artistas. Georges Pillement, distinguido por importante premio litterario, retorna ao mesmo thema, com um bocado de sensibilismo, talvez de pieguice, mas não sem evidentes dons de psychologo (*Plaisirs d'amour*).

— Uma região florestal da França é bellamente evocada por Jean Rogissart em *Mervale*. O escriptor propõe-se a demonstrar ahí que tambem entre os camponios rudes pôde existir consciencia. Os problemas moraes não attingem só as duquezas de Bourget. Adoraveis, em Jean Rogissart, as notas de emoção pantheista.

— Ha bastante poesia na *Virginia* de Ignace Legrand. O autor não repelle o sonho nas suas fixações da real e certa dose de imaginação romantica o impede de atolar-se numa cópia muito mesquinha da vida. O heróe do livro é um musico e isso grandemente concorre para que a obra se desenvolva numa atmospheria melodica das mais impressionantes.

— 491e. *Péché*, de Marcel Hamon, é o logico no illogico. Bom senso e extravagancia a valer. São burguezes de Paris entrevistos por um narrador incapaz de fornecer-nos dos seus protagonistas uma reproducção muito litteral de gestos e phrases. Metaphysica um tanto confusa, se bem que o artista seja de primeira ordem.

— Os contistas italianos da Renascença, e sobretudo o Rabelais de Panurgio, como que revivem em *Les pieds du Diable* de François Dallet. E' a mesma ironia gorda, a mesma exuberancia por vezes tonteante. E outro ponto que aproxima Dallet dos contadores de historia de Florença e do cura de Meudon: o prazer em satirizar os padres.

— A influencia do Oriente continúa a ser manifesta em Henry de Monfreid, que nos apresenta agora *Abdi, l'Homme à la main coupée*. Tal qual nos inventores de fabulas da Arabia e da Persia, as scenas sangrentas, a miseria, os tormentos da fatalidade acabam sempre num idyllio. São arabescos e rendilhados a ornar os episodios mais tragicos.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S :

Rua Libero Badaró n. 49
São Paulo

Rua da Bahia n. 1502
Bello Horizonte

OS SERTÕES

Não ha brasileiro culto que desconheça o ardor com que ha muitos annos vem trabalhando Benjamin de Garay por uma maior approximação entre as litteraturas brasileira e argentina. Intellectual elle mesmo, e dos meliores, possuidor de boa cultura e perfeito senso artistico, residindo entre nós por muito tempo, cedo se relacionou com as elites culturaes do paiz, para tornar-se um profundo conhecedor das nossas coisas e da nossa gente. A elle devem os nossos escriptores uma continuada e entusiastica propaganda dos seus trabalhos em jornaes e revistas da republica vizinha, onde não raro já appareceram assignando trabalhos primorosamente vertidos para o castelhano pelo escriptor amigo. Mas o maior serviço que Benjamin de Garay vae prestar ás nossas letras será a divulgação da sua magistral versão d'Os Sertões, de Euclides da Cunha, que breve será lançada em livro por uma importante casa editorial de Buenos Aires. Pela publicação deste volume, que lhe compensará o ingente trabalho, tambem se interessou o governo argentino, que com isso presta mais uma homenagem ao Brasil. E' o prefacio de *Los Desiertos*, vertido para a nossa lingua, o que o leitor encontrará em outro local desta revista e de cuja leitura se pode aquilatar do que foram a abnegação e o carinho do escriptor argentino ao traduzir a obra maxima de Euclides da Cunha. A elle portanto devem ser gratos todos os brasileiros.

— Aspectos curiosos da vida do Segundo Imperio resurgem na collectanea *Lettres de Napoléon III à madame Cornu*. E' toda uma época de fausto e colorido que se recompõe deante de nós á simples evocação de certos detalhes intimos. O imperador taciturno e somnolento que acabaria ingloriamente longe do throno, o pobre filho da rainha Hortencia tão malsinado por Victor Hugo, mostra, de resto, nestas cartas, que não lhe mingavam qualidades de observador da comedia politica ou mundana que se lhe ia desenrolando em derredor. O homem era menos obtuso do que pretendiam os seus desaffectedos. Não lhe faltava, de baixo do bigode encerado, um certo sorrizinho malicioso...

— Muita gente, acceitando a opinião de determinados criticos, pensava que o modelo de Daniel de Foe para a figura de Robinson Crusoe fosse um marujo hespanhol perdido numa ilha do Pacifico. Mas o escriptor André Reuze propõe-se a demonstrar que o genuino Robinson se chamava Alexandre Selkirk e não era bem um subdito dos reis de Castella. O volume de agora, além da parte essencial, encerra subsidios bastante valiosos, e de grande encanto poetico, no que diz respeito á seducção dos navios, dos portos distantes, da vagabundagem pelos mares. Léo Larguier, membro da Academia Goncourt e delicioso poeta fantasista, declarou haver lido esse trabalho com o mesmo prazer com que em pequeno lia os contos de Perrault e madame d'Aulnoy. O titulo da obra de André Reuze é, na integra, *Le véritable Robinson Crusoe ou la vie étonnante d'Alexandre Selkirk*.

CIRCUMSTANCIA

A José de Almada Negreiros

*As «torres de marfim» são de cristal,
Permeaveis ao éco do estrondo actual;
E o mundo, que se armou sem ser por mal,
Faz pontaria ao individual.*

*O Poeta recolhe ao seu Lar de papel.
— Que gritos serão estes? — Porém, elle,
Diz que não ouve... e arripia-se-lhe a pelle,
Diz que não sente... e vem-lhe á bocca um gósto a fel.*

*Sabemos quem gerou esta emoção hostile.
E ás vezes, mesmo, em reacção viril,
Chamamos á sciencia a déspota mais vil
E soltamos, em verso, a noss'alma infantil:*

*— «Quem ama tanto, como nós, o sol?
Quem, melhor do que nós, há que se enrole
No mysterio da noite?! — O sonho é molle,
Mas sonhos tambem são a guerra e o «football».*

*O melhor é esperar que o tempo anulle
O tempo e, raça a raça, norte a sul,
A humanidade acorde e veja azul
Tudo o que nós dissermos que é azul...*

*Mas como as «torres de marfim» são de cristal
— E aos astros nem chegou a de Babel —
Só nos resta molharmos o pincel
Na vida, e dar realce á côr real.*

*Porque embora a Poesia — intemporal —
Possa afirmar que é noite em pleno sol,
Muito embora a noss'alma em seus braços se isole.
O que em nós é mais vivo, humano e natural,
E circumstantial.*

CARLOS QUEIROZ

— A sra Maria Luiza Pailleron é da familia do fundador da *Revista dos Dois Mundos* e do theatrologo subtilissimo que falou da *Sociedade onde a gente se aborrece*, em comedia tantas vezes representada aqui no Rio, graças especialmente á interpretação maravilhosa da actriz Lucinda Simões. Consiste a especialidade da filha de Eduardo Pailleron em evocar amores e aventuras de poetas e prosadores do Romantismo. Memorialista das mais finas e amaveis. Todavia, no momento tomou ella rumo inesperado recordando um dos processos criminaes de maior repercussão na Inglaterra de todos os tempos. Trata-se de *L'Affaire de West-Port*, desenvolvido em 1827, exactamente quando Hugo e sequazes se punham a aturdir os ultimos cultores do classicismo francez com as suas narrações repletas de episodios macabros. Foi na Escossia, em Edimburgo, que estourou o escandalo dos ladrões de cadaveres, dos que despovoavam cemiterios para que medicos e cirurgiões pudessem fazer experiencias e estudos de anatomia. Burke e Hare, figuras de relevo nessas funebres proezas, são fortemente retratados pela autora.

Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Acaba de apparecer o primeiro numero desta notavel publicação, cuja utilidade não precisamos encarecer, mas que merece todos os nossos elogios, pelo bom gosto da sua apresentação e escolha dos nomes que subscrevem os seus artigos. Aliás outra cousa não se poderia esperar da fina intelligencia e da estrenua operosidade do Sr. Rodrigo M. F. de Andrade, a quem em bôa hora foi confiada a salvaguarda do nosso patrimonio historico e artistico, para cuja importancia e finalidades chama elle a atenção no seu luminoso prefacio á *Revista*. Nella ainda collaboram, com ensaios e artigos, copiosamente illustrados e da mais alta importancia para o assumpto, figuras das de maior relevo nos nossos meios culturaes, como sejam os Srs. Affonso d'E. Taunay, Heloisa Alberto Torres, Lucio Costa, Gilberto Freyre, Francisco Marques dos Santos, Roquette Pinto, Paulo T. Barreto, Raymundo Lopes, Annibal Fernandes, Mario de Andrade e muitos outros.

O Vidraceiro máo

(Dos «Poemas em Prosa» de Baudelaire)

Ha naturezas puramente contemplativas e absolutamente improprias á acção, que comtudo, sob um impulso mysterioso e desconhecido, agem algumas vezes com uma rapidex de que ellas mesmas se julgariam incapazes.

Assim aquelle que, receiando encontrar com o porteiro uma noticia afflictiva, fica covardemente uma hora deante de sua porta, sem ousar entrar; aquelle que guarda quinze dias uma carta sem abril-a, ou, só depois de seis mezés, se resolve a pôr em pratica uma resolução necessaria ha um anno, — sentem-se ás vezes bruscamente impellidos á acção por uma força irresistivel como a flecha de um arco. O moralista e o medico que pretendem tudo saber, não podem explicar de onde vem tão subitamente uma tão louca energia, a essas almas indolentes e voluptuosas, e como, incapazes de realizar as coisas mais simples e mais necessarias, encontram num momento dado coragem de sobra para executar actos, os mais absurdos, e ás vezes mesmo, os mais perigosos.

Um de meus amigos, o mais inoffensivo sonhador que tem existido, de uma feita ateou fogo numa floresta para ver, dizia elle, se o fogo pegava com tanta facilidade como geralmente se affirma. Dez vezes consecutivas a experiencia falhou, mas na decima primeira foi coroada de exito. Um outro accenderá um charuto ao lado de um barril de polvora, para ver, para saber, para provocar o destino, para constranger-se a uma prova de energia, para ter as sensações do jogador, para conhecer a anciedade, por nada, por nada, por capricho, por desfastio. E' uma especie de energia que nasce do tedio e do devaneio, e aquelles em que ella se manifesta tão inopinadamente são, quasi sempre, como disse, os mais indolentes e sonhadores dos seres.

Um outro, tímido a ponto de baixar os olhos mesmo deante do olhar dos homens, a ponto de precisar reunir toda a sua pobre energia para entrar num café ou passar deante da bilheteria de um theatro, onde os empregados lhe parecem investidos da magestade de Minos, de Eache ou de Rhadamante, pulará bruscamente ao pescoço de um velho que passa ao seu lado, e o abraçará com enthusiasmo deante da multidão attonita.

Porque? Porque... porque essa physionomia lhe era irresistivelmente sympathica? Póde ser; porem é mais licito suppor que elle mesmo não saberia porque.

Eu fui mais de uma vez victima dessas crises, desses impulsos que nos autorizam a crêr que demônios maliciosos se insinuam em nós, fazendo-nos realizar, sem o sabermos, as suas mais absurdas vontades.

Uma manhã, tendo-me levantado, aborrecido, triste, cansado de nada fazer, e impellido talvez, a realizar qualquer coisa de grande, uma acção esplendorosa, — para desgraça minha abri a janella.

(Observae, eu vos peço, que o espirito de mystificação, que em algumas pessoas não é o resultado de um trabalho ou de qualquer combinação, mas de uma inspiração fortuita, muito participa, quando não pelo ardor do desejo, deste humor, hysterico se-

gundo os medicos, satanico segundo aquelles que pensam um pouco melhor que os medicos, e que nos impelle sem resistencia a uma serie de acções perigosas ou inconvenientes.)

A primeira pessoa que avistei na rua, foi um vidraceiro, cujo grito agudo, dissonante, subiu até mim atravez da pesada e suja atmospha parisienese. Ser-me-ia aliás impossivel dizer porque me vi possuido, a respeito d'esse homem, de um odio tão violento quanto despotico.

«Olá! Olá!», e gritei-lhe que subisse. Comtudo eu pensava, não sem certo prazer, que sendo meu quarto no sexto andar e a escada muito estreita, o homem deveria sentir certa difficuldade em subir transportando a sua fragil mercadoria.

Emfim, appareceu: examinei com curiosidade todos os vidros e disse-lhe: «Como? Você não tem vidros de côr? Vidros rosados, vermelhos, azues, vidros magicos, vidros do paraíso? Mas parece impossivel! Então você anda pelos bairros pobres e não tem um unico vidro que faça ver a vida de outra maneira, mais bonita do que ella é!». E empurrei-o vivamente em direcção á escada, junto á qual elle cambaleou, resmungando.

Approximei-me da sacada e apanhei um vaso de flores. Quando o homem transpoz a porta ganhando a rua, deixei cahir perpendicularmente o meu engenho de guerra sobre o rebordo posterior da armação que mantinha a sua traquitana, e o choque, derrubando-o de costas, fez com que elle acabasse de partir o pouco que lhe restava do seu pão de cada dia. E tudo aquillo ruiu com o fragor de um palacio de crystal attingido por um raio.

Então, ebrio da minha loucura, gritei-lhe furiosamente: «Ah! Uma vida mais bonita! Uma vida mais bonita!».

Essas brincadeiras nervosas não são sem perigo e frequentemente nos custam caro. Mas que importa a maldição eterna para quem encontrou num segundo o infinito da alegria?

(Trad. de S. S.)

POEMA AO SILENCIO

Silencio, cobre o meu pensamento e o meu coração.
Cobre o meu corpo do desejo dos homens
E a minha sombra á luz do sol.
Cobre até a lembrança dos meus passos
E o som da minha voz.
Cobre a minha caridade e a minha fé
A vontade de morrer e também a de viver.
Estende-te sobre o colorido das paisagens
Interpõe-te na minha respiração e no meu pestanejar
Cobre-me desde o inicio da minha concepção,
Enrola-te no duplo de mim mesma
Transforma-me em fragmento de ti proprio
Penetra no meu principio e no meu fim
Cobre-me bem, com tanta amplitude e intensidade
Que possa eu ser esquecida
E me esquecer por toda a eternidade!

ADALGISA NERY.

Cinema

PUBLICAÇÕES

No seu numero de 28-1-38 *Les Nouvelles Littéraires* inserem um artigo de André George intitulado — Strawinsky et le Cinéma.

O artigo cita um trecho de outro sahido no *Figaro* e da autoria de Darius Milhaud.

Ambos commentam a attitudo do grande compositor em face da proposta que lhe foi feita para trabalhar para o cinema.

Strawinsky exigia que o seu texto musical ficasse intacto, sem remodelações ou adaptações de qualquer especie.

Como isso lhe não fosse garantido recusou immediatamente o convite.

No emtanto, a somma offerecida era bastante elevada, para que outro menos escrupuloso deixasse sua obra exposta a toda a serie de profanações. «Clercs» de tal fidelidade são rarissimos nos tempos que correm e enchem de admiração aquelles que encaram a produção espiritual como alguma cousa de sagrado, de divino, de digno do mais constricto dos cultos.

O numero de 27-12-37 de *Time* traz um longo estudo sobre o film de Walt Disney «Snow White and the Seven Dwarfs» ainda não exhibido entre nós e sobre a arte singular do creador de Mickey.

O artigo, alem de conter interessantes considerações sobre o desenho animado em geral, acompanha passo a passo a evolução da arte de Disney, que demonstra cabalmente que para produzir effeitos comicos com animaes é preciso antes de mais nada conhecer profundamente a natureza humana...

Look de 21-12-37 sob a epigraphe «A movie stunt man breaks his neck» apresenta uma serie de surprehendentes photographias de Dick Frazer, sem duvida um dos mais extraordinarios casos de «stunt man» de que haja conhecimento.

Vemol-o ora chocando-se com o solo a uma velocidade de 110 milhas por hora, ora soffrendo grave fractura de peçoço numa de suas proezas, ora lançando-se de um avião sobre a vela de um barco em plena velocidade.

Os «stunt men» são os individuos encarregados das scenas perigosas que não podem ser conseguidas por meio de «trucs».

No fim «Anjos do Inferno» tres desses heroes profissionaes pagaram com a vida o seu amor ao trabalho.

Respondendo... Antigamente quando se falava em cinema todo o mundo sabia do que se tratava, não havia necessidade de nenhum adjectivo. Hoje temos que dizer — cinema silencioso — para distinguil-o de outras cousas que com cinema se querem confundir.

A affirmativa de Corrêa de Sá no numero passado de Ariel não pode provocar nenhum protesto da minha parte. Estou de pleno accordo com elle. O fa-

lado é um mata-páo tão bravo que quasi, quasi acabou com o cinema.

Por emquanto ainda sobrou um ti-quinho...

Parnell, o rei sem corôa — M. G. M. — Direcção John M. Stahl. — Já tive occasião de encarar nesta secção o typo de films em que a historia de amor era uma excrescencia, uma cousa mal ajustada ao corpo principal da produção e que nella figurava como para justificar um preconceito do espectador comum: o film deve sempre conter uma historia de amor, o film deve ter um enredo amoroso.

Os directores, na sua maioria, têm-se esforçado em satisfazer essa exigencia do público. Films de box, films de guerra, todos levam diluidos no seu conjuncto um enredo de amor, em geral banalissimo. No caso presente o amor é parte integrante da obra, é uma feição da existencia de um homem, de um grande homem.

A vida de um homem de genio pode ser contada de uma infinidade de maneiras, dependentes do ponto em que se collocar o autor.

Muitas vezes uma só attitudo em face dos acontecimentos esclarece mais do que um relatorio completo, do nascimento até a morte.

Toda a vida de S. Martinho está na divisão do manto com o mendigo. Joanna d'Arc viveu mais intensamente na fogueira de Rouen do que em toda a sua meninice. O climax da vida de Socrates é a sua attitudo de sublime elegancia em presença da morte.

No caso de Parnell a paixão amorosa é mera manifestação allotropica: Parnell era um temperamento apaixonado, absolutamente apaixonado — pela libertação da sua patria, pela justiça, pela mulher que o comprehendeu.

O estudo desse homem apresenta uma serie de interessantes problemas de ordem moral.

Dever-se-ia elle dedicar inteiramente á causa do seu povo, a ponto de não ceder ás inclinações mais puras, mais nobres do seu coração?

O facto de ter-se deixado levar por essa inclinação sentimental, de algum modo representa uma trahição ao seu partido, uma deserção do grupo de libertadores de sua terra?

Deverá o homem verdadeiramente superior, o conductor de homens, deshumanizar-se a ponto de afastar do seu coração um amor alto, collocado no plano do seu merecimento?

Ou não será que os homens de genio differem dos homens ordinarios pelo grau mais elevado de suas capacidades. intelligencia maior, coração mais inflamado, actividade creadora?

Aliás Parnell, na hora da morte, admiravel no film, faz desse ponto de vista sua ultima mensagem. Aconselha seus companheiros a não procurar no chefe um Deus, mas um homem, um ser perfectivel é certo, mas cheio de fraquezas, de miserias inseparaveis de sua condição.

Quando se estuda a situação da Irlanda no tempo de Parnell é que se comprehende a questão da «Home Rule» em toda a plenitude.

Uma terra cuja população jamais conhecera pão. O pão era para os Lords da City.

Fomes numerosas assolaram a Irlanda até a grande, a maior de todas, a *Great Famine*. Além disso o horror das expropriações, os numerosos despejos — *the evictions*. 10.657 em 1880, 17.641 em 1881. A situação dos irlandezes era a peor de todos os povos do mundo.

O exodo dos irlandezes para a America só se podia comparar com o dos judeus em busca da terra da promissão.

A população chegou a baixar de 7 para 5 milhões. A perecer de fome na sua propria patria preferiam as incertezas da emigração, embora viajassem em navios tumultos — *coffin ships*.

Nenhum direito se reconhecia ao irlandez. Simples suspeitás bastavam para o encarceramento.

Dessas situações de desespero é que nascem os grandes libertadores, que objectivam a aspiração dos grupos humanos pela vida livre.

O Conneil e Parnell resultam das mesmas componentes.

A dedicação de Parnell — heroica, integral — o offerecimento de si proprio em holocausto á libertação de sua gente deu-lhe uma unica recompensa: poz em evidencia o negror, o abysmo de ingratição escondido na alma de seus irmãos.

John Stahl mantem-se á altura de sua immensa reputação.

Poucos saberão como elle manejar os dados da realidade sem cahir em excessos de objectivismo tão prejudiciaes á obra de arte.

John Stahl não se deixa assoberbar pelos materiaes que a realidade lhe offerece, domina-os, aproveita-os na me-

COLLECÇÃO ARIEL
DE OBRAS PRIMAS

ACABA DE APPARECER
O 1.º VOLUME,

DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de
MARQUES REBELLO
e GORRÊA DE SÁ

Preço 15\$000

dida em que delles necessita para construir a sua realidade, a realidade da arte, tantas vezes e tão servilmente imitada pela outra...

A verdade historica, nas suas linhas mestras, ficou intacta.

A honestidade do director exigiu um enorme trabalho de preparação. Nove mezes foram necessarios para organizar o film; 4.000 paginas de dados sobre as personagens foram compilados.

A paisagem da Irlanda, tão bellamente reproduzida, foi apanhada *in loco*.

O maximo cuidado foi dedicado á re-produção da Camara dos Communs do tempo de Parnell.

Alem dos caracteres admiravelmente recreados pelo talento de Stahl, a atmosphera, o ambiente merecem attento reparo.

Clark Gable deixa-se penetrar pelo espirito de Parnell como um verdadeiro medium e Katie O'Shea não pode ter sido mais bella, mais encantadoramente bella do que Mirna Loy.

Edna May Oliver — Tia Ben — continúa insubstitutivel no genero, ora grave, ora comico, e ás vezes grave e comico, de velha experiente, profundamente tolerante para todos os peccados do mundo. Montagu Love, além da impressionante semelhança physica, dá-nos a illusão de contemplarmos o proprio Gladstone — «with that white — hot face, stern as a covenant's yet mobile as a comedian's, those restless flashing eyes, that wondrous voice... the masterly gestures».

O grande director de «Imitação da Vida» e «Esquina do Peccado» continúa em plena força creadora.

O mundo ensinou-me a matar — (The gave him a gun) — Direcção — S. S. van Dyke II. — M. G. M. — Um film sem nada de extraordinario.

As sequencias iniciaes, embora já vistas em outras produções, suggerem bem a actividade de uma grande fabrica de munições e armas de guerra.

A instrucção dos recrutas apresenta muito daquella graça meio amenizada dos rapazes americanos. Sempre as mesmas caretas, os mesmos «gags», as mesmas scenas de medo, os mesmos ridiculos de civis repentinamente militarizados.

E se «O mundo ensinou-me a matar» leva-nos a fazer critica social, a pensar na infamia e na immundicie da guerra e na sua capacidade de abastardamento e aviltamento do homem, não cabe por isso nenhuma responsabilidade ao director...

A cadeira n. 13 — The thirteenth chair) Direcção George B. Seitz. — O interesse desse film está principalmente no assumpto.

As pessôas familiarizadas com a metapsychica, não ignoram que o estudo das chamadas faculdades para supranormaes já penetrou francamente no dominio da sciencia.

Na literatura ha referencias já numerosas a crimes descobertos por individuos dotados dessas faculdades.

Os casos verificados e conhecidos de cryptesthesia são bastantes para não provocar duvidas. Mas, apesar do vasto campo de exploração que o assumpto pro-

porciona, raramente apparecem films serios sobre elle baseados.

O que se tem feito são films policiaes inferiores, outros ridiculamente aterrorizantes.

No caso presente o uso de uma falsa medium conduz a policia a uma pista verdadeira.

A sessão espirita no escuro, com vozes de além tumulo, não deixa de produzir um certo calefrio.

O film é dirigido sem exaggero, sem nada que choque a sensibilidade do espectador.

Nenhuma preocupação excessiva de apavorar, de explorar o lado facil do phenomeno, mas apenas de empregal-o como um meio possivel de descobrir o criminoso.

Scenario perfeitamente ajustado ás necessidades do trabalho, deixando bem claro que tudo se passa na India.

Elenco bom. Dame May Witty que já admiramos em «A noite tudo encobre» é excellente. O velho Lewis Stone tão discreto, tão correcto nas suas attitudes, tão natural na sua «performance» continúa credor da nossa melhor sympathia

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

Theatro

UMA VICTORIA DO THEATRO BRASILEIRO

O exito da comedia historica de Viriato Corrêa, «Marqueza de Santos», no elegante theatro Sant'Anna, pela Companhia Dulcina-Odilon, ultrapassou as melhores expectativas deste conjunto. Basta dizer que antes do quarto dia de representação da peça, já subia a cerca de dez mil o numero de espectadores que a haviam delirantemente applaudido e se encarregavam, espontaneamente, de divulgar, por todos os recantos da cidade, o valor da obra, a belleza e imponencia dos seus scenarios e a sensibilidade artistica posta a serviço da interpretação pela unanimidade dos elementos da Companhia.

Duas semanas de consecutivas representações já haviam decorrido, e ainda a bilheteria do theatro accusava, constantemente, a presença de numerosissimo publico, ansioso por adquirir localidades para o notavel espectáculo.

Nos annaes da scena brasileira, não ha noticia de um semelhante exito de bilheteria.

A curiosidade que «Marqueza de Santos» despertou em todos os meios culturais de São Paulo só encontra algum parentesco nas recitas memoraveis de «1830», de Paulo Gonçalves, pela Companhia de Oduvaldo Vianna, alli por volta de 1923.

Cumprê, todavia, accentuar que, dado o character eminentemente paulista e brasileiro da actual comedia historica de Viriato Corrêa, as reacções por ella provocadas abrangeram um circulo muito mais dilatado de interessados e admiradores do bom theatro.

A popularidade da figura central da peça concorreu, decerto, em boa parte, para acular na grande massa humana da metropole bandeirante o desejo de

assistir á resurreição dessa curiosa personagem e á sua exaltação, através dos episodios condensados nos tres actos.

O espectáculo completou a magia.

Não é aqui o lugar de uma analyse completa dos motivos que concorreram para o excepcional exito de «Marqueza de Santos». Uma obra de tal vulto não pode nem deve ser estudada em linhas rapidas e superficiaes, como as que ora traçamos.

Ha a comedia em si.

E, depois, a montagem, com os deslumbrantes scenarios de Hyppolito Colomb. E, ainda, o desempenho homogeneo do conjuncto, com Dulcina e Odilon no extraordinario relevo dos dois immortaes apaixonados.

Tudo isso pede um estudo minucioso, como aquelles quadros de museu, dos grandes mestres, em que é preciso observar e sentir todas as subtilezas da factura.

O que não padece duvida é que «Marqueza de Santos» inaugurou uma nova época para o theatro nacional.

Pelo menos, o publico de São Paulo ficou acreditando na bella existencia desse theatro.

E não só acreditou nelle, como tambem se dispoz a applaudil-o, a animal-o, a prestigial-o com o melhor da sua fé e do seu carinho.

Viriato Corrêa veiu lançar em São Paulo os alicerces para a construcção do theatro brasileiro que o Ministerio da Educação se propõe amparar, a bem da cultura e do bom gosto do nosso povo.

Os que teimam em não acreditar na possibilidade desse theatro devem sahir descontentes do espectáculo que a Companhia Dulcina-Odilon nos está offerecendo.

Os outros, os que ainda amam o nosso passado, os que confiam no futuro da arte nacional — estes sahirão desvanecidos e alegres do magnifico contactos com o ambiente superiormente artistico de «Marqueza de Santos».

CORREA JUNIOR

(Transcripto de «A Gazeta», de São Paulo, de 17-3-38).

POETAS PORTUGUEZES

O BOLETIM DE ARIEL estampa neste numero diversas composições dos modernos poetas portuguezes, de varias tendencias e escolas, composições essas escolhidas nas mais prestigiosas publicações litterarias de Portugal. São versos de Teixeira de Paschoaes, Carlos Queiroz, Augusto Casimiro, Francisco Bugalho, Antonio Botto e Alberto de Serpa, que offerecemos nos nossos leitores para que possam, dessa fórma, compôr um panorama eschematico e expressivo da actual poesia de Portugal.

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ

Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

A GLORIA NO CIRCO

Choveu a noite toda. Agora já o ceu está limpo, mas chovem ainda das arvores umas gottas gordas, lentas, que ao cair traçam no ar leitoso riscos brilhantes e se espaçam pesadas de frio, na calçada molhada. O mar e o ceu ainda se confundem na bruma da manhã e não se sabe, nesta hora incerta, se a praia da Gloria, com as suas luzes baças, é uma paisagem submarina de fôrmas liquefeitas ou um pedaço da via-lactea boiando na noite fria.

Neste mundo de formas imprecisas, Léo caminha com os olhos anciosos, esforçando-se por fixar o contorno dos objectos, por adivinhar a sua realidade profunda. E nesse esforço continuo que os seus olhos fazem para se orientar, parece que ajudam o dia a vencer a escuridão. A luz do dia se vae infiltrando pouco a pouco na nevoa humida, até limitar com precisão o ceu e o mar.

Léo está todo molhado, porque quando saiu do seu quarto ainda chovia forte. Mas já não sente frio. No quarto, sim, sentia um frio de morte, e, por isso, preferiu vir para a rua, logo que presentiu no ar uma promessa do amanhecer. Como todas as noites anteriores, não lhe foi possível dormir e desta vez, alta madrugada, quando a sua agitação chegava ao maximo, o vento começou a entrar em rajadas violentas pelas janelas quebradas do seu porão. Os jornaes velhos que lhe serviam de colchão faziam um farfalhar tão macabro, que lembravam ossos resequidos se esfariando. Apesar de tudo, o Jayme, seu companheiro de quarto, dormia. É verdade que o Jayme dorme sempre, aconteça o que acontecer. Esta é a unica coisa que o Léo lhe inveja. Esta felicidade de poder dormir, de contar como certa, com essa fuga ao soffrimento. De esquecer a fome e o frio no somno bom. De esquecer mesmo a dôr.

Um desses dias, ainda quando o Jayme trabalhava na fabrica de tecidos, a navalha da machina pegou-lhe na mão um talho fundo. Teve que ir á Assistencia e á noite, quando voltou para casa, o pobre se lamentava que a dôr era infernal. Pôz-se a gemer cada vez mais alto, até que, quando a dôr parecia insupportavel, adormeceu profundamente. Assim era o Jayme. Já o Léo era diferente. A sua unica felicidade, era poder fugir do quarto de manhãzinha, depois da noite agitada de insomnia, para se perder pelas ruas, pelo mundo, por dentro da vaga realidade de todas as coisas.

Nos seus olhos vermelhos de palpebras inchadas, fluctua um olhar envolvente, macio, que acaricia a paisagem, e se filtra nella docemente. Aquelle rosto magro, pallido, com os cabellos desordenados, não parece o rosto de um revoltado, mas de quem, apesar de tudo, ama a vida. E põe este amor em todas as coisas do mundo. Como o mundo é, com todas as suas realidades, as suas incoherencias, e as suas distancias que o olhar tenta vencer. Este seu olhar absorvente de poeta, vencendo as distancias impossiveis, indo do ceu á terra, das imagens perdidas da sua infancia

até aquelle navio que vae saindo barra afóra neste momento, crea-lhe um consolo perenne e faz-lhe esquecer o frio, a fome e a noite de angustia, como todas as suas noites. O dia é tão bom, tão cheio de variedades: o sol, as tolhas verdes das arvores, as pessoas que passam envolvidas em seus capotes, os automoveis lustrosos escorregando num ruido abatado pelo calçamento ainda molhado e aquelle navio que vae saindo, saltando uma tumaça lenta, reveladora do calorzinho bom que deve existir no seu bojo gordo e confortavel. O olhar do Léo vóa sobre a amurada do cáes, deslisa pelas ondas oleosas do mar e bate de encontro ao navio. Salta em seguida no convéz e já cheio de personalidade começa a chamar o Léo, de lá, de longe, com gestos perdidos na distancia. Quasi sem se sentir o Léo vae onde o seu olhar o chama.

Sobe pela escada que agora está descida porque o navio encostou num cáes onde ha muitas pessoas conversando. Entra. Caminha pelo convéz. Chega a um salão enorme, cheio de dourados e de tapetes, de marinheiros rosados e de outras pessoas sorridentes e felizes. E, tambem feliz, começa a passeiar. A ouvir o barulho das machinas trabalhando, porque o navio já está de novo em marcha. Tinha parado só para Léo entrar nelle e poder ouvir este barulho cadenciado das machinas lá em baixo nos porões e esse fervilhar de gente conversando no convéz, porque já é de tarde e bebe-se chá a bordo. Léo entra num dos camarotes e começa a compôr uma musica bonita. Uma musica onde entram motivos do ruido das machinas, marinheiros cantando canções distantes, ondas batendo no costado da navio.

Depois sai para tocar a musica naquelle grande salão cheio de tapetes e dourados onde agora estão reunidos todos os passageiros. Léo ouve perfeitamente, nitidamente a melodia escorrendo limpida do arco do seu violino. A musica ineffavel vae levando-o pelos espaços afóra. Já o navio desapareceu, escondendo-se por traz do Pão de Assucar.

Sem compreender como, o artista está tocando agora a sua musica naquelle grande theatro, cujas torres coloridas elle divisa ao longe, resoando com as notas que o violino derrama no seu bojo. A musica vae enchendo o theatro, até que distendido como um balão, elle se levanta nos ares, vibrando a musica de Léo pelos espaços astraes.

A's vezes, Léo ouve os sons nitidamente, ás vezes um pouco apagados, porque aquelle avião que vóa sobre a bahia, tenta abafar com o ruido dos seus motores, a sua musica deliciosa.

Mas o vento brando que arrasta para traz a fumaça do navio e que desvia os seus pensamentos leves, espalhando-os sobre as aguas, tambem desvia o theatro para o outro lado, para bem longe do avião.

E, por traz daquelle bloco de nuvens, Léo continua a navegar por cima dos morros, passa pelo cume do Corcovado e se vae esgarçando no ar cada

vez mais leve da manhã. Para acompanhar-a de perto, Léo toma agora aquelle automovel verde que vae entrando na Rua Paisandú e começa a receber no rosto, um vento carregado de melodia, cheio das vibrações de sua musica, que todas as palmeiras da rua estão tocando como num grande palco que se abriu naquelle instante em que o arco-iris pousou sobre os morros da cidade.

A roupa molhada de Léo vae-se enxugando aos poucos. O tempo, o vento, as pessoas, as ruas, as casas, vão passando por elle indifferentemente e só a sua musica deliciosa perdura, embalando-o e fazendo-o feliz, porque é a sua musica que elle domina, que elle modula, que elle crêa, com sua vontade creadora, enquanto o dia passa, cheio de tantas coisas.

Na noite vazia, escura e quasi sem contornos, desaparece toda a felicidade de Léo. No seu quarto gelado deita-se sobre jornaes velhos, cobre-se com o unico lençol que possui e esforça-se por dormir. A sua musica a principio o embala docemente, mas, quando elle vae adormecendo e não pode mais regela com a sua vontade, ella se desorienta, se exaspera e opodera-se delle como uma força extranha. Não é mais a musica de sua alma feliz, mas uma musica barbara de todo o seu corpo que vibra numa agitação desadorada.

Os ouvidos lhe martellam, a cabeça parece fluctuar e submergir successivamente numa agua pesada, densa como um metal liquido. E seus musculos se retesam em contracções cada vez mais intensas. A musica vae num crescendo assustador, que lhe perturba o rythmo respiratorio, que lhe toma do coração e o arrasta num frenesi louco.

Com o corpo assim trepidante elle vae ficando coberto dum suor frio, pegajoso. Vae se sentindo cada vez mais gelado, enquanto a musica avassalante vae augmentando dentro delle. Quando todos os seus nervos se vão partir e se enroscar como cordas para lhe asphyxiar de vez, Léo sae violentamente daquella somnolencia atróz e levanta-se para controlar com a sua vontade a musica infernal.

Toda a noite elle passa assim, nesta sensação angustiosa de sentir-se morrendo e renascendo á força de uma reacção continua. Dahi o seu horror á noite e a sua quasi felicidade durante o dia em que elle dorme de olhos abertos, vagando pelas ruas da cidade enorme, navegando sobre as aguas da bahia, voando nos ares frescos por sobre o cume dos montes escarpados.

A tarde se evaporou por traz dos morros azues e com ella mais uma esperança do Léo. Agora elle caminha de volta para casa com mais uma tentativa. Sim, a ultima, porque elle não se sente mais com forças para insistir. Para implorar, para mendigar um emprego de musico onde possa tocar deante do publico a sua melodia que é a evocação de toda a sua vida. Não podia chegar mais baixo. Um reles gerente de bar

que sorri um sorriso estúpido, deante da sua pretensão de ser musico, de tocar uma composição da sua autoria. Quantas vezes já lhe têm chicoteado a cara com este mesmo sorriso: o director do theatro, o gerente do cinema, os innumerables emprezarios de cabaret, e, agora, até aquelle encarregado de um bar de aspecto duvidoso, todos parecem ter tirado patente do mesmo sorriso de consideração com que sublinham sempre a mesma phrase tambem patenteada: — «Impossível, não ha vaga de musico».

Pela noite a dentro, continua a caminhar dando voltas e voltas para chegar ao seu quarto o mais tarde possível. Desce por uma avenida quase deserta, quando o vento que sac de uma rua transversal, sopra em ondas inconstantes, sons de uma musica perdida. Não é a sua musica interior, nem a musica macabra de suas noites de insomnia, mas uma outra especie de musica, diferente, absurda, ridicula, com umas arrancadas quixotescas e umas paradas intempestivas.

Attrahido por esses sons absurdos, Léo entra na rua transversal, e ao dobrar a segunda esquina, divisa ao longe, no centro de uma praça, uma grande massa branca e quasi transparente, salpicada de luzes e de bandeiras coloridas. Parece um grande navio de velas, caído de outros tempos na praça illuminada. As velas enfunadas, ridiculamente inuteis na sua tentativa de navegar. Parece, tambem, com o seu theatro que tendo voado o dia todo sobre a cidade, insuflado com o ar musical de sua melodia, tivesse pousado ali como um passaro que á noite pousa no seu ninho. Mas, não, sua melodia não poderia nunca se transformar naquella mascarada incoherente de sons, que se exhala do grande pavilhão illuminado.

Agora, de mais perto, Léo divisa perfeitamente — é um circo. Lá está a placa illuminada: — GRANDE CIRCO NACIONAL —. Em torno da vasta tenda branca, de um branco leitoso, por effeito da illuminação interior, filtrada através da lona, agita-se uma multidão de curiosos. Molecotes estarrapados imploram niqueis, com olhares de uma humildade de santo, para conseguirem entrada e poderem assistir ao espectáculo. Junto á porta, formada por uma grande cortina de velludo grenat, um homem monumental vestido com uma farda azul com alamares vermelhos, olha com um olhar de dominador a esteira humana que o circo vae deglutindo gulosamente por sua garganta accesa. É o director do circo. Léo pára deante do circo como deante de um planeta diferente. E começa a ordenar os seus pensamentos em função deste outro mundo que elle ha tanto tempo não visitava, mundo maravilhoso da sua infancia remota.

De repente, brilha-lhe nos olhos uma esperanza. Aproxima-se do director e offerece-se para tocar no circo a sua melodia. Com palavras confusas e tremulas tenta explicar o seu grande desejo. Do alto daquela montanha azul rola a quase esperada negativa, mas com uma justificativa diferente: — «Não é um numero que interesse ao circo.» O des-

consolo que se estampa no rosto do rapaz é tamanho que a montanha solemne se commove. Curva-se num gesto quasi carinhoso e accrescenta baixinho: — «Talvez outra coisa que saiba fazer. Si quer assistir ao espectáculo, entre, e ao terminar procure-me novamente.»

Sentado nas taboas da geral, o artista se sente invadir por uma tristeza immensa. Nem os palhaços conseguem fazel-o rir. Sente-se immune ás gargalhadas contagiantes da platéa. Ao seu pasmo deante dos passes inverosímeis dos prestidigitadores, é como se tivesse perdido ha mil annos a sua alma de creança e por isto o espectáculo do circo já não lhe diz nada.

Precedido por um clarim estridente, entra na arena com um passo arrogante e marcial o director do circo que, expectorando phrases grandiloquentes faz a apresentação do numero sensacional daquella noite. No circo tem que haver sempre um numero sensacional. Um numero que ultrapasse toda a imaginação da platéa. Hoje o numero de sensação cabe a Max, o grande equilibrista do trapezio. O acrobata exhibe-se admiravelmente. Com o seu «maillot» rubro fazendo um contraste violento com a lona da cupola do circo, desmaiada pela luz dos reflectores, elle se desloca quasi solto no ar em movimentos duma perfeição absoluta. A platéa corôa a sua façanha numa apothose de applausos. Nesse momento Léo se surprehende applaudindo, enquanto a charanga do circo acompanha com um galope de sons plangentes a descida triumphal do atleta.

O numero sensacional vem traçar um novo rumo á vida de Léo. Ao terminar o espectáculo, o equilibrista conta com um novo discipulo.

— «Durante a aprendizagem não ganha nada. Só comida, com a condição de ajudar á noite na hora do espectáculo» — Esclarece o director.

Léo aceita com uma condição: que, quando puder executar o seu numero, lhe seja permittido tocar lá no alto do trapezio, a sua melodia ineffavel. O director solta uma gargalhada enorme. E como se toda a platéa tivesse voltado ao circo para rir mais uma vez, com um riso posthumo e estardalhante, das palhaçadas do Piolin. Mas essa gargalhada brutal não se parece em nada, com as que lhe retalhavam a cara cuidadosamente, asepticamente, como se executassem uma operação delicada, embora sem anestesia. Não ha nenhum parentesco entre este sorriso cortante e a gargalhada franca do director do circo. E, por isso, Léo tambem sorri. E este o seu primeiro sorriso nesta primeira noite do circo.

Os apaixonados do circo não devem ir nunca aos seus ensaios. Seria a perda de toda a sua illusão maravilhosa. O circo creador de maravilhas só existe na hora do espectáculo. Só ao se iniciar o programma é que apparece a alma prodigiosa do circo. Antes desta hora, o circo é uma coisa fria.

Um amontoado de cadeiras, de cordas, de tapetes, de pobres diabos que esperam constrictos a alma ausente do circo para se manifestarem grandiosos na hora do espectáculo.

Os ensaios são dolorosas tentativas de exorcismo para que esta alma se manifeste. Mas, a ausencia do publico, a falta daquella musica picaresca e essencial do circo, não permittem que a sua alma dispersa e imponderavel se concentre nessa hora inexpressiva dos ensaios. Nessa hora em que os acrobatas parecem bonecos cosidos com pedaços de carne recortados de uma porção de outros atletas, mortos em innumerables tragedias do circo. Em que as bailarinas dançam ausentes do seu bailado que se realiza sem musica, como se fossem phantasmas profissionais de antigas bailarinas que se aposentaram e morreram fóra do circo. Em que os palhaços entram em scena com aquella mesma cara de paes de familia com que atravessam as ruas desde a casa até chegarem ao circo.

Todo o maravilhoso do circo está ausente dos seus ensaios. Só se sente nelles, um cheiro de tragedia. Os amantes da tragedia, esses sim, não devem perder os ensaios do circo. Cada ensaio vale por tres tragedias de Shakespeare. Felizmente, os artistas do circo não se percebem dessa densa atmosphera de tragedia que invade o circo na hora dos seus ensaios.

Léo, logo no dia seguinte, iniciou a aprendizagem. Começou por dominar os nervos. Por vencer o medo e o ridiculo. Por se abandonar como um morto á tragica realidade do circo. Passam-se dias e dias de treinos, de desmaios, de quedas, de dôres, e de desesperos, mas já o artista se equilibra com um só pé no balancim escorregadio do trapezio. Falta muito, anida, para o fim, mas o seu grande desejo vence tudo. O escravo se sente o mais livre dos homens, porque caminha para a sua aspiração.

Nessas noites, depois do estorço doloroso da aprendizagem, Léo volta para o seu quarto e conta ao seu companheiro, as aventuras do dia.

Depois, meditando sobre as conquistas já alcançadas, procura adormecer. E chega mesmo a dormir. Apenas, começa logo a sonhar. Um sonho difficil com um thema constante que reaparece todas as noites: a tentativa de equilibrar-se no trapezio. No sonho, as difficuldades em lugar de diminuirem, crescem assustadoramente. Quasi que o artista soffre mais no sonho do que no proprio ensaio. Porque no sonho, o circo está cheio de gente. Elle divisa nitidamente na platéa, as caras de todos aquelles homens que lhe negaram emprego. Os degraus da escada fogem a seus pés. As cordas são engorduradas e escorregam nas suas mãos. O trapezio é elastico e se distende com o seu peso até o chão.

Neste momento a platéa o vaia com um côro de gargalhadas onde se destacam perfeitamente as notas ironicas dos sorrisos chicoteantes dos seus velhos conhecidos. A's vezes, elle consegue comtudo se equilibrar prodigiosamente neste mundo de obstaculos, mas, quando pede que subam o seu violino acontece que no momento exacto desaba o circo ou é a platéa que se retira em massa, ou é elle que acorda num estremecimento brusco como se fosse cahir, comtanto que nunca, em nenhuma noite chegue a tocar no seu sonho, a sua melodia ineffavel.

Apezar dessas noites de ansiedade, quando elle sae de manhã do seu quarto e se dirige ao ensaio, sente-se immensamente feliz. Acha os dias mais lindos do que nunca. Toda a cidade lhe parece um circo immenso, um circo monumental e quasi divino onde todas as casas são camarotes repletos e as montanhas galerias, onde o povo se comprime só para vêr o grande musico e equilibrista Léo, que vae tocar uma musica incomparavel, equilibrado num gigantesco trapezio, suspenso na lua e no sol. Neste momento elle não se contenta em ouvir a sua musica interior e a companhia assoviando delirantemente. Nem os automoveis businando, nem os apitos dos guardas, nem os pregões da cidade, nem mesmo o ronco de desafio dos aviões pelos ares, são capazes de abafar a sua musica. Ao contrario, fazem côro, porque elle sente que tudo isto faz parte da grande orchestra do seu circo monumental, a qual está exactamente annunciando a sua entrada triumphal na arena para executar o seu numero de sensação. E, embriagado de gloria, Léo entra no circo para soffrer, com o peito entumescido de felicidade.

Neste sabbado o circo realizará um novo espectáculo, que como os das noites anteriores, se iniciará ás 9 horas em ponto. São 8 horas e os preparativos começam, sendo executados com aquelle automatismo que o circo infunde aos seus profissionaes: Accendem-se as luzes. Abrem-se as janellinhas lateraes onde são vendidas as entradas. Os porteiros com os seus uniformes marciaes tomam posição ao lado da entrada, e o director vem até cá fóra dar a primeira olhadella ao movimento das bilheterias. O publico vae chegando: homens, mulheres e creanças de todas as classes, de todas as côres, de todas as raças, vão entrando para o circo para aproveitarem as piadas dos palhaços e rirem uns dos outros. Quasi todos entram sem dar attenção ao grande cartaz onde estão annunciados todos os numeros do programma do dia. Não perdem tempo com isto, porque não lhes interessa nada de especial no programma, mas o circo em si, com todos os seus numeros misturados e quasi essencializados numa abstracção — o circo.

Por excepção, tres jovens mal vestidos que chegam apressados apezar de ainda faltar quasi meia hora para o espectáculo começar, estacionam deante do cartaz e procuram nelle alguma coisa que lhes interessa particularmente. Immediatamente encontram, porque um delles lê em voz alta — ESTREA DO GRANDE TRAPEZISTA-EQUILIBRISTA LÉO — O DOMADOR DOS ARES. — Entroolham-se os tres e sorriem um sorriso satisfeito. Compram, a seguir as suas entradas, e com um ar de sufficiencia inexplicavel, para quem ponha reparo nos seus trajés desconchavados, entram no circo com a imponencia de convidados de honra num palacio imperial. Sentam-se na ultima fila de taboas, aquella que fica junto do panno e quasi ao mesmo nivel do trapezio, cujo metal brilha junto á claraboia do circo.

O mais moço dos tres é o Jayme e está ainda mais impaciente e orgulhoso daquella hora gloriosa do que os

outros dois que são garçons no mesmo restaurante em que elle trabalha e vieram a seu convite.

Passa-se quasi um seculo para que o primeiro numero seja apresentado. Depois, lentamente, com aquella disciplina heroica do circo, desfilam em passagens difficeis e exactas, os contorcionistas e os equestres, os cyclistas e os excetricos, os parodistas e os equilibristas do arame.

A platéa applaude sempre, mas já começa a se saturar do maravilhoso, a sentir-se quasi saciada, porque a platéa não sabe, como aquelles tres garçons do «Restaurante Japonês», que daqui a pouco teremos o grande numero sensacional. O director do circo se encarrega porém, de apparecer e de levantar o tonus dos nervos já meio relaxados da platéa, já quasi exgottados por tantas realidades surpreendentes e de uma exactidão quasi impossivel: — «Respeitavel publico, o numero sensacional de hoje é a estréa do grande equilibrista e trapezista Léo — o passaro humano.»

O artista entra sob uma salva da palmas — prologo essencial de todo numero de sensação. No meio da arena curva-se num gesto gracioso, arrancando com as duas mãos dos cantos dos labios arregaçados, dois beijos tumidos. Bate de leve com as palmas das mãos e logo arriam uma escada de cordas.

Sóbe por ella sentindo-se mais leve do que uma pluma. De tal modo imponderavel que a escada lhe parece quasi dispensavel. Sente-se capaz de mandar tocar uma escala musical e subir pelas notas invisiveis como os personagens de desenho animado. Alcançado o trapezio, os seus pés soldam-se ao balancim. Tem uma consciencia absoluta de que não é possivel cair e, por isso, se balança cada vez mais forte ficando com o corpo quasi horizontal.

Novamente toca de leve com uma mão na outra e uma cadeira sóbe para compôr equilibrio mais complicados. Collocando-a com dois pés sobre o trapezio, Léo senta-se na cadeira com uma estabilidade de estatua num pedestal de granito. O ar o envolve cuidadosamente, como um amigo que possuisse vinte mãos e o amparasse por todos os lados, reservando ainda duas mãos carinhosas para lhe acariciar o rosto e os cabellos. A sua segurança arrebatada a platéa. Todos os olhares dirigem-se para um só ponto, com uma tal intensidade convergente, que seriam capazes de incendiar o tecto do circo si em lugar de athleta existisse uma lente biconvexa.

Mas, ainda insatisfeito, o artista bate palmas novamente e faz subir numa rêde de malha, uma grande esphera de metal dourado que elle põe sobre o plano liso da cadeira. E, agora, prudentemente, com movimentos exactos, elle se vae deslocando até se pôr de pé sobre a esphera escorregadia. Solta-se das cordas do trapezio e fica fluctuando sobre aquella bola de chamma, que ondula no espaço. Neste momento electrizante, num gesto leve, porem imperioso, numa rapida oscillação da mão, o athleta dá sua ultima ordem: que subam o violino. Toma do instrumento como um phantasma; apoia-o contra o peito e com a outra mão levanta o arco.

E, na atmospheria supersaturada de silencio, écos um som sobrenatural. Rom-

pe-se então o dique de emotividade da platéa, e uma tempestade de palmas abafa inteiramente a musica do Léo. O artista pára de tocar e aguarda que a tempestade se acalme para tentar outra vez. Mas é impossivel. A platéa não pode mais. Todos os espectadores estão convictos de que não é possivel fazer-se mais, como equilibrista. E continuando a bater palmas, gritam por todos os lados: — «Basta. Basta. Já é demais.»

Então, a orchestra que parecia aguardar esta explosão de sympathia humana, irrompe numa catarata de sons glorificadores.

Num gesto irremediavel, o artista deixa cair o arco, abraça-se ao violino e inclina-se para a frente, a principio de leve, como se estivesse agradecendo aquella consagração; depois, ousadamente, como se fosse mesmo um passaro no momento de levantar vôo. O baque surdo de um corpo contra o solo, se mistura ás ultimas palmas e ás ultimas notas da orchestra louca.

JOSUÉ DE CASTRO.

— Os admiradores de Cézanne terão ensejo de conhecer melhor certos detalhes da vida do mestre. Sua *Correspondance*, recolhida por John Reivald, encerra documentos interessantissimos a proposito de uma arte das mais discutidas, que tanto tempo enfiureceu os partidarios de Ingres ou Delacroix. Cézanne, pintor que o joven Zola punha nas nuvens, é muitas vezes, nestas cartas, o seu melhor commentador. Sem esquecer que o volume é acompanhado de 48 heliogravuras preciosas.

— Não faltam entre nós pretendentes ás glorias do canto, alguns até com grave afflicção das familias vizinhas. Pois esses candidatos a Caruso ou a Gigli não perderão nada percorrendo o trabalho de M. Coulomb, *Conseils pratiques sur l'emission de la voix chantée*. Custa apenas dez francos.

— Os criticos enxergam no chamado romance «populista» uma revivescencia dos processos de Zola. Mas em certos casos a descripção da vida é menos crua, menos feroz, menos abjecta. Madeleine Vivan, por exemplo, conserva ainda a pudicia feminina, a piedade em presença dos destinos infelizes, o perdão das almas mutiladas pelo vicio ou pelo crime. *Le Village Noir* não roubará o tempo de quem quer que o leia.

— *Eux et nous*, de Suzanne Martinon, procura explicar as razões por que as creanças se vão aos poucos desprendendo das mães. As percepções psicologicas são finissimas neste volume. Volume tanto mais estimavel quanto evita as notas altas, os desmandos declamatorios, e é sempre de um optimismo exultante, louvando as doçuras e as bellezas da infancia sem cahir no convencional e no theatral.

— Gabriel Brunet é um notavel critico litterario. Foi elle quem succedeu a Jean de Gourmont num posto de responsabilidade do *Mercur de France*. No momento temol-o como romancista e verificamos que o homem é tambem capaz de tentar a ficção sem comprometter-se. Brunet marcou lucidamente em *Etoile du Matin* a existencia dos operarios, dos pequenos artifices da provincia.

O PÃO QUE O DIABO AMASSA

A padreira, para uma padreira, era uma padreira chic, valha a verdade; mas se ella tinha alguns cobres guardadinhos n'um pé de meia, e se aos domingos, deitava uma certa elegancia nos brincos de longos pingentes e no vestido engommado — todo cheio de babados, d'entremeios e requififes — não se pense porisso que houvesse qualquer cousa a dizer de sua conduta, nem se julgue que sua coquetterie domingueira se prestasse a cochichos e reticencias.

Oh! não! e era justamente isso, o que mais desesperava ás suas melhores amigas.

Demais, todos os moradores da Gambôa e Praia Formosa conheciam sua seriedade e calculavam, pelo que lhes custava a elles freguezes a mastigação do seu pão de cada dia, o quanto custaria á honrada padreira o amassar aquelle trigo contemporaneo das espigas que Ruth apanhára nos campos de Booz.

Em uma palavra, a sanhôra Philomena no trabalho era uma gallêga... (e na raça tambem) porisso segundo a voz do povo, mulher assim só d'encommenda.

Ella era o tombo da casa; era ella quem cozinava, quem amassava a farinha, quem determinava o tamanho do pão de dous vintens, e emfim era ella quem de madrugada puxava de mansinho o cobertor de cima do seu homem para forrar o cesto e manter quentinha a primeira fornada.

O marido, um latagão malandro e cabelludo como um bugio, roncava na cama até alto dia e folgava até alta noite na taverna do Preira; porém a boa padreira dedicava-lhe um amor de um fermento tão superior ao das suas brôas que de livre vontade se esfalfava por dous com medo de gastar o seu homem; ao que elle — em boa hora o digo — correspondia, ao acordar, com as caricias mais expressivas mimoseando-a quasi sempre com um bom par de bolachas.

No sabbado, dia especialmente consagrado á carraspana-mestra, o diabo andava solto nessa casa porque o Preira para escorruptar-lhe o primeiro quartilho da bôa, exigia previamente o pagamento da cachaça da semana finda, e a Philomena para evitar o rombo nas finanças escondia a chave da gaveta do balcão; d'ahi, é claro, resultava sempre uma trovôada d'impropérios acompanhada d'uma chuva de cachações e d'uma saraivada de tabêfes nas bochechas da pobre gallêga.

Em conclusão, nessa padaria o sabbado parecia antes uma sexta-feira, era um dia aziago; ora, como foi justamente sabbado que succedeu o caso que lhes vou contar julguei necessario preparar o animo e o espirito dos meus carissimos leitores.

Em meio do estardalhaço das fanfaras e da vozeria e guinchos gutturaes dos mascarados, isto é, em plena folia dum dos estrondózos bailes carnavalescos dos Fenianos; emquanto eu me abanava, distrahidamente recostado ao umbral duma porta do salão, cahio sobre mim aos trambolhões um valsante ma-

gricéla, não phantasaido, mas cujos enormes bigodes encerados e enroscados em forma de saca-rolhas me arranharam dolorosamente a face direita e quasi me furaram o olho esquerdo, ao passo que a bicanca dava-me uma trombada de fazer-me um gallo na testa.

Repelli-o furioso, e tal foi o empurrão que elle cahio sentado sobre o ventre balôfo duma respeitavel matronaça, onde o seu ossúdo posterior produziu um ruido surdo e cávo como o de um pneumático que estoura.

Eis — ahi por que vias travei relações com o Capitão-Mór Pancrácio Pernilongo, brilhante e intemerato commandante dum batalhão de reserva da heroica milicia do districto da Chichôrra.

Desde então, digo-o com certa ufanía, me honro com a amisade do official mais fogoso que jamais cobrio sua fronte altiva com uma mirabolante barretina ornada dum pennacho qualquer.

O illustre Capitão-Mór alem de outras qualidades physicas e moraes (não pronunciar como *i* a conjunção, gozava ainda da fama d'estrategico consummado, fama bem merecida e que datava da guerra Franco-Allemã.

Como os meus leitores hão de recordar-se não havia em todo o quartelão do Arco do Telles — onde o illustre Pancrácio residia na sobreloja do seu deposito de xarque — quem ignorasse os assombrózos conhecimentos tacticos e estrategicos que elle revelára em 1870 e 1871, explicando graphicamente com a ponta dum facão sobre as mantas de carne-secca estendidas no assoalho sebento do armazem, as multiplas batalhas, marchas e contramarchas dos exercitos belligerantes.

Como se vê, era ahi desde então o quartel-general onde vinham buscar o Santo e a Senha os criticos militares do bairro, que pela manhã se reuniam á frescata, de tamancos e em mangas de camisa, para discutirem as noticias do Jornal do Commercio e ouvirem do collega mais entendido as explicações dos pontos obscuros daquelles telegrammas ambiguos, redigidos em geral pelos generaes francezes.

Pernilongo punha tudo aquillo em trócos miúdos: alli no canto, aquella pilha de xarque da ra., era Strasburgo; á esquerda della, no vão da porta, o jacá de toucinho figurava Metz; e mais distante, no outro vão, sempre á esquerda e no mesmo alinhamento ficava Sédan; a grande balança do meio representava Paris.

Com estes quatro pontos de repère bem estabelecidos o tactico Carne-secca conseguia metter na cachóla dos amigos as mais complicadas operações militares dessa guerra que tanto os interessava.

Força é confessar que o germanismo fanatico de Pernilongo induzia-o frequentemente a excessos de linguagem contra a proverbial bravura gauleza, porém — justiça seja feita ao seu character imparcial mesmo entre a pleiade de generaes eminentes do lado allemão a severidade do seu juizo não deixava passar sem reparo o que elle appellidava escorrega-

délas de Moltke, de Blumenthal e do Principe Herdeiro.

O seu enthusiasmo só era incondicional, legitimo de Braga, pelo Principe Frederico Carlos. Este sim, era o seu homem! Um principe estrategista, militar ás direitas, que realisara mil façanhas e encurralara Bazaine no inexpugnável Metz...

— Vejam vocês, bradava elle, que tactica fina; agadanhar assim como quem não quér a cousa, tres marechaes de França, seis mil officiaes com quasi duzentos mil soldados e ainda mil seiscentos e sessenta e cindo peças d'artilleria e duzentas e oitenta mil espingardas e mais de treze mil cavallos!

«E' estupendo o que isso representa na sciencia militar, entrincheirados como estavam dentro daquelle recinto fortificado!...

«E renderam-se subjugados simplesmente pelo genio do meu heróe!...

— Protesto... gritou um vizinho partidario de Napoleão III, os cavallos não representavam nada como sciencia, e Bazaine capitulou pela fome...

— Não diga sandice, seu Alfacinha!...

Um exercito que se entrega com treze mil cavallos vivos não padece fome. Se aqui mesmo nestes Brazis as mantas de carne-secca appetitosa que encham nossos depositos e sobre as quaes estamos pizando neste momento vêm todas das charqueadas do Uruguay...

«E do Uruguay vem carne de boi ou de éguas?... Responda!

— Calúda!... não falleemos nisto...

«Porque?... pois em Paris não ha centenas de açougues de carne de cavallo?... E que cavallos?

«O brasileiro mesmo, todo cheio de nicas, que tem nauseas quando se lhe diz que na Europa se come caramujos crus e rãs cozidas, não é nosso freguez?...

«Se aqui na terra da fartura, sem estar sitiado, elle é hippophago, paga bem esta carne de potrancas e lambe os beiços, como pois você diz que o Bazaine morria de fome, se tinha treze mil cavallos bem gordinhos?

«Assim pois fiquem sabendo, e ninguém mais me interrompa: Bazaine entregou-se porque teve medo; e depois desta façanha o meu Frederico Carlos, levou de rôjo os Bourbakis, Paladines e Chanzys através da França inteira até quasi dar-lhes um banho frio no mar da Mancha em companhia dos seus exercitos de Pioupious.

«Esta marcha atrevida não tem igual nem nas campanhas do grande Petit-Caporal; querem vocês vêr como fez Frederico Carlos?...

E Pernilongo, brandindo o facão de talhar a carne-secca, arremetteu contra o seu attento auditorio e levou de rôdo aos collegas pela porta fóra fazendo-os recuar espavoridos até á Praia do Peixe, onde felizmente um providencial kiosque mictorio lhes servio de abrigo.

Sua reputação em assumptos militares estava feita desde esse dia, e Pernilongo que já era cavalleiro da ordem do Freixo' d'Espada á Cinta lá pela terrinha,

naturalizou-se para fazer-se commandante duma companhia do batalhão de pés rapados da Chichorra, com o quartel general na ilha dos Melões.

Conseguido o seu desideratum; realizado o seu sonho azul; o bellicoso Pancrácio Pernilongo não perdia occasião de ostentar em publico sua galhardia, e quem o encontrava nos dias de parada cavalgando o punha alugado no Chico Moreau; de chanfalho a retinir na espóra nickelada; de longo pennacho encarnado pendente sobre as costas como um rabo de cavallo; com as dragonas de canotilhos a dançarem nos magros hombros; quem de longe o via passar com aquelle ar marcial, aquelle bigode de sacca-rolhas e aquelle olhar arrogante e provocador, não podia deixar de pensar comigo: — Este cuéra ha de ser valente como as armas!

E com effeito, no territorio de sua jurisdicção os homens admiravam o seu porte e temiam a sua carranca enfaruscada, ao envez do mulherio ainda portavel que amava-o como a um Benjamin e derretia-se aos seus olhares requebrados.

De repente surdio lá no reconcavo da Bahia o mystico Conselheiro.

Os chéques infligidos pelos Jagunços ás tropas regulares inflammavam o genio guerreiro do Capitão-Mór, que passava as noites a forgar os mais audazes planos de assalto a Canudos, e pela manhã reunindo o seu Estado-Maior os desenvolvia com o entusiasmo proprio do seu fogoso temperamento.

— «Ah! exclamava elle indignado ao finalizar a exposiçào de suas marchas estrategicas: Porque não me autorisa o Governo a mobilizar o meu heroico regimento de cavallaria da ilha dos Melões?... Eu seria o Frederico Carlos do reconcavo da Bahia, e o estandarte Chichorreense voltaria coberto de louros!

As explosões de sentimentos tão nobres elevavam o guapo commandante na consideração dos seus subordinados e no apreço geral dos moradores do Sacco do Alferes, onde sua presença diaria motivada pelo louvavel empenho d'exercitar a sua famosa cavallaria ilhense, o tornára altamente popular.

D. Philomena era padeira, mas nem porisso deixava de sentir como todo o genero feminino um certo formigamento debaixo do seu seio esquerdo, onde lhe palpitava com trepidações de automovel um coração de sangue quente.

Assim pois, ella coitadinha, gostava tambem de vir esperar á porta o sôr Capitão-Mór Pernilongo quando, em suas constantes idas e vindas ao Quartel General da ilha do Melões, elle passava todo empenachado a ruminar os seus tremendos planos de batalha aos Jagunços de Canudos.

E elle que não era insensivel ao sexo, mesmo das padeiras, abria um parenthesis na furiosa carga de cavallaria que em mente conduzia sobre as hôstes do Conselheiro, olhava-a requebrado e dizia com voz melliflua:

— Boa tarde, D. Philomena!

E ella remexia-se toda e respondia:

— Bás tardes, seu Commandante!... e Seu Capitão vai e seu Curnel vem, e levava a rir-se por dá cá aquella palha,

fingindo arranjar e sacudir as rôscas de amostra no taboleiro enquanto elle retinha o cavallo para dizer-lhe cousinhas que ella deleitava-se em ouvir fazendo-se de desentendida.

Se porém em um certo dia da semana ella correspondia apenas com um ligeiro movimento de cabeça e raspava-se depressa para trás do balcão, com certeza esse dia era um sabbado.

Isso intrigava sobremodo o bravo, denodado e quichotesco commandante do regimento de cavallaria a pé da ilha dos Melões.

O homem uma noite fechando-se no seu quarto poz uma pedra em cima dos planos bellicosos que lhe traziam obsésso o pensamento e poz-se por seu turno a scismar em amores.

Subito acudio-lhe uma idéa, o que acontece ás vezes até mesmo aos ornamentos da intemerata milicia da Gambôa e ilhas adjacentes.

Essa divagação pelos dominios côr de rosa do menino alado fôra como um armistício bem necessario ao seu espirito trabalhado por tantas pelejas, e pois resolveu aproveitar suas raras faculdades militares em prôl da projectada conquista amorosa; a tactica seria a mesma embora differisse a situação do inimigo.

A praça a tomar agora de assalto não era com effeito a torre redonda de Canudos, mas sim as redondezas da padeira, na apparencia desguarnecidas de qualquer engenho bellico e portanto de facil accesso, se porventura pela retaguarda não surdisse no melhor da festa o machacáz do ilhéu.

Imprescindivel se tornára um reconhecimento em regra, seguido de assalto, audaz, mas ao mesmo tempo cauteloso pôr causa d'alguma tunda; applicação practica e rigorosa da phrase legendaria — Confiar desconfiando sempre.

Assim que a occasião lhe pareceu propicia Pernilongo fez conduzir ao Arco do Telles o famoso — Péga-fogo —; encaixou em si tudo quanto tinha em galões e dragonas, enfiou na barretina um pennacho novo de crina encarnada e lá sahio a fazer curbetas em direcção á Praia Formosa.

Logo ao chegar á Cruz dos Militares apeou-se, e, prudente, entrou, benzeu-se e borrifou-se á grande jactos de agua benta para garantia do lombo; depois montou de novo e seguiu a caracolar por diante da Guarda do Correio cuja sentinella ao vê-lo tão cheio de bugigangas berrou como se lhe tivessem pisado num callo:

— A's ar...r...r...re!

Pernilongo não obstante o habito que tinha das continencias, gritadas em todos os tons, ficou nessa occasião um tanto desconcertado por lhe parecer que o soldado o agourava articulando: — Azár!... — e assim preocupado foi-se deixando levar pelo animal sem lhe occorrer o frasco d'Agua Flórída que tencionára comprar no Godinho para amaciar o animo da sua Dulcinéa... e perfumal-a.

Voltar á rua do Ouvidor era perder tempo, mas nesse entrementes descobriu uma preta de taboleiro na rua de S. Bento esquina da Prainha e comprou-lhe uma pataca de cocadinhas de abóbora e mais meia-duzia de pés de moleque,

o que tudo fez embrulhar num pedaço da Gazeta de Noticias.

Ao menos adoçava-lhe a bocca.

Na porta da padaria não havia ninguem.

Pernilongo poz o Péga-fogo a passo e de pescoço estirado foi passando a espiar para dentro.

Ninguem!

Elle disse comsigo: — com certeza ella foi justamente agora áquelle lugar... de-mos-lhe tempo — e seguiu alem a meio tróte.

Minutos depois voltou e apertando os calcanhares na barriga do pangaré este ingrillou-se com as cocégas e começou a bater com as ferraduras nas pedras deslocadas do calçamento, enquanto o capitão fazia repinicar a bainha da espada no estribo de prata.

Apezar do ruido a bella não apparecia...

«Onde estará ella que não vem vêr-me hoje que estou tão chibante?»

O leão da Chichorra não era homem de meias medidas; e pois vendo que não havia viva alma nos arredores apeou-se resolutamente, amarrando o cavallo ao gonzo da porta e resolveu penetrar até os fundos da casa.

— Se a padeira estivesse no banho?... pensou elle, mas no mesmo instante reflectio que Philomena pertencia a uma certa casta que desde o mergulho na pia baptismal nunca mais facilitou com este negocio de molhar o corpo.

Sem receio de ser indiscreto embarafustou portanto pelo corredor a dentro.

Nessa occasião a bella de seus pensamentos, sósinha na casa do forno, em saia sem mais nada, curvada sobre uma vasta tina, a suar por todos os póros, esmurrava com frenesi a massa elastica da farinha de trigo em que mergulhava os braços e os exuberantes patriotismos abalonados e volumosos como laranjas turanjas.

— Ai, que susto!

— Não é nada, sou eu, meu anjinho — e o assaltante abraçou-se ao reducto com bellico furor enfarinhando-se da cintura até o queixo.

— Mi deixe! vá s'imbora seu Curnel; tome cuidado seu capitão que hoje é sabbado!

Chi...i...i! veja só como ficou caiado?

Mas Pernilongo não queria saber de historias, nem de caiação, nem de dia de semana, e não a deixava; abraço daqui, beijóca d'acolá, mette-se-lhe por fatalidade a espada entre as pernas e lá vão os dous em penca dentro da tina...

Ainda por cumulo de caiporismo ouve-se neste momento uma voz avinhada a gritar lá fóra:

«Cum mil diabos, quem amarrado á minha porta este animalejo que está a comer-me os biscoitos?»

E longo após um orango-tango... que digo?... um chimpanzé prehistorico, barbudo e de olhos injectados, appareceu cambaleando no humbral da porta.

— Está vendo!... eu não lhe disse que hoje é sabbado, seu Capitão!... Agora estamos perdidos, é meu marido que nos pilhou! Não ha remedio, metta depressa os braços dentro da tina e faça como eu...

«Ahi! assim mesmo, tóca a amassar... e bico calado!

— Más raios te partam!... quem é este typo?

— Ah, pois você não sabe?... é verdade... agora me lembro que me esqueci de contar... é o masseiro que eu tomei para me ajudar; você não faz nada, dorme ou está na venda...

— Bom! bom! isso não vem ao caso; mas esse sujeito não tem cara de ser lá muito forte em padaria.

E dizendo isto o beberrão observava estupefacto Pernilongo que, tendo perdido de todo a tramontana amassava a barretina com o pennacho novinho em folha, tudo envolvido na papa amarelada da velha farinha de trigo.

Aquella fornada faria successo por força!

Afinal o barbúdo já assaz contrariado dessa insólita presença dum intruso no interior de sua mulher, não pôde mais conter-se:

— Padeiro assim eu nunca vi... Ah, eu vou t'ensinar com se faz isso; vou-te amassar o lombo para te mostrar como se amassa o pão!...

Mas Philomena a gritar que não lhe pusésse a perder a fornada dos freguezes foi empurrando Pernilongo, que sem pinga de sangue alcançou a porta da rua antes do ilhéu atinar com o pão de vassoura.

Emquanto o emulo de Frederico Carlos com a perna a tremer não acertava em metter o pé no estribo, Philomena lhe encaixou na cabeça a barretina, sem pennacho, e ainda a borbular a papa mofada.

O commandante grangeára, com razão, a fama de homem decidido, desses de quem se diz em voz baixa e com um tom de circumstancia — E' um damnado!... não conta com desgraças —...

Isto era a verdade pois que quando elle, garboso, fazia tremer os parallepipedos da rua do Propósito ou do becco do Suspiro sob as patas do seu árdego Péga-fogo não havia quem ousasse encaral-o sem descobrir-se.

Nestas occasiões os homens do bairro sentiam cólicas de medo; mas o bello sexo ufanava-se vaidoso se lhe merecia um simples olhar, mesmo com o rabo do olho.

Dou'ra parte o namoro do Capitão-Mór com a padeira tinha sido tão bem dissimulado que cada uma das tafúlas do quarteirão suppunha em sua intenção aquelles continuos passeios pela Gambôa e Praia Formosa.

Em resumo, o bravo Pancrácio Pernilongo era a adoração da feminidade daquellas redondezas.

Ao vê-lo pois regressar esta tarde com uma cara esverdinhada de mamão macho, com os bigodes cahidos a escorrerem um liquido branco e espesso que brotava da cabeça, e com a barretina e uniforme cobertos de uma massa glutinosa, as moças tapavam os olhos gritando assustadas:

— Santa Barbara! Os miólos do Commandante estão escorrendo pelas pernas abaixo... Que desgraça!... o que teria succedido a esse homem corajoso?

Musica

A temperatura violenta deste verão não poderia animar as actividades musicas, o que vem deixar os chronistas em apuros.

Apesar disso o Sr. Alfredo Martins Lage conseguiu reunir na sua residencia, em Santa Theresa, alguns criticos e dilettantes amigos para uma audição do jovem flautista allemão, sr. Hans Joachim Koellreuter, realizada no dia 5 ultimo.

O sr. Koellreuter, apesar de muito moço ainda, possui já um grande tirocinio como concertista e professor, tendo sido discipulo, entre outros, de famoso Marcel Moyses.

O instrumento que foi elevado ás culminancias pelo Grande Frederico da Prussia, tem neste virtuose que ora nos visita um cultor entusiasta e consciencioso. Não se trata de um simples executante, é um artista em toda a accepção do termo, revelando a sua finura em todos os detalhes, na escolha do repertorio, como na maneira pessoal com que interpreta. Além disso, como professor, o seu merito parece não ser menor, pois assim o demostram os resultados que sabemos ter obtido com os alumnos que tem leccionado durante a sua curta estadia entre nós.

No programma da alludida audição figuravam, com relevo, uma sonata de Mozart, uma pagina de Busoni (Folha de Album) e uma sonatina de um moderno francês que vive na Allemanha — Philipp Jarnach.

Nos sobrados essas exclamações iam-se propagando de janella em janella, e nas lojas, as mulheres de laia inferior, abrindo as portas das rótulas se precipitavam na rua levantando as mãos para o céu com imprecações dolorosas ao depararem com a figura desfigurada do famoso Capitão-Mór Pernilongo, o elegante, o janóta, o Ai-Jesus do bairro!

— Seria quéda de cavallo?

— Aquillo foi tiro na cabeça!...

— Quem sabe se foi machina infernal?...

— Algum accidente gravissimo, isto é certo, porém o sangue não é assim; isto é gósma branca... — diziam os pescadores e remadores dos bôtes.

— Vocês são uns idiotas, acudio o boticario da esquina, que, de gôrro de velludo, paletot de brim pardo e chinelas de tapete sahira tambem para o meio do ajuntamento. Aquillo foi bomba de dynamite arrojada por algum agente do Conselheiro; não ha que admirar que o sangue ficasse branco.

A dynamite é um reagente chimico, composto de dous elementos poderosos: a força e a inercia; a força áge e a inercia reage; dahi a reacção dos glóbulos sanguineos em contacto com a nitroglycerina, d'onde: a albumina.

«Ora, a albumina é a clara d'ovo: érgo, o sangue dynamitizado pela explosão de uma bomba transforma-se em gósma branca.

«Assim pois, é claro, o nosso intemerato commandante do regimento Chichôr-

Na vespera o sr. Koellreuter havia executado, na Radio Jornal do Brasil, algumas peças de grande difficuldade, como a *Pavana para uma Infanta Defunta* de Ravel.

A nossa impressão foi magnifica, e esperamos sinceramente que o sr. Koellreuter permaneça no Rio o mais tempo possivel, pois o seu exemplo e os seus ensinamentos serão de alto proveito para o nosso meio musical.

O Departamento de Propaganda tomou recentemente uma arriscada iniciativa: vae abandonar durante um dia na semana os sambas, frevos, marchas, e outras manifestações de brasilidade, para irradiar, na Hora do Brasil, concertos classicos com o concurso de solistas diversos e da Orchestra Municipal.

Não cremos que o empreendimento seja de longa duração. Mas o nosso scepticismo não impede absolutamente que manifestemos o melhor dos nossos applausos á noite de estréa, que foi no dia 11 ultimo, tendo Oscar Borgerth executado o *Concerto para violino* de Mendelssohn.

O nosso jovem e grande violinista esteve admiravel, executando com um brilho e uma desenvoltura que nos encheram de entusiasmo.

A orchestra, dirigida pelo Maestro Spadini, portou-se optimamente. A amestra foi das melhores, e já agora a decantada musicalidade do brasileiro vae ser posta á prova: vamos ver si os radios continuarão obstinadamente desligados no famoso intervallo das oito ás nove da noite.

C. DE S.

rense está coberto de seu precioso sangue!

— Ha de ser isso mesmo, bradaram a una voce todos os circumstantes em tom convicto... e penalizados se foram dispersando a commentar o caso.

A explicação scientifica do erudito pharmaceutico correu logo de bocca em bocca, e o vulto homerico do popularissimo Pernilongo, que, victima de tão horroso attentado, passára silencioso por entre a turba attonita, sem articular nem sequer um ai! cresceu ainda mais no conceito dos seus concidadãos.

(Eu, por minha parte senti uns suôres frios retrospectivos ao recordar a imprudencia do meu acto quando no baile dos Fenianos empurrára um bravo deste quilate sobre a barriga balôfa daquella respeitavel matrona.)

Neste entrementes o Péga-fogo trotava para o Arco do Telles e o pão ronca no lombo da padeira.

Mas na manhã seguinte, quando os freguezes ao morderem no pão massúdo encontravam a cada dentada um longo cabello encarnado e aspero, e o cuspiam fóra horrorizados, não havia nenhum que não se benzesse e não exclamasse:

— Cabellos de Satanáz!... Crédo!... Isto é o pão que o diabo amassa!

OCTAVIO DE TEFFE.

(De «Para ler na cama».)

CHRONICA DE TRANSCRIPÇÕES

POLITICA LUSO-BRASILEIRA

Sou bastantes vezes accusado de exaggeros de visão ou de lyrismo de observação, sempre que falo ou escrevo sobre as cousas, os homens e o ambiente brasileiro.

Não me incommodam taes censuras, devo declarar-o, nem me fazem desviar dos criterios que ha muito adoptei — que adoptei desde a minha primeira viagem ao Brasil — em assumpto de tanta importancia para Portugal e para os portuguezes. Especialmente quando pretendem mostrar que é um erro considerar e estudar o Brasil, não só na sua ancestralidade lusa, mas tambem nas suas características americanas. O principal motivo — agora atenuadissimo, graças a Deus! — da nossa incompreensão da alma, da intelligencia e do pensamento brasileiros, nasceu para nós da teimosa persistencia desta idéa falsa: — o Brasil é um prolongamento puro e simples da nossa Patria, é um Portugal dalém-Atlantico, e mais nada. Dahi uma série de equívocos perigosos para as relações amováveis, leaes e firmes dos dois paizes.

Certo, existem numerosas e perduráveis afinidades entre um e outro — afinidades de sentimento, de tradições, de hábitos, de espirito. Ninguem o negará, ninguem pode nem deve negal-o. Mas julgar que a identidade é completa, immutável e total, eis o que afinal constitue illusão, pueril e perturbadora illusão. E não é em alicerces de illusão que se fundam, se constroem e se mantem amizades uteis e definitivas. O Brasil e Portugal são duas personalidades, duas individualidades diversas — e dia a dia mais diversas. Comprehendel-o, affirmal-o e documental-o é contribuir para estimular o desejo de mutuo conhecimento, e assim, para erguer bases solidas em que se apoie a ambicionada e urgente «politica atlantica», futura norma de prosperidade e grandeza de nações tão espontaneamente e carinhosamente fraternas.

No prefacio dum livro recente do sr. Jacques de Lawe, — livro a que me referirei um dia destes com mais vagar — o illustre André Siegfried accentua de maneira muito clara o «americanismo» das terras ibericas do novo mundo, cujas populações, sendo na sua maioria ibericas de origem, não deixam por isso de ser já americanas. E regista: — «o europeu fica intellectualmente desorientado na America (do Norte ou do Sul); esse continente é jovem demais para nós, que somos velhos: é muito grande em comparação do nosso quadro geographico familiar, que está talhado á nossa medida humana; dá uma impressão de espaço que nos esmaga porque sabemos nunca o poder medir, e, ainda, insegurança, inquietação perante um optimismo chronico que se julga senhor e dono do porvir.» Mais adiante, commenta: «o passado occupa um vasto lugar na vida sul-americana; mas esse passado não é necessariamente limitado ao da raça branca, tão

proximo, afinal; ha uma tradição indiana que Jacques de Lawe teve a coragem, contrahindo muita denegação official, de collocar na verdadeira altura». Isto, já se sabe, mais do lado do Pacifico, mas, todavia verificavel tambem, em menor grau, mas em grau significativo, do lado do Atlantico. Aliás, nós não ignoramos o cuidado que está merecendo aos brasileiros a analyse da contribuição do indio na formação da grei. Do indio e do preto. Junte-se a isto a idéa de que, de facto, «existe um continente americano que é o mesmo em toda a parte», e ter-se-á esboçado um conceito, não sensacional, mas exacto, da atmospheria não europeia, não igual á nossa, que se respira na America, e, por conseguinte, no Brasil.

Não se receie parecer pouco patriota, pouco portuguez acceitando e espalhando este conceito, que a lucidez e a experiencia de André Siegfried offerecem á nossa meditação. Se, como sempre o acreditei, a Portugal e Brasil breve se abrirão destinos e horizontes communs no ambito da politica internacional, mais do que nunca é preciso não a assentar em confusões nocivas ao pleno aproveitamento das circumstancias que nos approxi-

mam e nos unem. A rhetorica habitual adormeceu na formula facil do Brasil filho de Portugal, seu seguidor e imitador. Authentico dislate! A gente moça de Portugal, que tanto tem feito para nos revelar a gente e o espirito novos do Brasil, pertence a gloriosa tarefa, a tarefa patriótica, de fixar em realidades concretas e em verdades incontestáveis a perenne e generosa aspiração duma efficaz politica atlantica, ou luso-brasileiro em tudo e por tudo.

JOÃO DE BARROS.

(Transcripto de «O Primeiro de Janeiro», do Porto, de 8 de Fevereiro de 1938).

NOTA SOBRE GILBERTO FREYRE

Gilberto Freyre é um homem singular. Nordestino, o seu temperamento reservado contrasta com o dos seus compatriotas, por inspiração de momento, construindo methodicamente a sua obra. Moço pela idade, dedica-se á edificação paciente de uma summa sociologia do seu paiz em vez de, como quasi todos os novos, esboçar, simplesmente, obras futuras. Educado por norte-americanos, não se desnacionalizou, como a tantos brasileiros acontece, só por influencia indirecta de certas formas exteriores da civilização yankee. Poeta, submetteu o lyrismo espontaneo de todo o brasileiro á disciplina mental do homem de ciencia; mas, sendo um cientista, não desprezou a intuição poetica. Sociologo, não confundiu o methodo rigoroso do investigador com o processo de criação litteraria, mas tem realizado uma obra de arte. Historiador, não se occupa, nos seus livros, das figuras historicas, dos personagens, que são os themas unicos da historiographia official brasileira; pelo contrario, procura todos os exemplos na vida collectiva. Historiador social, portanto, podia cair facilmente no demagogismo, mas evita sempre tudo quanto possa corromper o seu juizo. Neto de senhores de engenho, não guarda nenhum preconceito de casta, julgando os seus avós tão objectivamente como os escravos, os moleques de bagaceira ou os trabalhadores do eito.

Mas Gilberto Freyre não é tão conhecido em Portugal que não seja necessario dizer immediatamente ao leitor em que consiste a sua obra. Começou este homem singular por uma apologia da sua geração, publicada em opusculo. Por mais paradoxal que pareça começar por uma apologia da propria geração, antes de ella ter realizado qualquer coisa, tem esse facto um significado profundo. Gilberto Freyre sentiu, se é que não compreendeu, desde muito novo, que a sua geração incumbia uma difficil tarefa. E possivel que nem o proprio Gilberto Freyre tenha tido, desde logo, a noção exacta da tarefa que incumbia á sua geração. Mas de uma coisa elle tinha, evidentemente, a certeza: que um dever o chamava, que uma missão qualquer lhe competia. E essa certeza dava

Acaba de apparecer **COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL**

estudando, do ponto de vista científico,

- A raça africana e seus costumes na Bahia
- O colono preto como factor da civilização brasileira
- A arte culinária na Bahia
- Notas de folclore negro.

E' um livro de pesquisa e observação directa

por

MANUEL QUERINO

o fa oso vanguardeiro de todos os estudos de africanologia no Brasil.

Volume XV da "Biblioteca de Divulgação Científica"

Preço: volume broch. 12\$000

Em todas as Livrarias e na
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro

á sua geração, e a Gilberto Freyre em particular, uma gravidade nova em gente moça do Brasil. Ao entrar na vida intellectual e social, esses rapazes não o fizeram cantando, mas de testa franzida, preocupados com os problemas do seu paiz e da sua região.

E' possível, como disse, que nem Gilberto Freyre tenha visto logo, nitidamente, qual o papel que á sua geração competia desempenhar. Melhor seria dizer que, por auto-criticismo, Gilberto Freyre não acceitou logo a idéa de que a elle e aos seus companheiros de geração cabia realizar obra tão excepcional. Porque, na verdade, essa obra consistia em descobrir e revelar o verdadeiro Brasil, e com poucos mestres, ou predecessores podia contar a nova geração. Apenas, na historia ou na philosophia social, um Euclides da Cunha, um Nina Rodrigues, um Capistrano de Abreu, um Sylvio Romero, um Alberto Torres, um João Ribeiro, um Oliveira Viana, um Paulo Prado, poucos mais e nem todos isentos de theorismo!

Gilberto Freyre confessa, referindo-se aos tempos em que, alumno da Universidade de Columbia, nos Estados-Unidos, conheceu o professor Franz Boas, o grande mestre da anthropologia moderna: «Creio que nenhum estudante russo, romantico, do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Russia do que eu pelos do Brasil na phase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração: da nossa maneira de resolver questões seculares.» Não podia, de facto, Gilberto Freyre resolver as questões seculares do Brasil; mas podia estudar profundamente os problemas do seu Estado — Pernambuco —, e com elle toda a vasta região do Nordeste, permittindo que, amanhã, alguns desses problemas possam ser resolvidos por um escol de homens politicos ou por um grande estadista.

A verdade é que Gilberto Freyre desde sempre se preocupou com os problemas da sua terra e da sua gente. Muito jovem, já na imprensa local se occupava de tudo quanto, de qualquer forma, pudesse constituir elemento de estudo da vida social do povo brasileiro. Sob esse aspecto, por ser revelador da acuidade social de Gilberto Freyre, tem alguma importancia o livro de *Artigos de Jornal*, compilados pelos seus amigos e companheiros de geração. Por elle se vê que Gilberto Freyre teve sempre, e antes de mais ninguem no Brasil, um interesse profundo por tudo aquillo que os historiadores costumam desprezar e que revela, melhor do que os acontecimentos historicos, a psychologia de um povo: a cozinha tradicional, a architectura das velhas casas, os usos e costumes antigos. Com material desse genero pode, em grande parte, Gilberto Freyre reconstituir a physionomia da sua terra e a vida intima da sua gente no passado, esclarecendo o presente e permittindo preparar o futuro.

E' essa a importancia social da extraordinaria obra iniciada com *Casa-Grande e Senzala*, continuada com *Sobrados e Mucambos*, completada pelo recente *Nordeste*, e em vias de conclusão com o futuro *Ordem e Progresso*. No pri-

meiro livro, Gilberto Freyre estudou a *formação da familia brasileira sob o regimen de economia patriarchal*; no segundo, analysou a *decadencia do patriarchado rural no Brasil*; no tomo que tem em preparação fará a historia do fim desse regimen feudal, da propriedade familiar, da substituição do *Banguê* pela *Usina*, daquella morte de uma sociedade de que José Lins do Rego fez o romance cyclico. Em todos esses vastos capitulos da summa que está edificando sobre a vida social do seu paiz, Gilberto Freyre estuda, particularmente, a região nordestina, e as suas características: a grande propriedade, a monocultura latifundiaria da canna de asucar e o trabalho servil, com todas as suas consequencias economicas, sociaes e moraes. No *Nordeste*, applicando, pela primeira vez no Brasil, os methodos da ecologia, quero dizer, duma nova sciencia «que se occupa da planta, do animal ou do homem em relação com o meio ou com o ambiente», define os *aspectos da influência da canna sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*, — de um dos Nordeste, «porque há, pelo menos, dois, o agrário e o pastoril», e nesse livro, como em todos os outros seus, o que elle perscruta é o Nordeste agrário, o da canna de asucar. Mas, parecendo ser assim limitado o objecto das suas investigações, é a sua obra, na verdade, não um indice do Brasil, porque o Brasil é muito vasto e diverso, mas um ponto de vista sobre todo o Brasil, porque em todo elle, sob outras formas, existem os mesmos problemas.

JOSE OSORIO DE OLIVEIRA.

(Transcripto da «Revista de Portugal», Numero 2, Coimbra, Janeiro de 1938).

O EXEMPLO DE FERNANDO PESSOA

Raros poetas, mesmo os mais perdidos nas profundidades do tempo, me deram jámais, como me deu Fernando Pessoa, a quem comtudo vi e ouvi, de quem neste momento ainda julgo ouvir o risinho trocista, e ver os olhos brilhando de malicia, raros me deram jámais a impressão de tal distancia, de tal afastamento no tempo. E como se delle tivesse ficado apenas a obra, e tudo o mais desaparecido, aniquillado por seculos de destruição. Poeta intemporal como talvez nenhum outro. E como da sua vida quasi nada transparecia, senão porventura a rarissimos intimos, assim tambem a sua obra nos surge sem esses mil e um traços de humanidade que costumam surgir da leitura das tentativas pelas quaes o artista se foi aproximando da perfeição, do amadurecimento. Não, dir-se-ia que Fernando Pessoa «nasceu feito», que a sua obra surgiu definitiva, sem evolução, sem phases de hesitante procura. Dir-se-ia na verdade que Fernando Pessoa realizou na simultaneidade dos seus heteronymos a synthese duma evolução que não realizou no tempo.

Não será justo dizermos que a «sua vida» era para elle a obra? Para ella viveu, elle que na vida não «foi nada», confundindo-se com milhões e milhões de outros homens dos quaes comtudo não

nos costuma chocar o apagado da vida. Assim, fugindo a deixar transparecer na sua obra o quer que fosse duma existencia particular, elle proprio desenhou em eternidade a physionomia do poeta, sem ter de pedir ao tempo que fizesse esquecer os signaes do homem. Deveremos então dizer que se trata do mais deshumanizado dos poetas? Não, devemos, pelo contrario, dizer que nenhum outro do nosso tempo foi tão directamente ao interior do homem. O que lhe falta é interesse pelo occasional, pelo circumstancial, que muitos julgam ser todo o humano, ai delles! A obra de Fernando Pessoa não revela o eterno do homem no accidental, mas no proprio eterno. Despreza os disfarces do que parece: — vae direita ao ser.

Comtudo, bem poucos serão os que tenham um ideal tão puro como o seu; pelo menos, poucos poderão tel-o, pois é o mais duro, o mais asceptico dos ideaes. E, portanto, não existem, da maior parte de nós para a sua obra, aquelles pontos de contacto pelos quaes o homem dá ás vezes tanto ou mais do que o artista. Não existem, como não existiam antes que elle morresse. Elle era, para a maior parte de nós, tanto de outro mundo que não foi precisa a sua morte para nos apparecer na pura nudez da sua obra, despido do tempo. Procurou sempre existir nella, e só nella; dahi o que á nossa fraqueza de demasiado terrenos pode afigurar-se duro e incomprehensivel sacrificio: essa vida obscura que levou, ser porventura o mais perfeito signal da sua grandeza. Lembremos da indiferença e do silencio, quando não do riso soez e do sarcasmo, que pouco mais os seus contemporaneos lhe deram em paga da obra, compenetremonos bem do que significa de dominio o soberbo, o heroico isolamento em que viveu, e poderemos então dar o seu inteiro valor á fé inquebrantavel com que permaneceu fiel a si proprio e ao seu destino, que era levar a cabo a sua obra. Lembro os seus versos:

*O' grandes homens do Momento!
O' grandes glorias a ferver
De quem a obscuridade fuge!
Aproveitem sem pensamento!
Tratem da jama e do comer
Que amanhã é dos loucos de hoje!*

Elle soube abdicar das pobres satisfações da gloria, viver obscuro, sabendo muito bem quem era e quanto valia. E quando o evoco assim, tão puro na suprema grandeza da attenção á obra e de indiferença por esta miseria que os homens fizeram da vida, que eu melhor sinto quanto pode significar o culto pela sua memoria, e ao que nos chama o seu exemplo.

ADOLFO CASAES MONTEIRO.

(Transcripto do «Diario de Lisboa» de 9 de Dezembro de 1937).

STENDHAL

DO AMOR

Em Edição ARIEL

Preço: 15\$000

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Gastão Cruls — A AMAZONIA QUE EU VI — 2.^a edição — Série «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Matheus de Albuquerque — CARTA A UM VOLUNTARIO Ariel Editora Ltda. — Rio de Janeiro.
- João Alphonsus — ROLA-MOÇA — Romance — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Affonso Schmidt — ZANZALÁS — Novella — Edição «Spes» — São Paulo.
- Azevedo Amaral — O ESTADO AUTORITARIO E A REALIDADE NACIONAL — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Adhemar Dias Duarte — AMOR E PECCADO... — Miscellanea — Bello Horizonte.
- Funchal Garcia — MEMORIAS DE IVAN TRIGAL — Edição do Autor — Rio.
- Tavares Franco — A ENCHENTE — Romance — Schmidt — Editor — Rio.
- Augusto Amado — FORÇAS DO CORAÇÃO — Poesias — A. Coelho Branco Filho — Rio.
- B. Sampaio — QUESTÕES DA LINGUA — Editora Comp. Melhoramentos — São Paulo.
- Azevedo Amaral e Samuel Wainer — ALMANACK ISRAELITA — Edição de 1937 — Rio de Janeiro.
- Luiz Vianna Filho — A SABINADA — Vol. 8 da Coll. «Documentos Brasileiros» — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Alcantara Machado — BRASILIO MACHADO — Vol. 9 da Coll. «Documentos Brasileiros» — Livraria José Olympio Editora — Rio de Janeiro.
- Carlos Madeira — O ROMANCE DE THEREZA MARIA — Imprensa Official — Victoria.
- Luiz da Camara Cascudo — O MARQUEZ DE OLINDA E SEU TEMPO — Série «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Carlos Sussekind de Mendonça — SYLVIO ROMERO — SUA FORMAÇÃO INTELLECTUAL — Série «Brasiliiana» — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- Archivo do Estado da Bahia — A REVOLUÇÃO DE 7 DE NOVEMBRO DE 1837 (SABINADA) — Vol. Primeiro — Bahia.
- Mario Souto Maior — POEMETOS QUE O VENTO NÃO CARREGOU — Edição Guma — Recife.
- Phedro — FABULAS — Notas grammaticas e versos escandidos por B. Sampaio — Edição da Companhia Melhoramentos — São Paulo.
- Neif Antonio Alem — Dulce de Moraes Bianchini — LE FRANÇAIS APPRIS SANS PEINE — Méthode Directe — Première Année — Companhia Melhoramentos — São Paulo.
- Leão Tolstoi — O CANTO DO CYSNE — Collecção SIP — Civilização Brasileira — Rio de Janeiro.
- INDICE GENERAL DE LA REVISTA AMERICANA DE BUENOS AIRES — 1924-1937 — Buenos Aires.
- BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO — 5.^a série — N.ºs 20-21.
- ARCHIVOS DE MEDICINA LEGAL E IDENTIFICAÇÃO — Anno VIII — Numero 15.
- CATALOGO COMMEMORATIVO DO 100.^o VOLUME DA COLLECÇÃO BRASILIANA — Companhia Editora Nacional — São Paulo.
- REVISTA DE PORTUGAL — Coimbra — Numero 2.
- PAGINAS — Revista de cultura moderna — Havana — Anno I — Numeros 1, 2 e 3.

— *Faux-Passeports*, de Charles Plisnier, o belga que vem de ser premiado pelos membros da Academia Goncourt, será antes uma successão de romances que um romance propriamente dito. Observa-se-lhe a ausencia de certa articulação no entrecho, mas quanta vivacidade nos retratos das personagens, em geral figuras de homens em revolta contra a sociedade! A Charles Plisnier não faltam qualidades de chronicista, de jornalista á moderna.

Algumas opiniões criticas sobre

A AMAZONIA QUE EU VI

diario de viagem de Gastão Cruls que acaba de apparecer em 2.^a edição, na «Collecção Brasiliiana», da Companhia Editora Nacional de S. Paulo.

Isto é mais do que a Amazonia que Gastão Cruls viu; é a Amazonia que elle nos faz ver, de uma maneira deliciosa, pelo milagre de um bom gosto apurado, sem tropos nem lentejoulas.

ROQUETTE PINTO.

(Do Prefacio)

O que dá uma grande valor á obra de Gastão Cruls é a universal curiosidade do autor. Ha viajantes que vêm scenas novas só pelo prazer de as reproduzir, de tentar descrevel-as. O que os interessa são os panoramas. Mas Gastão Cruls, medico e homem de letras, preocupado tambem com questões scientificas, tem uma curiosidade illimitada e insaciavel.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

(Jornal do Commercio, 27-4-30)

...o Sr. Cruls, evitando as fantasmagorias romanticas, a atmospha de espantos e os esbanjamentos de luz peculiares aos amazonistas de contrafacção, enriquece-nos com dezenas de detalhes interessantes, que nos transmite com finura, num livre sempre legivel, que li com prazer e estou certo, de que os meus leitores lerão com prazer não menor.

AGRIPPINO GRIECO.

(O Jornal, 27-4-30)

Escriptor elegante e singelo, o Sr. Gastão Cruls é um desses espiritos que sabem dirigir a sua penna e regular a sua emoção.

Viajando embora por fantasia, sentiu, no momento, a sua responsabilidade de historiador. Dahi a superioridade deste ultimo livro como subsidio historico, e a sua inferioridade, relativamente ao outro, como litteratura.

HUMBERTO DE CAMPOS.

(Correio da Manhã, 17-5-30)

Livros desta natureza convencem de que, ou teremos de abandonar o nosso systema de vida, tempo consagrado exclusivamente ás obras estereis da politicagem, ou teremos que renunciar, mais cedo ou mais tarde, á aspiração de sermos um grande povo e de fazermos do Brasil uma grande republica.

PLINIO BARRETO.

(O Estado de S. Paulo, 16-8-30)

O «diario» do Sr. Gastão Cruls já agora constitue um dos bons retratos que possuímos de uma região do nosso Brasil real.

...foi optimo pretexto para que nos desse um livro muito interessante, documento fiel da nossa realidade interior, de nossa brasilidade sem véos ou arranjos, que é um serviço grande para as nossas letras e um exito seguro para o seu autor.

TRISTÃO DE ATHAYDE.

(O Jornal, 29-3-31)

J O A Q U I M N A B U C O

A Civilização Brasileira S. A., continuando a sua iniciativa de editar as «Obras Completas de Joaquim Nabuco», acaba de lançar os seguintes livros do grande escriptor brasileiro:

Pensamentos sôltos

A primeira traducção da famosa obra de Nabuco, publicada inicialmente em francez sob o titulo «Pensées Détachées». Traducção, feita especialmente para a Civilização Brasileira S. A., pela propria filha de Nabuco, a escriptora Carolina Nabuco.

Brochura 10\$000.

B a l m a c e d a

Um dos livros mais procurados do grande pensador brasileiro. Exgottado ha muitos annos, a iniciativa da Civilização Brasileira S. A. foi a realização de um velho desejo de todo o publico da nossa terra.

Brochura 7\$000.

Outras obras de Joaquim Nabuco, já apparecidas na mesma série:

M i n h a f o r m a ç ã o

A obra prima, o grande livro de emoção e de pensamento, que nos legou a pena de Nabuco. Encontra-se em suas paginas o famoso trecho em que elle recorda a sua infancia passada no Engenho de Massangana.

Brochura 8\$000.

Encad. simples 15\$000.

Encad. de luxo 18\$000.

Um Estadista do Imperio

O grande livro em que Nabuco estuda toda a vida social e politica do Imperio, traçando a biographia do seu pae, o conselheiro Nabuco de Araujo. E' todo o panorama do Brasil Imperial, agitando-se as figuras de relevo na politica, na litteratura, com todos os sectores da vida nacional daquella época. A vida de um brasileiro illustre contada por seu filho—um dos maiores brasileiros.

Broch. (2 grandes vols.) 50\$000.

Encad. (2 grandes vols.) 80\$000.

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

— RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO —

POESIA

A presença da poesia vale como uma esperança e um ato de fé. A poesia ainda é a grande força que empresta ao homem dignidade e alegria — Procure o contacto da poesia, na leitura dos livros editados pela Civilização Brasileira S. A.

Poesias escolhidas de Manoel Bandeira

Todo o mundo intelectual brasileiro tomou parte, no ano passado, nas comemorações do 50º aniversário de Manoel Bandeira. Foi a consagração, ainda em vida, gesto raro no Brasil, prestada ao poeta que sempre se ligou á mais pura e bella poesia.

Poeta de versos medidos ou de versos modernos, á antiga, fazendo sonetos que ainda hoje comovem, ou se entregando aos ritmos soltos da grande poesia modernista, Manoel Bandeira é sempre uma voz de pensamento e de emoção, detentora do mysterio e da graça da poesia.

Neste livro estão colecionados os seus mais altos poemas.

Vol. broch: 7\$000

Poesia de Ribeiro Couto

A poesia de Ribeiro Couto, o nosso grande escriptor, é toda ella uma mensagem de ternura e de emoção. Para elle existe o mundo invisivel onde as confidencias tem o seu clima e a sua luz. Dono de uma das nossas maiores obras literarias — a poesia de Ribeiro Couto é uma forma enternecida de conversas em voz baixa.

«Poesia» é o volume em que ele resumiu dois livros seus, exgotados ha algum tempo, e nunca esquecidos pelo publico, que continuava a reclamar-os: o «Jardim das confidencias» e os «Poemetos de ternura e melancolia». Os titulos dão o sabôr e o perfume da poesia. Este é um livro admiravel cuja pôsse nos assegura infaveis instantes de emoção.

Vol. broch: 6\$000

Meu Brasil Catullo da Paixão Cearense

O nosso grande bardo sertanejo offerece, neste livro, a sua comovida declaração de amor á terra. São poemas, ora escriptos na lingua errada e dôcedos sertanejos, ora na lingua certa e agil dos homens da cidade, mas sempre tocados da melhor poesia. Sentimentos marcantes da nossa gente, coisas do Brasil, céos do Brasil, graça do Brasil, tudo neste livro regionalista e universal, pelo poder da poesia.

Vol. broch: 5\$000

Fabulas e Allegorias Catullo da Paixão Cearense

Livro de filosofia sob forma poetica, breviario de conduta humana, este livro de Catullo é uma verdadeira realização intelectual e emotiva, fixação de um dos momentos mais felizes do poeta.

É um livro de experiencia e meditação.

A forma é leve, ás vezes é engraçada, ironica, ferina, mas o pensamento é sempre profundo, guarda sempre uma lição a meditar.

Vol. broch: 6\$000

Serenidade de Osorio Dutra

Sensibilidade delicadissima, homem para o qual existe o mundo sensivel que os olhos communs não vêm, o Sr. Osorio Dutra deu-nos um admiravel livro de poesia.

«Serenidade» é o spectaculo de um magnifico poeta, sabendo exprimir em versos modernos o mysterio da poesia.

Livro de exquesito e penetrante perfume, duradoura vóz de enternecimento e dedicação.

Vol. broch: 6\$000

Coração encantado Cleomenes Campos

O Sr. Cleomenes Campos é poeta que todo o Brasil admira. A graça dos seus versos anda na boca de todos os que amam a verdadeira poesia e sabem onde ir buscal-a.

Desnecessario exaltar o valôr deste livro. Quantas das poesias que elle contem não andam repetidas de Norte a Sul, declamadas, amadas pelo povo. Esta a grande consagração, e o sr. Cleomenes Campos ha muito tempo obteve-a.

Vol. broch: 5\$000

Poesias Escolhidas Alberto de Oliveira

Poeta immortal, que entrou na historia da literatura brasileira com os titulos da poesia e da emoção, Alberto Oliveira resistiu ao tempo e á morte.

Vindo do parnasianismo, sempre foi um namorado da forma, e ninguem sabia, como elle, compôr a justa musica de um verso bem medido.

Eis porque é um dos grandes poetas do Brasil. As suas «Poesias escolhidas» apparecem agora reunindo o que de melhor elle compoz, exhibindo a sumula do seu genio, o sumario da sua poesia.

Livro para todas as horas; as de pura emoção e as de estudo da poesia brasileira

Vol. broch: 7\$000

Em todas as livrarias e na LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 162 — RIO DE JANEIRO

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

O Marquez de Olinda e o seu tempo

Luis da Camara Cascudo

Na agitada fisionomia politica do Imperio, a figura de Araujo Lima, o Marquez de Olinda, avulta como a de um ser profundamente ligado ao Brasil. Não é um imitador de modas europeas, não é um figurinista de facéis vãos. Tem a força e a dignidade de uma arvore de raizes fundamente mergulhadas na terra, é «duro, serio, pesado e sincero» como diz Luis da Camara Cascudo.

O eminente historiador brasileiro, autor illustre de tantas paginas definitivas em nossa literatura historica, tem, nesta obra, o seu livro mais largo. Luis da Camara Cascudo fez não apenas o retrato do Marquez de Olinda, mas tambem focalizou com aguda visão o ambiente, o meio, as intrigas politicas, a atividade dos estadistas entre os quais se moveo Olinda.

É um livro panoramico. O historiador acompanha o seu biografado a todos os sentimentos, e, aqui ou na Europa, nunca abandona-o á sua propria vida. Este é um livro de um grande valôr historico e de inapreciaveis dons literarios, retrato de uma grande vida, panorama de uma epoca batida pelo calor de um povo que se iniciava na liberdade e na independencia.

Broch. 12\$000

A Amazonia que eu vi

Gastão Cruls

A Amazonia, o mysterio da terra, o valôr do homem, estão fixados de maneira duradoura e viva nas paginas desta livro. É um roteiro de viagem. Autor de romances que todo o Brasil admira, o illustre escritor Gastão Cruls deixou o conforto das grandes cidades e se dispôs, num puro gesto de dedicação á ciencia, a enfrentar a Amazonia em companhia do General Rondon. Essa viagem memoravel, efetuada de Obidos a Tumucumaque, afim de inspecionar as fronteiras do Brasil com a Guyana Hollandeza, está relatada neste livro.

Mas o romancista não faz romance. A «Amazonia que eu vi», de Gastão Cruls, é a obra de um cientista, em primeiro lugar, e de um escritor. É um livro objectivo, forte, poderoso. Não ha, aqui, a literatura das palavras vazias. Ha o documento, ha o homem brasileiro, o caboclo nativo, lutando na vida obscura, ha a imensidade dos rios que são, de facto, immensos, ha a terra em sua expressão veridica e nua. É, de certo, um grande livro brasileiro.

Broch: 12\$000

Silvio Romero — Vol. 114

Carlos Sussekind de Mendonça

São raros, em nossa literatura, os livros como este, em que o sr. Carlos Sussekind de Mendonça faz obra de historiador literario, limitando a sua pesquisa á formação intellectual do biografado.

De facto, o interessante é saber como se formou o espirito desse Silvio Romero, como se desenvolveu a aguia, como cresceu a arvore, como e porque subio tão alto o pequenino sergipano nascido em 1851. Este volume estuda justamente, o periodo que vae de 1851 a 1880. Do nascimento ao apogeu da vida mental, quando Silvio Romero encerra a formação intellectual ao obter, depois de ruidoso concurso, a cathedra de Filosofia no Imperial Colegio de Pedro II. O livro termina ahi. Mas, nessas 330 paginas, quanta indicação, quanto detalhe, quanto documento a mostrar, passo a passo, a ascensão de um espirito que foi dos maiores que possuímos.

É uma obra indispensavel a todos os estudiosos da nossa literatura, mas é, principalmente, um livro de grande significação intellectual.

Broch: 12\$000

Estudos piauienses — Vol. 116

Agenor Augusto de Miranda

O autor é um estudioso profundo de questões brasileiras. Mas um estudioso que ama o detalhe. Focaliza um pequeno territorio, e estuda-o longamente. Fez assim com o Rio São Francisco, noutro volume desta coleção. Agora é a vez do estado do Piauhy.

Neste livro estão resumidos seis ensaios, mapas, indicações, pesquisas. É a formação da terra, e o povoamento. É o estudo da climatologia. É a pesquisa de sambaquis, que o sr. Agenor Augusto de Miranda explorou no delta parnaibano, mostrando-se assim, minucioso arqueologo. É o trabalho do geografo, buscando localizar lagôas que os mapas assignalam mas que, entanto, não têm existencia real. É o estudo das secas, feito por um engenheiro que alia a erudição ao dominio da technica.

Como se vê, livro dos mais interessantes, dos mais ricos como fonte de estudo.

Broch: 9\$000

Viagem ao Brasil — Vol. 95

Luiz Agassiz e Elizabeth Agassiz

O famoso naturalista francez Luis Agassiz foi, de certo, um dos mais argutos observadores e viajantes do Brasil do tempo passado. Naquelles tempos em que uma viagem do Rio a S. Paulo assumia caracter de aventura, toca-se o eminente sabio de Nova York para o Brasil, chefiando uma pequena expedição de seis membros efetivos, e alguns vieram a ter consideravel influencia no desenvolvimento da ciencia em nosso paiz.

A viagem de Agassiz, realizada em 1865 estendeu-se por todo o Norte, e até o Rio de Janeiro, interessando-lhe principalmente a bacia amazonica. O repatorio de informações etnograficas, sociologicas, geologicas, alem das que dizem respeito á ciencia natural, tornam este livro um precioso volume. Alem disso, numa tradução primorosa de Edgard Sussekind de Mendonça, é uma leitura das mais atrahentes, tão atrahente quanto util.

Broch: 18\$000

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

— Rio de Janeiro

— Recife

— Bahia

— Porto Alegre

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Para servir ao desenvolvimento da ciência em nosso país, e estimular o gosto pelos estudos especializados, a Cia. Editora Nacional creou a serie 4ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — Serie «Iniciação Científica».

Os maiores nomes da Ciência, no Brasil e no mundo, assignam os livros desta coleção.

1 - Prof. Sigm. Freud

Cinco lições de psicanalyse

Uma obra original do famoso mestre viennense. Freud, neste livro, esclarece alguns dos pontos mais interessantes da psicanalyse. O assunto é do maior interesse e o autor é o proprio criador da teoria psicanalista.

2 - Dr. Otavio Domingues

Eugenia em cinco lições

A Eugenia é a ciencia do desenvolvimento e aperfeiçoamento do homem. O Dr. Otavio Domingues realiza, nesta obra, um utilissimo, claro e precioso trabalho de divulgação. — Vol. Broch: 5\$000

3 - Max Beer

Karl Marx: sua vida e sua obra

Critica e definição do marxismo e panorama da vida do discutido filosofo alemão Karl Max.

Vol. broch: (exgotado)

4 - Dr. Alexandre Lipschütz

Porque morremos

O dr. Lipschütz é uma das grandes figuras da biologia mundial. O seu livro explica varios mysterios da biologia. E' um estado da vida do homem, em sua palpitante realidade. — Vol. broch: 6\$000

5 - Dr. André Dreyfus

A vida e o universo e outros ensaios

Os problemas fundamentaes do ser vivo estão aqui fixados. A theoria dos «quanta». O infra-atomo. A vida em suas minimas manifestações, fixada pelo illustre cientista nacional. — Vol. broch: 6\$000

6 - Eng. Milton da Silva Rodrigues

Elementos da Estatística Geral

Um livro de grande utilidade, unico na literatura nacional. Os problemas de estatística ensinados por uma das nossas maiores autoridades no assunto.

Vol. broch: (exgotado)

7 - Dr. C. de Mello-Leitão

A vida maravilhosa dos animaes

Ha subtis ligações e curiosas coincidencias entre a vida do homem e das outras especies animaes. As aranhas. As abelhas. Todo o mundo zoologico exposto aos nossos olhos avidos. — Vol. broch: 10\$000

9 - Prof. Armand Cuvillier

A B C de Psicologia

A velha ciencia da psicologia é uma das mais novas ciencias. De facto, as modificações que a ciencia moderna impoz á psicologia transformaram-na. E' agora uma ciencia positiva e experimental. Conheça-a. — Vol. broch: 8\$000

9 - Prof. Fernando de Azevedo

Principios de Sociologia

O livro é uma preciosa introdução á Ciencia Social. O grande educador e sociologo brasileiro realizou neste livro uma obra fundamental: é o livro indicado a quem deseje um estudo largo e inicial da Sociologia, a mais interessante das ciencias do homem — Vol. broch: 15\$000

10 - Henry George

Progresso e pobreza

O fundador do «georgismo» expõe nesta obra as idéas fundamentaes do seu sistema. Um livro de intelligente comprehensão. — Vol. broch: 10\$000

11 - Prof. Rudolf Laun

A Democracia

As agitações politicas que sacodem o mundo, no momento atual, tornam cada vez maior a significação das formulas democraticas. A democracia ainda é a esperança do homem. Aqui está ela estudada por um dos maiores sociologos e juristas da Europa. — Vol. broch: 15\$000

12 - Profs. Osborn e Neumeyer

A comunidade e a Sociedade

Eis uma visão extremamente clara da sociologia, escrita por dois grandes pesquisadores europeus continua a ser uma parte inexgotavel de curiosidade e estudo. — Vol. broch: 20\$000

13 - Prof. Anyone Costa

Arqueologia Geral

O eminente mestre da arqueologia brasileira traça, neste livro, uma visão panoramica da arqueologia no mundo: as civilizações da America pre-colombiana — a antiguidade classica — as velhas civilizações do Oriente — Um grande livro de cultura, escrito na mais elegante fórma literaria. — Vol. broch: 15\$000

14 - Gustave Bessière

Cinco lições de economia racional

Livro da mais viva importancia ensina a ciencia economica formando assim, um verdadeiro compendio de Arithmetica para uso dos homens de Estado. Um livro novo e utilissimo. — Vol. broch: 10\$000

15 - Emile Durkheim

As regras do metodo sociologico

A tradução desta obra de Durkheim representa um dos maiores serviços prestados ao desenvolvimento da sociologia. Estão aqui compendiadas as ideas fundamentaes do grande reformador da sociologia moderna. — Vol. broch: 12\$000

16 - François Perroux

Os mitos hitleristas

O assunto tem a mais viva atualidade. Quem acompanha as agitações da politica europea, desejará conhecer, á luz da fria documentação, varios problemas da Allemanha contemporanea. — Vol. broch: 10\$000

Os livros da serie «Iniciação Científica» representam uma preciosa fonte de estudos científicos postos á disposição do publico do Brasil e de Portugal.

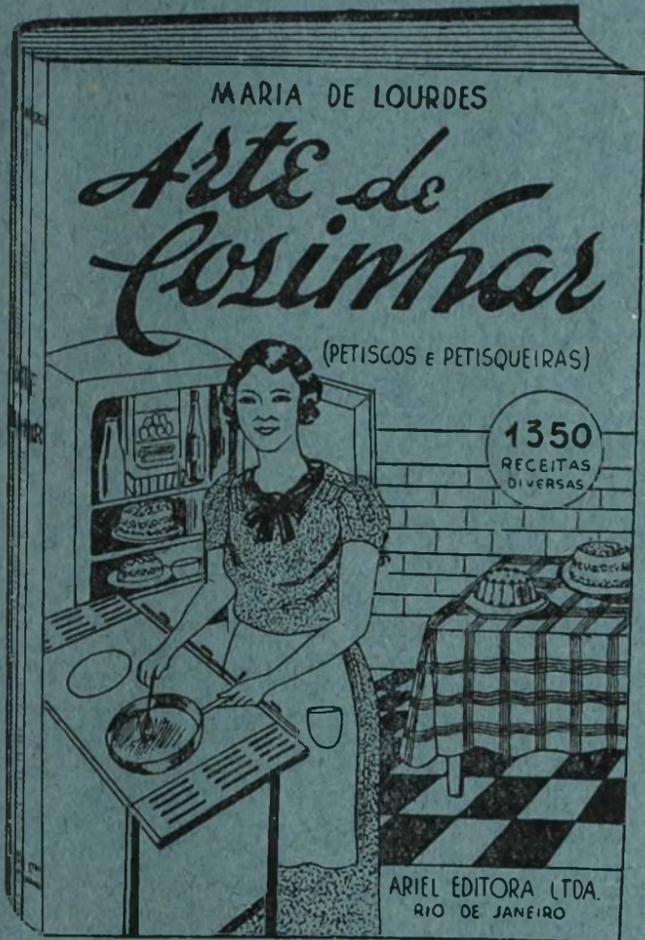
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto-Alegre.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — BAHIA — PORTO ALEGRE

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Mólhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustáceos	Aperitivos	Brôas
	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
Carnes	Toddys	Bolachas
Caças	Egg-Noggs	Rosquinhas
Áves	Fizzes	Etc. Etc. Etc.

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

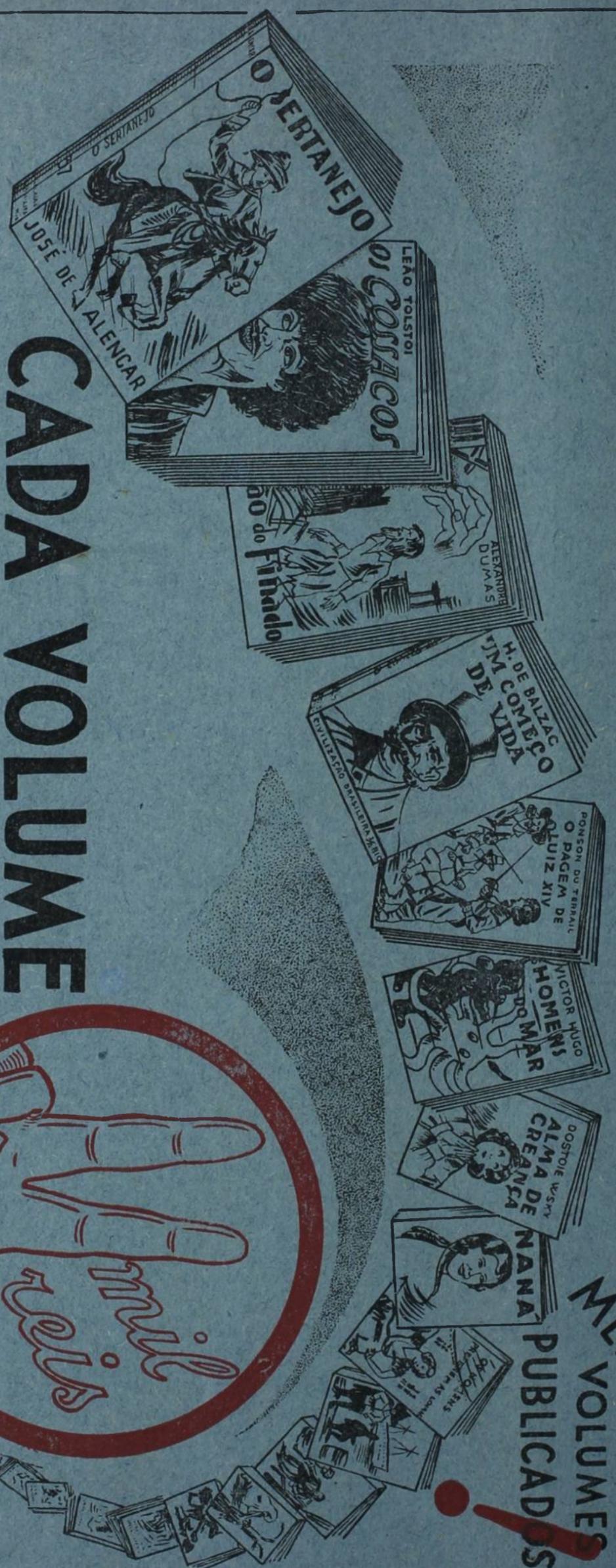
Volume cartonado 12\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO

